

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Suyan Barcellos Dutra

**HISTÓRIA DE VIDA DE UMA PROFESSORA QUE ENSINOU EM
ESCOLAS DO CAMPO COM CLASSES MULTISSERIADAS NA
REGIÃO CENTRAL DO RS**

Santa Maria, RS

2019

Suyan Barcellos Dutra

**HISTÓRIA DE VIDA DE UMA PROFESSORA QUE ENSINOU EM ESCOLAS DO
CAMPO COM CLASSES MULTISSERIADAS NA REGIÃO CENTRAL DO RS**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do título de **Mestre em Educação**.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Helenise Sangoi Antunes

Santa Maria, RS,

2019

Dutra, Suyan Barcellos

HISTÓRIA DE VIDA DE UMA PROFESSORA QUE ENSINOU EM
ESCOLAS DO CAMPO COM CLASSES MULTISSERIADAS NA REGIÃO
CENTRAL DO RS / Suyan Barcellos Dutra.- 2019.

150 p.; 30 cm

Orientador: Helenise Sangoi Antunes

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Maria, Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em
Educação, RS, 2019

1. Formação Docente 2. Classes Multisseriadas 3.
Relatos (auto)biográficos I. Antunes, Helenise Sangoi
II. Título.

Suyan Barcellos Dutra

**HISTÓRIA DE VIDA DE UMA PROFESSORA QUE ENSINOU EM ESCOLAS
DO CAMPO COM CLASSES MULTISSERVIADAS NA REGIÃO CENTRAL DO
RS**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Mestre em Educação**.

Aprovado em 02 de agosto 2019:



Prof. Dr^a Helenise Sangoi Antunes (UFSM)
(Presidente/Orientadora)



Prof. Dr^a Ana Luiza Ruschel Nunes (UEPG)



Prof. Dr^a Adriana Moreira da Rocha Veiga (UFSM)

Santa Maria, RS, 2019

DEDICATÓRIA

**Aqueles que são importantes
em minha vida: minha mãe
Cleusa e meu pai Alfredo.**

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente, a Deus por ter me dado saúde e força para concluir esse trabalho e ter me acompanhado em todo esse processo de aprendizagem.

Sou grata pelo apoio dos meus pais Alfredo e Cleusa Barcellos por estarem sempre comigo em todos os meus processos acadêmicos, os quais me proporcionaram um crescimento pessoal e profissional.

Agradeço o companheirismo, paciência, compreensão e amizade dos meus irmãos Claiton e Alfredo Filho pelo apoio nessa minha caminhada.

Meu sincero agradecimento a minha prima Sarah que esteve me apoiando e incentivando mesmo distante em todo o processo do desenvolvimento da escrita.

Agradeço ao Grupo de Estudo e Pesquisa sobre Formação Inicial, Continuada e Alfabetização (GEPFICA) o qual me proporcionou crescer profissionalmente e pessoalmente, além de eu ter a oportunidade de ter conhecido profissionais incríveis. Destaco algumas amigas que são presentes para a vida: Adriana Neusser, Flávia Bopp e Tascieli Feltrin.

In memory Vanir.

Agradeço à professora Doutora Helenise Sangoi Antunes por ter-me ajudado no desenvolvimento da escrita, além de compartilhar seus conhecimentos referente à temática abordada.

À Ana Luiza, Adriana Veiga e Denise Batalha, banca examinadora: pelas contribuições na minha escrita.

Agradeço à professora Suzana, sem você está escrita não seria possível.

Aos meus amigos que, perto ou longe, torcem pelo meu sucesso e estão sempre me motivando.

RESUMO

HISTÓRIA DE VIDA DE UMA PROFESSORA QUE ENSINOU EM ESCOLAS DO CAMPO COM CLASSES MULTISSERIADAS NA REGIÃO CENTRAL DO RS

AUTORA: Suyan Barcellos Dutra
ORIENTADORA: Helenise Sangoi Antunes

Esta pesquisa teve como objetivo investigar a formação inicial da professora para atuar na escola multisseriada. Como metodologia de pesquisa optou-se por uma abordagem qualitativa utilizando como instrumentos de coleta de informações as entrevistas narrativas, os relatos (auto)biográficos, os registros sobre a prática docente e as fotos. O que possibilitou recontar a trajetória pessoal e profissional da colaboradora. Os objetivos específicos foram os seguintes: conhecer a trajetórias formativas da colaboradora, descrever como são as classes multisseriadas e o impacto da mesma na atuação docente. Foi desenvolvido uma revisão de literatura com as palavras-chave: formação docente, alfabetização e classes multisseriadas, além de pesquisas bibliográficas. Para o desenvolvimento da escrita utilizou-se os seguintes autores: Abrahão (2004, 2018), Antunes (2001), Arroyo (2006), Barthers (1984), Bergson (2006), Bosi (1994), Dutra; Antunes (2019), Minayo (1993,1994, 2001), Nóvoa (1989, 1992, 1995, 2001), Piovesan (2007) e Souza (2006). Para a realização da análise dos achados da pesquisa construiu-se as seguintes categorias: início da carreira, formação inicial, primeiros contatos com classes multisseriadas, desafios das turmas multisseriadas, planejamentos das aulas, interação professor aluno e interação com os colegas e transformação na infraestrutura da escola. Através da primeira e da segunda categoria, foi possível conhecer os processos identitários da professora e sua trajetória formativa. Por meio da terceira, quarta e quinta categorias, foi viabilizado as dificuldades encontradas frente às turmas multisseriadas, além de ficar nítido que frente aos obstáculos essa profissional nunca desistiu dos seus alunos, buscando formas de ensinar em uma turma com níveis de aprendizado diversificado. Com a sexta e sétima categoria, conhecemos as relações desenvolvidas por essa profissional, percebemos o quanto é forte o vínculo dela com a comunidade escolar, na última categoria é abordado sobre as mudanças na escola, a qual a colaboradora pode acompanhar a evolução da infraestrutura. Entendo que o desenvolvimento desta pesquisa foi de suma importância, possibilitando compreender os desafios que os profissionais encontram em classes multisseriadas, entre eles a falta de uma formação específica para atuar nas classes multisseriadas. Ao mesmo tempo, o conhecimento de uma história de vida tão enriquecedora e inspiradora para novos docentes que atuam e irão atuar em classes multisseriadas apresenta-se como uma trajetória de vida resiliente no exercício de sua profissão.

Palavras-chave: Formação Docente. Classes Multisseriadas. Relatos (auto)biográficos.

ABSTRACT

LIFE STORY OF A TEACHER WHO TAUGHT IN COUNTRY SCHOOLS WITH MULTISERIED GRADES IN CENTRAL RS

AUTHOR: Suyan Barcellos Dutra
ADVISER: Helenise Sangoi Antunes

This research aimed to investigate the initial training of the teacher to work in the multiseried grade. As a research methodology, a qualitative approach was chosen using narrative interviews, (auto)biographical reports, records about teaching practice and photos as instruments for collecting information. This made it possible to recount the personal and professional trajectory of the collaborator. The specific objectives were as follows: to know the training trajectories of the collaborator, describe how are the multiseried grades and the impact of the employee in the teaching performance. A literature review was developed with the keywords: teacher education, literacy and multiseried class, as well as bibliographic research. For the development of writing, the following authors were used: Abrahão (2004, 2018), Antunes (2001), Arroyo (2006), Barthers (1984), Bergson (2006), Bosi (1994), Dutra; Antunes (2019), Minayo (1993,1994, 2001), Nóvoa (1989, 1992, 1995, 2001), Piovesan (2007) and Souza (2006). The following categories were constructed: early career, initial training, first contacts with multiseried classes, challenges of multiseried grades, lesson planning, teacher interaction interaction with colleagues and transformation into the school's infrastructure. Through the first and second category, it was possible to know the identity processes of the teacher and her formative trajectory. Through the third, fourth and fifth categories, the difficulties encountered in front of the multiseried grades were made possible, besides being clear that in the face of obstacles this professional never gave up on her students, seeking ways to teach in a class with diverse learning levels. With the sixth and seventh category, we know the relationships developed by this professional, we realize how strong her bond with the school community is strong, in the last category is addressed about the changes in the school, which the employee can follow the infrastructure developments. With the sixth and seventh category, we learn the relationships developed by this professional, we realize how strong her bond with the school community is, in the last category is addressed about the changes in the school, which the Collaborator can follow the infrastructure developments. I understand that the development of this research was of tremendous importance making it possible to understand the challenges that professionals encounter in multiseried classes, including the lack of a specific training to act on them. At the same time, the knowledge of such an enriching and inspiring life story for new teachers who work and will act in multiseried grades presents itself as a resilient life path in the exercise of their profession.

Keywords: Teacher Training. Multiseried grades. Biographical (auto)Reports.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 -	Apresentação de final do ano em 1999 na Escola Municipal de Ensino Fundamental Padre Nóbrega	24
Figura 2 -	Formatura do 3º Ano do Ensino Médio	27
Figura 3 -	Semana da Calourada 2012	32
Figura 4 -	Ato em defesa do Curso de Licenciatura em Pedagogia	33
Figura 5 -	Formatura: Colação de Grau	34
Figura 6 -	Meus pais na minha formatura do Curso de Pedagogia Diurno (2016)	35
Figura 7 -	Secretaria do LAMEN	37
Figura 8 -	Momentos com minhas colegas na E.M.E.I Borges de Medeiros em 2015	39
Figura 9 -	VII Seminário Nacional de Formação de Professores Cartografias da Educação do Campo	41
Figura 10 –	Defesa da monografia de Especialização em Gestão Educacional, sob orientação da Profª Drª Débora Ortiz de Leão	43
Figura 11 –	Turma de docência orientada (Estágio Supervisionado nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental)	45
Figura 12 -	Pesquisadora e professora Suzana, colaboradora da pesquisa na biblioteca da E.M.E.F Pedro Kunz	52
Figura 13 -	Mapa do Passo das tropas	62
Figura 14 -	E.M.E. F Pedro Kunz	63
Figura 15 -	Professora Suzana na Escola Estadual João Belém	100
Figura 16 -	Professora Suzana na Secretaria Municipal de Educação (SMED)	102

LISTA DE TABELAS

Tabela 1.0 - Tabela descritiva das categorias de análise	49
Tabela 2.0 - Trabalhos acadêmicos encontrados em repositórios com o tema “formação docente”	67
Tabela 3.0 - Trabalhos acadêmicos encontrados em repositórios com o tema “alfabetização”	74
Tabela 4.0 - Trabalhos acadêmicos encontrados em repositórios com o tema “classes multisseriadas”	82

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	19
1 AS TRAJETÓRIAS DE VIDA DE FORMAÇÃO DE UMA PEDAGOGA: CAMINHOS CONSTRUÍDOS PARA O TEMA DA PESQUISA	23
1.1 ENTRADA NA ESCOLA	23
1.2 ENSINO MÉDIO	26
1.3 ENSINO SUPERIOR	28
1.3.1 Bolsista voluntária GPFOPE	35
1.3.2 Bolsista do LAMEN	36
1.3.3 Experiência CIEE	37
1.3.4 Grupo de Estudo e Pesquisa sobre Formação Inicial, Continuada e Alfabetização - GEPFICA/UFMS	40
1.3.5 Especialização em Gestão Educacional/UFMS	41
1.3.6 Mestrado em Educação/UFMS	44
2 CAMINHOS METODOLÓGICOS	47
2.1 COMO CHEGUEI À COLABORADORA	50
2.2 HISTÓRIA DE VIDA E (AUTO)BIOGRAFIAS	53
2.3 HISTÓRIA ORAL E FOTOGRAFIA	56
2.4 COMO A PESQUISA FOI ORGANIZADA	61
2.5 CENÁRIO ONDE OCORREU A PESQUISA	61
3 ESTADO DE CONHECIMENTO	65
3.1 LEVANTAMENTO DA PRODUÇÃO DOS ARTIGOS REFERENTES A PALAVRA-CHAVE “FORMAÇÃO DOCENTE”	67
3.2 LEVANTAMENTO DA PRODUÇÃO DOS ARTIGOS REFERENTES A PALAVRA-CHAVE “ALFABETIZAÇÃO”	74
3.3 LEVANTAMENTO DA PRODUÇÃO DOS ARTIGOS REFERENTE A PALAVRA-CHAVE “CLASSE MULTISSERIADA”	82
4 EDUCAÇÃO DO CAMPO E AS CLASSES MULTISSERIADAS	87
4.1 CONCEPÇÕES DA EDUCAÇÃO DO CAMPO E OS DESAFIOS PARA O CURRÍCULO DAS ESCOLAS MULTISSERIADAS	90
4.2 CURRÍCULO, PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO E LEGISLAÇÃO PARA O CAMPO	92
5 O FAZER-SE PROFESSOR POR MEIO DA EXPERIÊNCIA EM TURMAS MULTISSERIADAS	97
CONSIDERAÇÕES FINAIS	113
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	117

ANEXOS	123
ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP	125
ANEXO B – ENTREVISTA NARRATIVA VIA TÓPICOS-GUIA	129
ANEXO C – QUADRO DE ANÁLISE	133
ANEXO D – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	137
ANEXO E – TERMO DE CEDÊNCIA DE USO	141
ANEXO F – AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL	143
ANEXO G – RELATO (AUTO)BIOGRÁFICO ESCRITO	145

INTRODUÇÃO

Esta dissertação surgiu, com a minha participação em uma disciplina do mestrado, quando fui aluna especial. A qual se chamava (PPE1125) Seminário/Avançado LP1: Histórias de Vida na Formação de Professores no Ensino Rural, ministrada pela prof^a. Dr^a. Helenise Sangoi Antunes. Onde tive a oportunidade de ficar em uma classe multisseriada, enquanto a professora responsável pela turma participava das palestras. No período de graduação em Pedagogia Diurno, na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), sempre estive envolvida de forma direta ou indireta com o contexto sobre a educação do campo.

Meu primeiro contato com as escolas do campo foi através da prof^a. Dr^a. Ane Carine Meurer, após essa introdução nesse ambiente de trabalho vieram novas oportunidades de inserção com os estudos de textos em encontros no Grupo de Estudo e Pesquisa sobre Formação Inicial, Continuada e Alfabetização (GEPFICA), coordenado pela prof^a. Dr^a. Helenise Sangoi Antunes. Após as reflexões e debates sobre os textos abordados durante os encontros, começou a despertar em mim a vontade de pesquisar sobre escolas no campo com turmas multisseriadas. Contudo, essa vontade somente instaurou-se quando fiquei em uma turma multisseriada e pude perceber na prática o quanto é complexo planejar em uma sala com diferentes níveis de aprendizado.

Nessa pesquisa olho para uma profissional que atuou em escolas com classes multisseriadas, com um olhar sensível, escutando o que a mesma tem a dizer sobre suas vivências e experiências. A discussão teve como objetivo inicial investigar a formação inicial de uma professora que atuou na escola multisseriada, tendo como seus objetivos específicos: conhecer a trajetória formativa da professora alfabetizadora, descrever como são as classes multisseriadas e o impacto das mesmas na atuação docente.

A finalidade da pesquisa foi proporcionar contribuições sobre a educação do campo, pois acredito que é um tema significativo de ser estudado. Também saliento sobre os desafios curriculares encontrados pelos profissionais que estão inseridos em classes multisseriadas. A intenção da pesquisa, não foi apenas atualizar os leitores sobre a temática, mas sim de fazer com que os mesmos percebam o quanto é complexo desenvolver um trabalho pedagógico em salas multisseriadas. A questão norteadora foi: qual a formação que a professora recebeu para atuar na escola

multisseriada e o impacto deste processo formativo nas suas práticas docentes no ciclo de alfabetização?

Para a realização deste trabalho, foi necessário desenvolver uma pesquisa bibliográfica, utilizando o apoio de livros e artigos científicos. Para a fundamentação teórica da pesquisa. Nesse sentido, buscou-se sempre analisar as informações encontradas em diferentes fontes, já que, ao utilizar a pesquisa bibliográfica pode-se coletar informações equivocadas. O papel do pesquisador é importante, pois esse deve procurar fontes primárias e estar sempre atualizado sobre o tema que se está pesquisando.

Foi utilizado autores como: Abrahão (2004, 2018), Antunes (2011), Barthes (1984), Becker (1994), Bergson (2006), Bogdan e Biklen (2000), Bosi (1994), Camargo (1984), Chizotti (1991), Freire (2001, 1996), Gadotti (1991), Halbwachs (2006), Kossoy (2002), Libâneo (2001), Lüdke e André (2001), Minayo (1994, 2001), Moita (1995), Nóvoa (1992), Nóvoa e Finger (2010), Oliveira (2000), Pimenta (2000), Piovesan (2007), Queiroz (1988), Santos (2009), Souza e Meirelles (2014), Souza (2012), Rios (2013), Veiga (1989), para que eu pudesse fundamentar a pesquisa.

Nesse sentido, organizo este trabalho abordando os motivos que levaram esta mestrandia a desenvolver a escrita sobre essa temática. Dessa maneira, a pesquisa vai estar estruturada da seguinte forma: o primeiro capítulo envolvendo as trajetórias de vida e formação de uma pedagoga: caminhos construídos para o tema da pesquisa, onde abordo de forma objetiva minha história de vida. O segundo capítulo, focado nos caminhos metodológicos utilizados para que fosse possível a realização da pesquisa em questão.

No terceiro capítulo, apresento o estudo da arte sobre a formação de professores, alfabetização e classes multisseriadas o qual teve como objetivo buscar as produções científicas publicadas sobre as temáticas elencadas. O capítulo quarto, “educação do campo e as classes multisseriadas, procurou-se de forma sucinta, apresentar as concepções acerca da educação do campo e os desafios para o currículo das escolas multisseriadas, assim como trazer informações sobre o currículo, projeto político pedagógico e a legislação do campo. O quinto capítulo e último, “o fazer-se professora por meio da experiência em turmas multisseriadas”, procurou-se especificar os primeiros contatos com a classe multisseriadas, formação inicial, início da carreira, desafios das turmas multisseriadas, interação professor e

aluno, interação com os colegas, planejamentos das aulas e as transformações na infraestrutura da escola.

Nas reflexões finais destaco as questões relevantes da pesquisa, assim como contemplar os objetivos e questão norteadora definida nesta pesquisa.

1 AS TRAJETÓRIAS DE VIDA DE FORMAÇÃO DE UMA PEDAGOGA: CAMINHOS CONSTRUÍDOS PARA O TEMA DA PESQUISA

A retomada da infância distante, buscando a compreensão do meu ato de “ler” o mundo particular em que me movia – e até onde não sou traído pela memória, me é absolutamente significativo. Neste esforço o que me vou entregando, re-crio, e re-vivo, no texto que escrevo, a experiência vivida no momento em que ainda não lia a palavra (FREIRE, 1996, p.12).

1.1 ENTRADA NA ESCOLA

Minha história começa na cidade de Santa Maria, situada no Rio Grande do Sul. Sempre gostei de morar aqui, assim como estudar. Algumas pessoas às vezes não gostam de sua cidade natal, porém eu tenho orgulho de ser Santa-Mariense. A mesma proporcionou-me encontrar e reencontrar pessoas incríveis que fazem parte do meu vínculo afetivo.

Minha trajetória no ambiente educacional sempre aconteceu de uma perspectiva positiva, uma vez que sempre gostei de ir para a escola. Meus pais Cleusa e Alfredo sempre me motivaram a gostar de jogos relacionados com letras e números, além de eu estar inserida em um ambiente no qual eu tinha a oportunidade de exploração de diferentes materiais de leitura e jogos didáticos, logo não senti dificuldades no momento da lecto-escrita no ciclo de alfabetização.

Reexaminar a história de vida possibilita que ocorra uma autoformação segundo Oliveira (2000).

Essa construção de si próprio é um processo de formação, ou melhor, de autoformação. A instalação de dispositivos que possibilitam rememoração e a reflexão sobre os acontecimentos que produziram “marcas”, que inscreveram registros, acaba dando passagem a outras criações... (OLIVEIRA, 2000, p.16).

Esse repensar proporciona um novo olhar sobre situações que ocorreram no passado, uma vez que as histórias de vida são repletas de significados, memórias e repleta de emoções, em virtude de que lembraremos. Ressaltando os pontos positivos e outros nem tanto, porém são essas situações que fazem a mesma ser tão expressiva.

Minhas memórias sobre a pré-escola são positivas, já que a professora demonstrava afetividade com todos os alunos e eu sempre me senti acolhida, meus pais nunca precisaram ficar comigo no período de adaptação nas primeiras semanas

de aula. Lembro que muitas vezes alguns pais retornavam para buscar seus filhos, pois esses não conseguiam ficar até o final da aula.

Dentre as fotos que tenho sobre o Ensino Fundamental, optei por uma que mais toca meu coração na qual estou com a professora Rejane, responsável pela turma do pré. A imagem representa a apresentação de final de ano. Percebe-se um misto de sentimentos na imagem: alegria, afeto, confiança, surpresa e insegurança, o qual se sobrepõe a dúvida de como vai ser a próxima série que traz consigo diferentes sentimentos sobre um novo ciclo de aprendizagem, obstáculos, descobertas e aventuras. Conforme a Figura 1:

Figura 1 - Apresentação de final do ano em 1999 na Escola Municipal de Ensino Fundamental Padre Nóbrega



Fonte: Arquivo pessoal de Suyan Barcellos Dutra

Ao rever essa imagem, um filme passa em minha mente. Onde relembro os sentimentos, acontecimentos que marcaram o meu processo de formação. Os sentimentos que experimentamos em nossa jornada são tantos que citei anteriormente os quais julgo serem mais importantes.

Na verdade, o passado se conserva por si mesmo, automaticamente. Inteiro, sem dúvida, ele nos segue a todo instante: o que sentimos, pensamos, quisermos desde nossa primeira infância está aí, debruçado sobre o presente que a ele irá se juntar, forçando a porta da consciência (BERGSON, 2006, p.47-48).

Se eu fechar meus olhos lembro-me de forma exata como era a organização da sala da professora Rejane: a parede tinha dois tons, uma metade verde forte, enquanto a outra parte era uma cor creme, ao adentrar na sala havia uma madeira fina, que seguia toda parede no lado direito da sala nessa madeirinha tinha vários saquinhos organizados em ordem alfabética com os nomes dos alunos, havia dois armários um de metal onde ficavam as merendeiras e no outro que era de madeira ficavam os materiais escolares (papel crepom, folha de ofício, giz de cera, tinta guache, canetinhas hidrográficas, lápis de cor, além de jogos educativos).

A sala era estruturada com classes enormes onde sentávamos em grupos, esse ambiente era sempre alegre, estar em um ambiente educacional com essas características é de suma importância para o desenvolvimento cognitivo da criança, aprendíamos jogar, brincar, explorar e conhecer o corpo, escutávamos histórias, construíamos identidade e autonomia, perguntávamos, argumentávamos e desenhávamos.

Ao longo do ensino fundamental passamos por transformações assim como as salas de aula e o ambiente de estudo, uma vez que ao começarmos no ciclo de alfabetização a sala era colorida, com materiais diversificados, jogos e vários trabalhos nas paredes e concluímos o ensino fundamental com salas com paredes com poucos trabalhos.

Nesse processo de crescimento pude refletir sobre os tipos diversificados de professores que tive ao longo do meu ciclo de alfabetização, alguns lembro-me exatamente de como era o desenvolvimento de suas aulas, dinâmicas utilizadas, seus nomes (Rejane, Ana, Elisabeth, Regina, Silvana, Glaiton), assim como gostaria de não recordar de alguns profissionais que na minha percepção eram bem tradicionais, os quais passavam vários conteúdos, mas não nos ensinavam a pensar e refletir sobre o que estávamos aprendendo.

Numa perspectiva atual penso que esses profissionais tinham preferência em estar numa zona confortável na qual não se percebia nenhuma iniciativa de fazer com que os sujeitos fossem críticos, o que é um equívoco como sabemos, já que a

finalidade da educação é o pleno desenvolvimento do educando, assim como seu preparo para o exercício da cidadania como também sua qualificação para o trabalho.

No decorrer do ensino fundamental tive professores muito conservadores não havia o espaço favorável para o diálogo flexível, já que a aula era centrada nos professores só eles sabiam as respostas para tudo. É importante ter educadores “com certo amadurecimento, intelectual, emocional, comunicacional e ético” (MORAN, 2000). Eu tive também professores que faziam aulas diversificadas e que levavam em consideração as curiosidades dos alunos e despertavam o desejo em aprender.

1.2 ENSINO MÉDIO

Minhas memórias do ensino médio abordam os três anos que estudei no Colégio Estadual Coronel Pilar, localizado na rua Pinto Bandeira, nº 225. Lembro que no primeiro dia de aula fiquei esperando o sinal tocar no lado de fora do colégio, após o segundo toque adentrei naquele novo espaço que faria parte por três anos do meu cotidiano o qual foi em sua completude incrível.

As recordações são em sua totalidade positivas como havia abordado anteriormente, talvez porque com o tempo vamos amadurecendo. Sabemos que podemos ter opiniões sobre as temáticas abordadas e que o professor vai escutar nossos argumentos. Não tenho nenhuma crítica sobre meus professores do ensino médio, destaco que a gestão era muito participativa com a comunidade escolar.

Na primeira semana de aula já haviam os grupos na sala de aula, assim como os grupos para as aulas de educação física. Sempre gostei de jogar futebol, mas não havia essa disponibilidade para as meninas, então formamos um grupo com umas doze meninas e fomos ao encontro do professor pedir para que pudéssemos ter aula com a temática futebol feminino, mas participamos somente no primeiro ano, no segundo fomos participar das aulas de vôlei e no terceiro ano participávamos das aulas de ginástica que eram espetaculares, repletas de dinâmicas diversificadas.

O colégio em questão estava sempre organizando algum evento que englobasse a escola em sua totalidade, todo ano tinha a gincana, era perceptível que os pais participavam das atividades desenvolvidas durante o ano. Os funcionários eram sempre atenciosos com todos que chegavam naquela instituição de ensino. De acordo com Pimenta (2000)

A escola e os professores têm um grande trabalho a realizar com as crianças e os jovens, que é proceder a mediação entre os alunos no sentido de possibilitar-lhes, pelo desenvolvimento da reflexão, adquirirem a sabedoria necessária à permanente construção do humano (PIMENTA, 2000, p.22).

Nesse novo ambiente tive o privilégio de conhecer profissionais da educação que demonstravam autoconhecimento na forma como abordavam os conteúdos ensinados, permitindo que os alunos refletissem sobre as temáticas e os mesmos nos auxiliavam na construção de novos saberes. Vou sempre lembrar-me do ensino médio como um ambiente agradável e receptivo, pois era assim que me sentia quando era aluna. Dentre as fotos que tenho referente às minhas vivências no colégio Estadual Coronel Pilar, escolhi por compartilhar a que representa o término desse ciclo de aprendizagem o qual se refere a minha formatura. Conforme pode ser observado na Figura 2:

Figura 2 - Formatura do 3º Ano do Ensino Médio



Fonte: Arquivo pessoal de Suyan Barcellos Dutra

A imagem mostra a concretização do ensino médio. A formatura foi realizada no auditório do 1º Rapmon - Brigada Militar. É nítida a minha felicidade por finalizar mais uma etapa. Utilizo muitas fotos durante a minha escrita, para demonstrar o quanto foi importante cada ciclo, rever as fotografias me proporcionam lembrar situações que ocorreram no passado. Segundo Barthers (1984, p.13) “o que a fotografia reproduz ao infinito só ocorreu uma vez: ela repete mecanicamente o que nunca mais poderá repetir-se existencialmente”. Por isso utilizo as fotografias, uma vez que elas são de suma importância na minha escrita. Para Leite (2004, p.40) a fotografia está longe de ser um objeto neutro, já que abriga significados “que interferem na codificação e nas decodificações da mensagem transmitida”.

O compromisso da fotografia é com o aparente das coisas. A fotografia é certamente um registro do visível; ela não é, nem pretende ser, um raio x dos objetos ou das personagens retratadas. Seu fascínio reside exatamente aí, na possibilidade que oferece à pesquisa, à descoberta e às múltiplas interpretações que os receptores dela farão ao longo da História. (KOSSOY, 2002, p.143).

A fotografia nos proporciona lembrar diferentes sentimentos sobre determinadas situações que ocorreram no passado, trazendo consigo significações de acordo com o conteúdo da imagem.

1.3 ENSINO SUPERIOR

No último ano do ensino médio, eu estava perdida com muitos questionamentos de qual profissão eu deveria escolher e optei por tentar o Curso de Psicologia, mas naquele ano não passei. Alguns colegas passavam pelas mesmas inquietações que eu. Por mais que eu houvesse feito uma escolha eu não tinha certeza se realmente aquela era a profissão que eu queria. No ano posterior eu já havia terminado o ensino médio e comecei a fazer um trabalho voluntário com crianças de 4 (quatro) e 5 (cinco) anos.

No decorrer desse trabalho eu comecei a olhar as crianças com um olhar diferente mais sensível, pois ocorria uma troca entre mim e elas; eu estava inserida no contexto delas e havia uma troca de conhecimentos entre nós. Com o passar do tempo eu fui percebendo o quanto trabalhar com elas me fazia bem e era uma

experiência maravilhosa, através das brincadeiras elas aprendiam. Foi com elas que comecei a perceber qual era minha opção profissional.

A memória é portanto, um tipo de relação que se estabelece entre o presente e o passado. Simbolicamente, ela é capaz de congelar o tempo por um instante, fornecendo uma imagem bem acabada sobre determinado momento de nossas vidas, permitindo que ele seja revivido de algum modo por nós. (RIOS, 2013, p.6).

Nesse mesmo ano do trabalho voluntariado, fiz o vestibular sem quaisquer dúvidas sobre o curso que optei, quando não consegui ter êxito na primeira vez fiquei triste e esse é um sentimento compreensível, mas no ano posterior a tristeza deu passagem para um sentimento enorme de felicidade foi com àquelas crianças que encontrei a minha profissão.

Normalmente, as pessoas optam por fazer determinados cursos, pois seus pais são da profissão ou é uma profissão que sempre chamou sua atenção, no meu caso foi um voluntariado que me proporcionou enxergar minha aptidão. O meu objetivo com a minha profissão é estar sempre atualizada e ter um olhar sensível para os meus alunos, auxiliando os mesmos da melhor forma possível, diferente do que ocorreu comigo e meus colegas em alguns momentos da Educação Básica.

Algumas vezes essa opção de ser pedagoga não é vista como uma boa escolha por alguns familiares, já que esses não desejam que seus filhos, sobrinhos e afilhados, optem por essa profissão, porém meus pais sempre me incentivaram a ir atrás do que eu gosto e não deixar me influenciar pelo que as outras pessoas acham.

Durante a graduação tive a oportunidade de desenvolver atividades de disciplinas complementares de graduação que me proporcionaram um crescimento tanto pessoal como profissional: Práticas Pedagógicas não Escolares (FUE1059), Educação e Direitos Humanos (FUE1084) e Educação de Jovens e Adultos (ADE1028). Foi com a disciplina de EJA, que tive meu primeiro encontro com a educação do campo, o qual tivemos que desenvolver um artigo sobre a temática e apresentar para a turma, em outros momentos durante a graduação conversávamos sobre as classes multisseriada, mas nada tão profundo como nessa disciplina.

Posteriormente, tive a oportunidade de visitar uma escola do campo, na disciplina de práticas pedagógicas não escolares, a qual foi deliberado que nós acadêmicos pudéssemos andar pelos diferentes ambientes da escola. Nesse momento percebi as dificuldades encontradas pelos professores que ensinam em

turmas multisseriadas, essas que englobam alunos com diferentes idades e níveis de aprendizado diferentes, porém essa situação só ocorre na zona rural, em alguns casos essas escolas se localizam em áreas de difícil acesso.

Compreendo nesse momento ao vivenciarmos como é a rotina desses profissionais o quanto é complexo o trabalho desenvolvido pelos mesmos, devido que essa conjunção com crianças de diferentes idades e séries em um mesmo ambiente faz com que o professor ensine seus alunos de formas fragmentadas, com estratégias e materiais atualizados respeitando as dificuldades particulares de cada um e principalmente adaptando-se as circunstâncias ao qual os alunos estão inseridos.

Durante a graduação todas as atividades desenvolvidas durante os semestres foram excepcionais para que eu tivesse êxito na realização das atividades desenvolvidas no estágio. Acredito que a disciplina (MEN1175) de Prática de Ensino na Educação Básica: Inserção e Monitoria foi a norteadora para que eu optasse por desenvolver o estágio na educação infantil.

Visto que, nessa disciplina observei os professores dos anos iniciais e da educação infantil e após acompanharmos os trabalhos desses profissionais, passamos uma semana realizando as atividades com as turmas que havíamos observado, acredito que ter a possibilidade de trabalhar com a educação básica no mesmo semestre foi importante para o nosso processo de ensino-aprendizagem.

A razão pela qual decidi estudar sobre o tema alfabetização e letramento veio de uma oportunidade de uma disciplina intitulada (MEN 1170) Processos de Leitura e da Escrita I e Processos de Leitura e da Escrita II (MEN 1176). O qual eu ficava com dúvidas se existia um melhor método de ensino para que as crianças pudessem aprender a ler e escrever, com a realização de pesquisas bibliográficas sobre a temática, buscou-se investigar os desafios que professoras enfrentavam para alfabetizar seus alunos. Nesse processo de escrita pesquisei e fiz leituras sobre as seguintes autoras: Ferreiro e Teberosky (1985).

Estar inserida no ambiente acadêmico me proporcionou muitos momentos de aprendizagem, reflexão, foi gratificante ter sido bolsista voluntária em um grupo de estudo na UFSM, além de pôr em prática o que já havia aprendido ao longo do curso ao fazer o estágio extracurricular no Centro de Integração Empresa Escola (CIEE). No meu último ano de graduanda comecei a participar de algumas reuniões do Grupo de Estudo e Pesquisa sobre Formação Inicial, Continuada e Alfabetização (GEPFICA), o qual fui convidada pela minha orientadora de trabalho de conclusão de curso (TCC),

Profª Drª Helenise Sangoi Antunes, com o grupo de pesquisa tive a oportunidade de aprofundar meus conhecimentos sobre Educação do Campo.

A partir dessa nova oportunidade de começar a estudar e fazer leituras referentes a essa temática, que em alguns momentos tive a oportunidade de estudar, durante o final da graduação começou uma vontade de desenvolver artigos sobre a educação do campo e no meu último ano fui coautora de um trabalho o qual se intitulava: A Formação Docente para a Atuação na Educação do Campo no Brasil: Uma discussão, e foi apresentado na XXX Jornada Acadêmica Integrada (JAI).

Participar dos eventos que eram proporcionados pela instituição de ensino na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), assim como em outros estabelecimentos proporcionou que eu pudesse aprender sobre as diferentes temáticas sobre os professores. Ter a oportunidade de participar de oficinas, palestras e ser da comissão organizadora de eventos, me permitiu estar em um movimento de aprendizado com os diferentes profissionais que estão envolvidos com a educação.

Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isto acontece porque jamais estamos sós (HALBWACHS, 2006, p.30).

Em 2015, me formei em Licenciada em Pedagogia, mas a colação de grau somente ocorreu em janeiro de 2016 no auditório do Colégio Marista. Fazer a escolha das fotos que me marcaram durante a graduação não foi uma atividade fácil, uma vez que tive a oportunidade de vivenciar muitos momentos marcantes, porém tentei escolher as fotos que mais marcaram essa minha trajetória acadêmica no Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia.

A semana da calourada (Figura 3) foi um dos momentos mais esperados por mim, uma vez que a semana foi marcada por esclarecimentos sobre as cargas horárias, dcg, participações em eventos, palestras diversificadas no auditório do Centro de Educação o Audimax, apresentações das disciplinas, além das dinâmicas realizadas pelos veteranos e a interação com outros cursos da instituição de ensino. A seguir fotos de quando eu estava na graduação (figura 3 e 4) e fotos da colação de grau (figura 5), que me trazem grandes significados particulares, me proporcionando momentos inesquecíveis com professores que nos incentivaram a sermos ótimos profissionais e superar os desafios em nossas trajetórias formativas.

Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado...[...] A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão agora à nossa disposição no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual (BOSI,1994, p.55).

As fotografias são importantes durante a minha pesquisa, pois nelas eu tento demonstrar situações que ocorreram na minha história de vida, assim como na minha trajetória profissional, cada uma foi escolhida de acordo com um determinado momento marcante em minha vida.

Figura 3 - Semana da Calourada 2012



Fonte: Arquivo pessoal de Suyan Barcellos Dutra.

O ato em defesa do curso de pedagogia (figura 4) fez com que os estudantes de diferentes semestres se juntassem para chamar a atenção dos demais cursos, assim desenvolvemos de forma criativa e organizada um ato com base no respeito entre os cursos. Freire é citado por Gadotti (1991, p.84) ao afirmar que “a transformação da educação não pode antecipar-se à transformação da sociedade, mas esta transformação necessita da educação”. Para este educador, a educação é sustentada no diálogo, sendo a mesma, um ato de amor e coragem.

Figura 4 - Ato em defesa do Curso de Licenciatura em Pedagogia



Fonte: Arquivo pessoal de Suyan Barcellos Dutra

Vivenciar essas diversas experiências durante a graduação me proporcionaram crescer de forma significativa, no aspecto profissional e pessoal. Ter a oportunidade de participar de diferentes atos em prol da educação foi de suma importância para o meu amadurecimento profissional. Para Freire “o papel do professor e da professora é ajudar o aluno e aluna a descobrirem que dentro das dificuldades há um momento de prazer, de alegria” (2003, p.52).

Figura 5 - Formatura: Colação de Grau



Fonte: Arquivo pessoal de Suyan Barcellos Dutra

A formatura em Licenciatura Plena em Pedagogia Diurno (figuras 5 e 6) foi um momento importante e uma conquista inesquecível, pois consegui realizar um objetivo que almejei com muita dedicação e esse sonho só foi possível, pois meus pais sempre me apoiaram nas minhas escolhas tanto pessoais como profissionais, sem o incentivo deles eu não teria conseguido chegar onde estou hoje. Não existem palavras que eu possa utilizar para agradecer de coração tudo que esses seres humanos fizeram por mim.

A felicidade pode ter bilhões de explicações, assim como bilhões são as pessoas e suas razões. Um copo com água é uma grande felicidade para quem caminha no deserto. Um pedaço de pão é um manjar para o faminto. A saúde é um paraíso para o enfermo. Para experimentar a verdadeira felicidade, é preciso manifestar gratidão. O ingrato nunca vai ser feliz. Estar feliz é um estado de consciência daqueles que reconhecem a transitoriedade da vida. (SALLES, 2011, p.51).

Utilizo a citação acima para demonstrar com poucas palavras, o quanto sou grata por todas as situações que ocorreram no meu percurso acadêmico, foram elas que me fizeram amadurecer, os tombos me fortaleceram, os erros me possibilitaram melhorar como pessoa e educadora.

Figura 6 – Meus pais na minha formatura do Curso de Pedagogia Diurno (2016)



Fonte: Arquivo pessoal de Suyan Barcellos Dutra.

Sou eternamente grata aos meus pais por tudo que fizeram por mim, não posso deixar de agradecer por tudo que a minha heroína (Cleusa Barcellos) fez para que eu pudesse estar realizando o meu sonho, uma vez que no meu último semestre tive catapora e pneumonia, mas a minha mãe sempre esteve ao meu lado me cuidando e dando o suporte necessário para a minha recuperação, assim como eu tive a parceria do meu pai (Alfredo) e meus irmãos que sempre me cuidaram e continuam cuidando.

Se hoje me tornei uma profissional qualificada foi porque meus pais abdicaram de seus sonhos para que eu pudesse vivenciar o meu. Gratidão por tudo que vocês fizeram e fazem por mim!

1.3.1 Bolsista voluntária GPFOPE

Quando estava no segundo semestre em 2012, participei do Grupo de Pesquisa Formação de Professores e Práticas Educativas: Educação Básica e

Superior (GPFOPE), sob a coordenação da Professora Dr^a Dóris Pires Vargas Bolzan, na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), como bolsista voluntária no período de agosto a dezembro.

Particpei no projeto sobre: Aprendizagem Docente e Processos Formativos: movimentos construtivos da professoralidade na educação básica e superior. Foi nesse grupo de estudo que eu comecei a fazer leituras de algumas obras de Piaget, sobre a formação do símbolo na criança, sobre a representação cognitiva, além de me interessar pela alfabetização.

Dessa forma despertou-me a curiosidade em pesquisar de forma objetiva sobre as autoras: Ferreiro e Teberosky (1985), mas naquele momento era com a ideia de saber um pouco mais sobre a lecto-escrita, uma leitura complementar. Através das leituras comecei a me interessar pela leitura e escrita, porém naquele tempo eu não imaginava que a temática do meu trabalho de conclusão de curso (TCC), seria sobre a temática alfabetização, uma vez que eu estava no começo do curso, logo tudo era novidade.

1.3.2 Bolsista do LAMEN

No ano de 2014, entre os meses de abril e novembro, atuei como bolsista junto à Secretaria dos Laboratórios de Metodologia do Ensino (LAMEN). O LAMEN representa um conjunto de 11 laboratórios de diversas áreas do conhecimento (alfabetização e linguagem, artes cênicas, artes visuais, educação musical, ensino de biologia, ensino de física, ensino de história, ensino de química, ensino de línguas, educação matemática escolar e laboratório interdisciplinar de ciências da natureza).

Ao estar inserida nesse ambiente, tive a oportunidade de acompanhar alguns eventos desenvolvidos pelos laboratórios e em um evento trabalhei como comissão organizadora, do II Seminário dos Laboratórios de Metodologia do Ensino: Estratégias Educacionais no Contemporâneo. Não tenho muitas fotos de quando eu fui bolsista, mas o que ficou foram as boas lembranças daquele tempo, onde eu estava rodeada de professores de diferentes áreas do ensino.

Na imagem seguinte, pode-se ver um dos poucos momentos registrados, o qual enfeitamos a sala da secretaria com balões, pois nesse dia era aniversário de uma das TAEs (técnico administrativos em educação).

Figura 7 - Secretaria do LAMEN



Fonte: Arquivo pessoal de Suyan Barcellos Dutra

Entre os meses que fui bolsista aprendi muito com as TAEs Giséli Duarte Bastos e com a Karina Freitas que sempre foram muito receptivas e ambas profissionais sempre compartilharam seus conhecimentos comigo.

Ao ser bolsista ao lado delas me proporcionou crescer tanto profissionalmente como também pessoalmente, sou grata por ter conhecido essa equipe.

1.3.3 Experiência CIEE

Enquanto eu era bolsista do LAMEN, participei de uma entrevista no mês de novembro, para trabalhar como auxiliar em uma escola infantil do município de Santa Maria, EMEI Borges de Medeiros, localizada no bairro Salgado Filho, avenida Borges de Medeiros nº 1122.

Durante os meses de estágio eu acompanhava a entrada e a saída dos alunos, assim como auxiliava a professora regente com as atividades desenvolvidas nos diferentes locais da escola, ajudava nas atividades lúdicas, na organização de materiais didáticos, participava das reuniões que ocorriam uma vez ao mês e ajudava também no controle de frequência dos alunos.

Trabalhar ao lado da Gilsélen Burlamaqui foi de suma importância para que eu pudesse ser uma profissional melhor, uma vez que eu podia aprender com ela a fazer planejamentos que fossem de acordo com a demanda da turma, onde era inserido atividades que as crianças gostavam e que chamavam a atenção delas. Ela sempre foi bem receptiva e sempre disposta a me ajudar com os alunos. No ano posterior tive a oportunidade de trabalhar com a Cristiane Schroeder.

Ter a oportunidade de estagiar foi muito importante para meu crescimento tanto pessoal como profissional, pois eu podia mesclar a prática com a teoria o que me proporcionou refletir sobre a minha prática pedagógica na sala de aula. Contudo, acabou por se tornar uma atividade complexa, uma vez que eu desenvolvia a escrita sobre o ciclo de alfabetização e o estágio era na educação infantil, conciliar as entrevistas era um tanto complicado, mas foram essas situações que me fizeram crescer como pesquisadora. Segundo Gimeno Sacristán (1999, p,74) a prática pedagógica é entendida como “[...] toda a bagagem cultural consolidada acerca da atividade educativa, que denominamos propriamente como prática ou cultura sobre a prática”. As experiências que vivenciamos compõe a ação docente.

Estando inserida nesse ambiente educacional percebi como é a rotina dos professores da educação infantil e as dificuldades que esses enfrentam no seu cotidiano escolar.

Figura 8 - Momentos com minhas colegas na E.M.E.I Borges de Medeiros em 2015



Fonte: Arquivo pessoal de Suyan Barcellos Dutra

Na figura 8, pode-se observar um dos momentos que passei com essa equipe, onde estávamos organizando a escola para uma festa que envolvia toda a comunidade escolar. Procurar as fotografias permitiram-me relembrar várias situações que passei com os alunos, professores, colegas, pais e responsáveis.

Nós somos tudo aquilo que lembramos; nós somos a memória que temos. A memória não é só o pensamento, imaginação e construção social; ela é também uma determinada experiência de vida capaz de transformar outras experiências, a partir de resíduos deixados anteriormente. A memória, portanto, excede o escopo da mente humana, do corpo, do aparelho sensitivo e do motor e do tempo físico, pois ela também é resultado de si mesma; ela é objetiva em representações, rituais, textos e comemorações. (SANTOS, 2003, p.25-26).

A memória nos permite compartilhar com o grupo situações que vivenciamos juntos, porém as mesmas pessoas podem lembrar da mesma experiência com percepções diferentes. Nossa memória nos permite reviver alguns momentos do passado, para Bosi (1994) a memória se produz no presente pelas lembranças do passado, isso ocorre por causa de processos seletivos. Como seres humanos seletos, quando o assunto é lembrança, não é diferente. Sempre recordamos bons momentos, sendo eles com a família, formatura ou um exemplo pessoal como o mencionado acima na figura 8.

1.3.4 Grupo de Estudo e Pesquisa sobre Formação Inicial, Continuada e Alfabetização - GEPFICA/UFSM

Iniciei no GEPFICA atuando como monitora de sala da formação no Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa, sendo realizado a 1ª etapa de formação na Escola Estadual Cilon Rosa, assim se iniciou meu vínculo com o grupo de pesquisa. Somente no ano de 2015, comecei a participar como integrante no Grupo de Estudo e Pesquisa Sobre Formação Inicial e Continuada e Alfabetização (GEPFICA) nesse ano não conseguia estar presente em todas as reuniões do grupo, dado que eu fazia o estágio extracurricular. Participei como integrante do projeto de pesquisa intitulado: Cartografias da Educação Básica Rural: perspectivas educacionais na região central do Rio Grande do Sul.

O grupo nos proporciona estarmos sempre desenvolvendo a escrita e fazendo leituras de acordo com a temática e autores que vamos estudar em cada semestre, acredito que esses encontros são esclarecedores para estarmos sempre buscando refletir e encontrar soluções para as situações que ocorrem no cotidiano da escola.

Fazem parte das reuniões alunos da graduação, alunos da pós-graduação, assim como professores da instituição de ensino, como também professores da rede, que sempre trazem demandas novas as quais nos proporcionam diálogos reflexivos, esses debates acabam por contribuir para o nosso processo de ensino-aprendizagem.

No ano de 2016, fiz uma disciplina do Mestrado em Educação, na Universidade Federal de Santa Maria como aluna especial no segundo semestre, a qual participei das discussões realizadas na disciplina (PPE1125) Seminário temático/ avançado LP1: Histórias de Vida na Formação de Professores no Ensino Rural. Essa participação nas aulas do Seminário foi propulsora para o desenvolvimento da escrita do projeto para tentar a vaga no mestrado em 2017.

Durante o semestre fiz as leituras indicadas, assim como tive a riquíssima experiência de visitar uma escola do campo e, eu pude como pedagoga aplicar o planejamento da professora regente em uma sala multisseriada, essa prática me mostrou o quanto é complicado exercer o papel de professora em uma sala de aula na qual você divide o espaço com duas ou mais séries dos anos iniciais. Essa interação me fez refletir sobre o quanto é complexo o trabalho desenvolvido por esses

profissionais que desenvolvem suas práticas pedagógicas em escolas com turmas multisseriadas.

Figura 9 - VII Seminário Nacional de Formação de Professores Cartografias da Educação do Campo



Fonte: Arquivo pessoal de Suyan Barcellos Dutra

Na imagem acima, o grupo de pesquisa estava envolvido com VII Seminário Nacional de Formação de Professores Cartografias da Educação do Campo, o evento teve como objetivo contribuir para a formação continuada dos professores da educação rural, atendendo as demandas de estudo e formação apresentadas pelos profissionais. O seminário foi composto por espaços de diálogo, palestras e participação em oficinas, além de apresentação cultural. Segundo Salles (2011, p.108) “escutar as pessoas é clara manifestação de sabedoria”. Os eventos, seminários, palestras e oficinas que participei me proporcionaram crescer com tantos conhecimentos partilhados por diferentes profissionais da educação.

1.3.5 Especialização em Gestão Educacional/UFSM

Meu projeto para tentar a vaga na especialização, foi refletido a partir de uma situação que ocorreu quando eu era acadêmica do curso de Licenciatura Plena em

Pedagogia Diurna. Nesta situação ocorreu de o professor não percebeu a importância de conceber o processo de ensino-aprendizagem para um grupo específico de alunos. Estar observando uma aula de um professor do ciclo de alfabetização e ver esse profissional dar aula apenas para um grupo particular de alunos me deixou com várias dúvidas, uma vez que esse profissional deve ensinar todos da sala de aula de forma igualitária, compreendendo que cada aluno vá aprender em um determinado momento.

Ao desenvolver minha escrita optei pela linha de pesquisa LP2 – Gestão Pedagógica e Contextos Educativos. Assim, a partir da minha inquietude, percebi que é importante fazer uma pesquisa abordando sobre o quanto é importante que ocorra um trabalho colaborativo entre a gestão e a comunidade escolar.

O que me despertou essa inquietude de desenvolver uma escrita sobre o que ocorreu foi o grupo de pesquisa GEPFICA, o qual nos proporciona dialogar sobre as leituras dirigidas, além de debater sobre as situações que ocorrem no cotidiano no ambiente escolar, dessa forma temos a oportunidade de conciliar a teoria com a prática, assim através dos debates lembrei sobre uma situação que ocorreram quando fiz uma disciplina de inserção e optei por fazer o projeto a partir do que ocorreu naquele ambiente educacional.

No meu primeiro ano de especialização em 2017, optei por fazer todas as disciplinas tanto as obrigatórias como as optativas, assim no final do ano já tinha os créditos necessários, ficando para o próximo ano somente a finalização da escrita da monografia. Durante a pós-graduação, optei por fazer as disciplinas optativas que me ajudariam na escrita, minha ideia era escolher disciplinas que eu poderia utilizar alguns autores nas citações de acordo com a minha temática, o que foi uma boa ideia, posto que passei um bom tempo na biblioteca do centro de educação fazendo fichamentos que em um próximo momento eu poderia utilizar.

No primeiro semestre de 2018 terminei de desenvolver a escrita da monografia, o qual só foi possível com a ajuda da minha orientadora Professora Dr^a Débora Ortiz de Leão que sempre me ajudou a refletir sobre a temática, assim como me indicava leituras complementares para que eu pudesse fundamentar minha escrita. Não posso esquecer que a peça fundamental para que eu encontrasse as respostas para minhas inquietações foi a participação dos colaboradores, somente com a ajuda desses profissionais foi possível encontrar as respostas que eu buscava na pesquisa realizada, esses foram imprescindíveis para a finalização da mesma.

Segundo Libâneo (2001), “a participação é fundamental por garantir a gestão democrática da escola, pois é assim que todos envolvidos no processo educacional da instituição estarão presentes, tanto em construção de propostas como em decisões”. O estudo sobre essa pesquisa vai ajudar-me a aprender mais sobre essa temática que é importante, as disciplinas desse primeiro semestre que foram ofertadas possibilitam indicações de leituras, o que é importante para a nossa formação, além de que os seminários e debates são de suma importância para o nosso crescimento.

Figura 10 – Defesa da monografia de Especialização em Gestão Educacional, sob orientação da Profª Drª Débora Ortiz de Leão



Fonte: Arquivo pessoal de Suyan Barcellos Dutra

Na foto acima destaco o dia da minha defesa, o horário que ficava melhor era no turno da manhã, o qual fez com que muitos amigos que trabalhavam nesse turno não pudessem se fazer presente, mas me enviaram mensagens me incentivando e desejando boa sorte. Em contrapartida pude contar com minhas ex-colegas da Pedagogia que estiveram comigo nesse percurso, lembro que enquanto uma me falava para ficar calma que eu sabia o que tinha escrito a outra amiga estava muito nervosa parecia que ela que apresentaria a monografia. As professoras que

participaram da minha banca me ajudaram com sugestões, compartilhando seus saberes sobre o assunto abordado por mim durante a defesa.

A formação continuada nos proporciona aprimorar saberes, além de aprender com os outros sujeitos que são mediadores de diferentes conhecimentos. Às vezes o novo assusta, mas é importante passar por esses desafios na nossa formação continuada, uma vez que esse ciclo é de suma importância para nosso crescimento profissional.

A formação deve também garantir a criação de espaços onde os educadores, imersos em seus cotidianos e no lócus formador, possam atualizar práticas, criar novos conhecimentos, saberes, alegrias e esperanças que sirvam de retroalimentação para enfrentamento de novos desafios (ANTUNES, 2001, p.159).

O curso de especialização foi importante, pois proporcionou-me conhecer novos autores, rever autores conhecidos por uma nova perspectiva, ao longo dos semestres debatemos sobre: avaliação educacional, mecanismos e índices de avaliação, parâmetros curriculares, realidade escolar, nova gestão pública, políticas educacionais, base nacional comum curricular, currículo, controle disciplinar, crise da educação, profissionalização, formação de professores, entre outras temáticas.

Enfim, passar por essa pós-graduação foi significativo para a minha formação continuada, uma vez que percebo que me proporcionou ter um olhar crítico reflexivo diferente de quando eu estava cursando a licenciatura plena em pedagogia. Essas etapas de formação proporcionam um amadurecimento ao pesquisador.

1.3.6 Mestrado em Educação/UFSM

O projeto para a seleção do Mestrado foi proposto a partir de visitas em escolas inseridas na zona rural do município de Santa Maria – RS, quando eu era acadêmica do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade Federal de Santa Maria, nesse curso tive a oportunidade de realizar visitas em escolas do campo com classes multisseriadas, essas instituições de ensino em alguns casos se localizam em áreas de difícil acesso. O impulsionador para a escrita foi à participação na disciplina que fiz como aluna especial no mestrado, como já foi abordado anteriormente.

Dentro do meu processo formativo destaco a minha participação nas leituras dirigidas e prática de pesquisa A e B, vinculadas ao Grupo de Estudos e Pesquisas

sobre Formação Inicial, Continuada e Alfabetização – GEPFICA/UFSM, que proporcionaram que eu pudesse fazer fichamentos durante o semestre, assim pude aproveitar os textos abordados para a minha escrita. Destaco também a oportunidade de fazer a Docência orientada II (APG304) na disciplina (MEN 1184) Estágio Supervisionado nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental sob a orientação da Professora Helenise Sangoi Antunes a qual me proporcionou reflexões e aprendizado, além de haver a possibilidade de compartilhar alguns conhecimentos com as alunas.

Figura 11 – Turma de docência orientada (Estágio Supervisionado nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental)



Fonte: Arquivo pessoal Suyan Barcellos Dutra

Atuar com a professora Helenise Sangoi Antunes na disciplina de estágio nos anos iniciais (figura 11), através da disciplina do PPGE - Docência Orientada II me proporcionou momentos riquíssimos de aprendizagem, uma vez que ao auxiliar as alunas em seus planejamentos eu podia aprender com elas sobre diferentes atividades que podem ser realizadas nos anos iniciais.

As orientações para os planejamentos eram realizadas todas as terças-feiras na parte da manhã e era um ambiente repleto de positividade, sempre ressaltávamos nos encontros o quanto era importante às mesmas terem um diário de campo, dessa

forma elas teriam um conteúdo importante no momento de desenvolverem a escrita do relatório final de estágio.

Compreendo que essa caminhada foi de suma importância para que eu pudesse concluir mais um ciclo na minha história de vida. Na escrita sempre tive o propósito de mostrar minha trajetória acadêmica, assim essas reflexões sobre a minha jornada me proporcionaram lembrar diversas situações que passei durante a minha formação, a qual fez com que eu esteja em um processo de crescimento como pesquisadora e como pessoa ao poder refletir sobre a minha prática.

Sobre a prática reflexiva Freire (1996, p.43-44) afirma que “na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática”. Dessa forma, o professor deve repensar cotidianamente sua prática pedagógica.

2 CAMINHOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa, intitulada “História de vida de uma professora que ensinou em escolas do campo com classes multisseriadas na região central do RS”, é de cunho qualitativo e está sustentado na metodologia de história de vida, com destaque na narrativa (auto)biográfica. Para conseguirmos o acesso das histórias de vida dessa professora participante da pesquisa, foi utilizado para coleta de informações os seguintes instrumentos: entrevistas narrativas, relatos (auto)biográficos, registros sobre a prática e fotos.

Ao se deparar com o problema de pesquisa, fez-se uma reflexão sobre como encontrar a resposta para a mesma, deste modo optei por uma abordagem qualitativa, através da qual os pesquisadores que utilizam esse método procuram por explicar os porquês das coisas, não quantificando as informações encontradas, preocupando-se com os aspectos da realidade.

A pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 2001, p.21).

Segundo a autora esse tipo de pesquisa tem um aprofundamento na experiência cotidiana, diferente da qualitativa, uma vez que essa abordagem proporciona que o pesquisador venha a interagir com o colaborador da pesquisa.

Para Lüdke e André (2001), a preocupação com o processo é muito maior que o produto e que o significado que as pessoas dão as coisas e à vida são focos de atenção especial pelo pesquisador. Acredito que essa abordagem leva em consideração a opinião, comentários e o aspecto emocional dos participantes, além de proporcionar um contato com o público-alvo da pesquisa.

Nas palavras de Bogdan e Biklen (2000), a abordagem da investigação qualitativa exige que o mundo seja examinado com ideia de que nada é trivial, que tudo tem potencial para construir uma pista que nos permita estabelecer uma compreensão mais esclarecedora do nosso objeto de estudo. Esses autores apresentam cinco características para esse tipo de investigação

I - Na investigação qualitativa a fonte direta de dados é o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal: os investigadores inserem-se e despedem grandes quantidades de tempo em escolas, famílias, bairros e outros locais tentando elucidar questões educativas.

II - A investigação qualitativa é descritiva: os dados recolhidos são em forma de palavras e imagens e não de números. Os resultados escritos da investigação contêm citações feitas com base nos dados para ilustrar e substanciar a apresentação.

III - Os investigadores qualitativos interessam-se mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados ou produtos;

IV - Os investigadores qualitativos tendem a analisar os seus dados de forma indutiva;

V - O significado é de importância vital na abordagem qualitativa: os investigadores que fazem uso deste tipo de abordagem estão interessados no modo como diferentes pessoas dão sentido às suas vidas. (BOGDAN; BIKLEN, 2000, p.47 - 51).

Essa investigação segundo Minayo (1994) é a melhor coaduna ao reconhecimento de situações particulares, grupos específicos e universos simbólicos.

Para a realização da pesquisa foi explicado para a colaboradora sobre o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE), o qual garante o respeito à dignidade humana dos sujeitos da pesquisa, visto que é informado sobre o objetivo da investigação, riscos e benefícios.

A abordagem metodológica está baseada no método História de Vida, com a intenção de buscar uma aproximação com as experiências que a professora vivenciou na escola no campo. Dessa forma, compreendo que os relatos (auto)biográficos orais e escritos de cunho pessoal e profissional e as fotografias são de suma importância para a professora, em razão de que essas ferramentas possibilitam uma aproximação com a colaboradora.

As categorias de análise dessa investigação foram sendo delineadas após os encontros, a partir das informações que foram sistematizadas nos relatos da professora dessa pesquisa e da minha aproximação com a realidade investigada. Neste seguimento, as categorias de análise que emergiram da coleta de informações foram as descritas na tabela abaixo:

Tabela 1.0 - Tabela descritiva das categorias de análise

Categorias de análise	
Início da carreira	Essa categoria permitiu conhecer a trajetória formativa da professora. Além de possibilitar os traços identitários da mesma que sempre salientou o apoio e incentivo das pessoas durante o início de sua carreira.
Formação inicial	Essa categoria proporcionou ver o desenvolvimento profissional dessa docente que sempre foi atrás de novos conhecimentos.
Primeiros contatos com a classe multisseriadas	Essa categoria permitiu que pudéssemos acompanhar como foi um grande desafio esse novo ambiente educacional, mas que o mesmo foi enriquecedor para a colaboradora, uma vez que a mesma só conhecia a classe multisseriada através de leituras.
Desafios das turmas multisseriadas	Essa categoria proporcionou que fosse salientado as fragilidades, limitações, estratégias para ensinar em um ambiente com diferentes níveis de aprendizado. Porém que é através das experiências que os professores se constituem docentes em turmas multisseriadas.
Planejamentos das aulas	Essa categoria permitiu que fosse salientado que na escola do campo não tem um dia de planejamento, mas que as professoras desenvolvem o mesmo em suas respectivas residências.
Interação professor aluno e interação com os colegas	Essa categoria proporcionou que pudéssemos observar como são as relações entre professor e aluno, assim como a relação entre professor e colega. E foi translúcido o quanto a comunidade escolar se respeita. O diálogo faz parte da rotina nesse ambiente, onde os professores sempre estão se ajudando.
Transformação na infraestrutura da escola	Essa categoria permitiu através das narrativas da professora, ver o quanto a escola foi se desenvolvendo durante os anos, uma vez que antigamente a estrutura era bem precária.

Fonte: Elaborado por Suyan Barcellos Dutra.

Minayo (1993, p.70) afirma que trabalhar com categorias de análise “significa agrupar elementos, ideias ou expressões em torno de um conceito capaz de abranger tudo isso”. Dessa maneira, compreendo que as categorias proporcionam que o pesquisador organize seus dados coletados, viabilizando o que foi relatado pela colaboradora da pesquisa.

Com as categorias foi possível ter um olhar de reflexão para o cotidiano que os docentes vivenciam em classes multisseriadas, o qual demanda um olhar sensível

desses profissionais. Com a investigação foi possível ver o quanto é importante o trabalho desenvolvido por esses profissionais que atuam em turma multisseriada.

Por meio desse trabalho através das narrativas e (auto)biografia foi possível dar voz para essa professora que atuou em classes multisseriadas durante sua trajetória profissional.

2.1 COMO CHEGUEI À COLABORADORA

Na fase exploratória eu já tinha ideia de qual escola eu gostaria de desenvolver a pesquisa, dessa forma eu entrei em contato com a Tania Maria Soares Moreira diretora da Escola Municipal de Ensino Fundamental Pedro Kunz, localizada na zona rural de Santa Maria, no Distrito de Pains, rua Augusto Kunz, número 480, no bairro Passo das Tropas.

Assim que eu fui aprovada no Mestrado e comecei às disciplinas do curso, tinha como o objetivo fazer a pesquisa na escola onde eu visitei quando havia feito uma disciplina como aluna especial (PPE1125) Seminário temático/avançado LP1: Histórias de Vida na Formação de Professores no Ensino Rural.

Para conseguir chegar até a professora, contei com a colaboração da diretora da escola, a mesma foi atenciosa me disponibilizando os dias que eu poderia ir na escola para ter o primeiro contato com a professora. Porém, para começar a pesquisa eu precisei esperar o comitê de ética me liberar, somente após a liberação do mesmo eu comecei a ir na escola para entrevistar a professora.

Minha ideia, inicialmente, era de desenvolver a pesquisa com as professoras do ciclo de alfabetização, porém na escola a única que têm experiência com classes multisseriadas é a professora Suzana, uma vez que nesse ano a escola em questão está desenvolvendo as aulas sem classes multisseriadas até o momento, todavia a professora ficou tão feliz por eu estar desenvolvendo a pesquisa com uma temática importante que eu não poderia deixar de fazer o convite e adaptar a minha pesquisa para a história de vida dessa profissional que atuou por muito tempo em escolas com classes multisseriadas.

Esse primeiro encontro, foi incrível. Conversamos sobre as classes multisseriadas, a importância de desenvolver trabalhos com a temática de educação do campo. Ficamos no primeiro encontro na sala da direção, enquanto estávamos discursando a diretora ficou de responsável pelos alunos da professora. Percebi muito

entusiasmo por parte da Suzana, como também da minha parte, uma vez que ela me deixou à vontade e percebi que a entrevista narrativa seria agradável.

Antes de realizar o segundo encontro, entrei em contato com a diretora para saber qual o melhor horário para que eu pudesse fazer a entrevista com a professora. Antecipadamente enviei um e-mail e uma mensagem para que a professora levasse para o nosso segundo encontro fotos de quando começou a lecionar na escola.

O segundo encontro foi cancelado algumas vezes, por motivos particulares da colaboradora da pesquisa. Quando nos encontramos novamente eu retomei sobre o objetivo da pesquisa e comecei perguntando como foram os primeiros contatos com a classe multisseriada. relatei meu interesse a respeito de sua vida profissional, pois a pesquisa tinha como objetivo investigar a formação inicial da professora, conhecer suas trajetórias formativas e o impacto da mesma na atuação docente. Nossos encontros sempre duravam duas horas.

Quando remarcamos o segundo encontro, meu irmão me acompanhou até a escola. Enquanto eu fazia a entrevista com a professora, seus alunos ficaram assistindo um filme com uma outra professora.

Conseguir um horário era complicado, uma vez que a professora trabalhava no turno da manhã e tarde. Na escola do campo é mais complicado para retirar um professor da sua sala de aula, pois para que isso seja possível é necessário avisar alguns dias antes para que alguém fique com os alunos, normalmente a diretora ou a coordenadora pedagógica ficavam de responsáveis pelas atividades, enquanto eu realizava a entrevista.

O terceiro encontro foi marcado para uma sexta na parte da tarde, porém nesse dia a professora não tinha como sair da sala de aula, pois a mesma estava aplicando uma prova e precisava ficar com os alunos em sala de aula. Dessa forma, conversamos de forma acelerada, dado que a professora que ficava com a aluna especial não conseguiu ir na escola, deste modo era impossível a professora ficar muito tempo longe da sala de aula.

No último encontro a professora salientou alguns pontos sobre as classes multisseriadas, assim como sua formação inicial e os desafios e conquistas na sua prática pedagógica na escola do campo. A professora escolheu as fotos que julgava serem mais importantes para eu inserir na escrita. Nesse encontro ela retomou falando sobre os desafios das classes multisseriadas, falou sobre o quanto ela tem um bom relacionamento com seus alunos, assim como com os pais e seus colegas

na escola. Terminada a nossa conversa, registramos nosso último encontro com uma foto.

Figura 12 - Pesquisadora e professora Suzana, colaboradora da pesquisa na biblioteca da E.M.E.F Pedro Kunz.



Fonte: Arquivo pessoal de Suyan Barcellos Dutra.

Como pode-se observar na foto (12) a professora Suzana sempre permanecia sorrindo em todos nossos encontros, ela sempre estava disposta a conversar e falar sobre sua trajetória profissional. No último encontro fiquei prestando atenção no caminho percorrido para chegar na escola, o qual demorava mais ou menos 50 (cinquenta) minutos até chegar na parada localizada da faixa de São Sepé e mais uns 15 (quinze) minutos caminhando até a localização da escola. Vou guardar com muito carinho todos os encontros realizados, uma vez que sempre fui bem recebida por todos da comunidade escolar.

Após a qualificação do projeto de pesquisa tive que alterar para história de vida de uma professora, pois conforme já havia relatado antes, as outras professoras nunca atuaram em classes multisseriadas, o que impossibilitou que essas profissionais pudessem participar da coleta de informações. Sendo assim fiquei somente com a professora Suzanna.

2.2 HISTÓRIA DE VIDA E (AUTO)BIOGRAFIAS

A pesquisa (auto)biográfica, história de vida, autobiografias e biografias, utilizam fontes diversificadas: narrativas, história oral, vídeos, fotografias, filmes, documentos, diário de campo, etc.

Queiroz (1988) considera que toda história de vida encerra um conjunto de depoimentos e, embora tenha sido o pesquisador a escolher o tema, a formular as questões ou a esboçar um roteiro temático, é o narrador que decide o que narrar. A autora vê na história de vida uma ferramenta valiosa exatamente por se colocar justamente no ponto o qual se cruzam vida individual e contexto social.

As narrativas de história de vida favorecem o transparecer das emoções, experiências da colaboradora da pesquisa.

Além disso, vale destacar três aspectos fundamentais que ajudam no direcionamento de pesquisa desta natureza: todo conhecimento será sempre parcial; a realidade é uma construção; a identidade é sempre um estado em processo. Dessa forma, a utilização de depoimentos ou relatos de alguém sobre si mesmo tem como objetivo menos a busca da verdade e muito mais a identificação das condições de possibilidades para que determinada narrativa possa emergir enquanto discurso (WEIDUSCHADT; FISCHER, 2009, p.71).

O importante dessa abordagem é prestar a atenção no relato da professora, pois, a mesma vai lembrar seus primeiros contatos com a classe multisseriada, percursos formativos e desafios da docência, lembranças das práticas realizadas em classes multisseriadas, desafios em desenvolver sua prática pedagógica em classes multisseriadas. O objetivo desse estudo é compreender o cotidiano que essa profissional passou nas classes multisseriadas.

Camargo (1984) complementa que o uso da história de vida possibilita apreender a cultura "do lado de dentro"; constituindo-se em instrumento valioso, uma vez que se coloca justamente no ponto de intersecção das relações entre o que é exterior ao indivíduo e aquilo que ele traz dentro de si. Becker (1994) acrescenta que

a história de vida aproxima-se mais do terra a terra, a história valorizada é a história própria da pessoa, nela são os narradores que dão forma e conteúdo às narrativas à medida que interpretam suas próprias experiências e o mundo no qual são elas vividas.

[...] apesar de todas as fragilidades e ambiguidades, é inegável que as histórias de vida têm dado origem a práticas e reflexões extremamente estimulantes [...]. O movimento nasceu no universo pedagógico, numa amálgama de vontades de produzir um outro tipo de conhecimento, mais próximo das realidades educativas e do quotidiano dos professores (NÓVOA, 2000, p.19).

A história de vida não é simplesmente relembrar o passado, mas fazer com que o colaborador revise situações que esse passou na sua formação, proporcionando um misto de emoções sobre determinados aspectos do passado. A história de vida é, atualmente, uma importante fonte de informação sobre a prática profissional docente (Nóvoa, 1992).

O autor na busca por categorizar diversos estudos centrados nas histórias de vida dos professores, concluiu que “[...] cada estudo tem uma configuração própria, manifestando à sua maneira preocupações de investigação, de ação e de formação” (Nóvoa, 1992, p.20).

As histórias de vida e o método (auto)biográfico integram-se no movimento actual que procura repensar as questões da formação, acentuando a ideia que ‘ninguém forma ninguém’ e que a formação é inevitavelmente um trabalho de reflexão sobre os percursos de vida (NÓVOA; FINGER, 1988, p.116).

Quando o colaborador revisita suas memórias, esse sujeito derruba barreiras e essas barreiras que estavam em algum lugar do inconsciente estavam por causa de alguma situação do passado, que agora pode ser analisada de uma outra forma pelo próprio ser humano. Sempre que trabalhamos com a memória, devemos dar espaço para o colaborador que em alguns momentos fica emotivo e precisa de um espaço durante sua narração.

O papel do pesquisador foi deixar que o ser humano se sinta confortável, proporcionando que o mesmo volte quando achar que está preparado para continuar revisitando suas lembranças. O pesquisador tem como seu objetivo fazer uma releitura sobre o que foi disponibilizado para o mesmo, assim tenta compreender a história de vida do colaborador, disponibilizando somente os dados necessários para a sua pesquisa.

O revisitar uma história de vida, de parte do pesquisador, enseja uma releitura, uma nova invenção da personagem que tem sido interesse de atenção em determinada pesquisa. Invenção, não no sentido de que a pessoa que narra a própria trajetória seja ou tenha se tornado uma personagem de ficção. [...] O pesquisador, por sua vez, ao estudar a narrativa da personagem, busca compreendê-la mediante triangulação com outras fontes, com cenas micro e macroestruturais e com o sistema referencial com o qual opera. Disso resulta, em meu entender a construção de uma História de Vida (ABRAHÃO, 2018, p.45-46).

Lidar com a metodologia História de Vida, faz com que o pesquisador tenha um olhar sensível para a colaborador da pesquisa, pois esse desenvolve um elo com o narrador, dessa forma no momento da entrevista, esse deve ser bem objetivo nas perguntas, tentando não interromper o fio condutor do narrador e nem falando pelo colaborador. Essa abordagem está fortemente ligada aos sentimentos emocionais, relacionando-se com inúmeros acontecimentos que marcaram a trajetória de vida do narrador.

Busco refletir sobre as experiências que a professora passou nas classes multisseriadas, assim como sua trajetória formativa, compartilhando suas vivências acumuladas ao longo da sua atuação na escola do campo. No primeiro encontro com a colaboradora foi proposto que a mesma fizesse um relato (auto)biográfico, possibilitando que a mesma se apresenta-se e passasse pelo processo de reflexão, esse pensar sobre sua trajetória formativa provoca desafios.

Utilizar o relato (auto)biográfico possibilitou que a professora escrevesse sobre a história de sua vida, uma biografia contada pela pessoa biografada.

A pesquisa (auto)biográfica segundo Abrahão (2004, p.202) “é uma forma de histórias autorreferente, portanto plena de significado, em que o sujeito se desvela, para si, e se revela para os demais”. Essa forma de pesquisa proporciona que o colaborador faça um exercício de rememorar o que ocorreu em sua trajetória formativa e de vida.

Ela possibilita a utilização de diversos elementos, tais como narrativas, fotos, diários, vídeos, documentos, entre outras fontes. Esse método proporciona a reflexão sobre o processo de formação do colaborador.

A autobiografia permeia o campo da memória. A formulação de textos sobre a própria trajetória de vida se faz através do recurso da memória, resultado da lembrança que se transforma em linguagem, adicionada à imaginação e ao olhar particular sobre aquilo que se passou, recriando situações a partir

do ponto que se fala, do presente que se escreve e se lembra (PIOVESAN, 2007, p.3).

No âmbito da abordagem qualitativa, a pesquisa (auto)biográfica se desenvolve como um método de investigação. Através das memórias da colaboradora desde as recordações de quando começou a trabalhar na escola do campo, seus processos formativos e trajetória profissional será possível alcançar os objetivos da pesquisa.

A (auto)biografia permite uma reflexão sobre acontecimentos passados, esses que foram importantes em um determinado momento na trajetória formativa. Para Nóvoa e Finger (2010) é um “Instrumento de investigação, mas também e, sobretudo, como instrumento de formação”. Moita (1995) considera a pesquisa (auto)biográfica a metodologia com potencialidades de diálogos entre o individual e o sociocultural, pois “põe em evidência o modo como cada pessoa mobiliza seus conhecimentos, o seus valores, as suas energias, para ir dando forma a sua identidade, num diálogo com os seus contextos” (p.113).

[...] é preciso reconhecer que mesmo os mais impenitentes críticos do gesto (auto)biográfico a ele se consagram uma ou outra vez. Tudo se decide na consciência do acto. No seu equilíbrio e sensatez. Na aceitação de que a (auto)leitura, mesmo partilhada, não constitui uma verdade mais certa do que as outras leituras. Não se trata de uma mera descrição ou arrumação de factos, mas de um esforço de construção (e de reconstrução) dos itinerários passados. É uma história que nós contamos a nós mesmos e aos outros. O que se diz é tão importante como o que fica por dizer. O como se diz revela uma escolha, sem inocências, do que se quer falar e do que se quer calar (NÓVOA, 2001, p.7-8).

Nesse processo de voltar a determinados momentos na trajetória profissional, o colaborador da pesquisa tem a oportunidade de rememorar suas práticas pedagógicas. Os relatos (auto)biográficos são importantes e de suma importância para o pesquisador, pois esse é um material valioso no qual o colaborador faz um resumo de sua jornada profissional.

Além disso, o mesmo utiliza muitas vezes durante sua (auto)biografia fotos que oportunizam esse sujeito a voltar no tempo e de certa forma reviver situações, talvez lembrar de algo específico de outra forma. Ao longo da pesquisa acentuo o quanto as fotografias são importantes, elas transmitem acontecimentos como se fosse uma narração, a qual o colaborador dá sentido de acordo com o conteúdo da mesma. Queiroz (1981, p.19) define a narração como “o relato do narrador sobre a sua

existência através do tempo, tentando reconstruir os acontecimentos que vivenciou e transmitir a experiência que adquiriu”.

Ao utilizar as informações das narrações, podemos fundamentar a pesquisa com mais informações. Esses que são importantes na história de vida do narrador, uma vez que esse conteúdo é riquíssimo de experiências e vivências.

De certo que, as possíveis aproximações entre pesquisa narrativa, mediante a dimensão colaborativa das trajetórias (auto)biográficas dos sujeitos que habitam o território rural, tem nos ensinado a compreender o lugar da memória e a memória do lugar na educação rural (SOUZA, 2012, p.53).

Ao narrar sobre si, a professora lembrou sobre as memórias de infância, primeiros contatos com a classe multisseriada, escolas por onde passou enquanto professora, a mesma enfatizou sobre as aprendizagens no cotidiano da profissão docente, o orgulho de ser professora em escola do campo.

O autor Chizzotti (1991), menciona que a imersão do pesquisador nas circunstâncias e contexto da pesquisa, a saber, o mergulho nos sentidos e emoções; o reconhecimento dos atores sociais como sujeitos que produzem conhecimentos e práticas; os resultados como fruto do trabalho coletivo resultante da dinâmica entre pesquisador e pesquisado; a aceitação de todos os fenômenos como igualmente importantes e preciosos: a constância e a ocasionalidade, a frequência e a interrupção, a fala e o silêncio, as revelações e os ocultamentos, a continuidade e a ruptura, o significado manifesto e o que permanece oculto.

Utilizamos essas abordagens que nos proporcionaram estarmos envolvidos com cada situação que a professora vivenciou ao longo da sua trajetória profissional, foi por isso que optamos por essa metodologia. Dado que é riquíssimo escutarmos as histórias vividas, assim vamos adquirir mais conteúdo na hora de analisarmos as informações.

Com essa experiência, poderemos elaborar reflexões sobre as histórias narradas dessa profissional e fazer com que a colaboradora faça observações de suas práticas. A professora Suzana utiliza fichas, o que não deixa de ser o registro diário o qual é compreendido como espaço privilegiado da reflexão do professor, converte-se em atividade vital. Os registros diários são de cunho pessoal, assim o profissional relata suas experiências, acontecimentos referentes a situações que ocorrem no cotidiano educacional.

O registro diário é apontado como um documento reflexivo do professor, espaço no qual pode marcar suas incertezas, assim como suas conquistas e descobertas, dessa forma o educador vai tomando o seu fazer nas mãos, responsabilizando-se pela sua própria formação (OSTETTO, 2008, p.15).

Esse material auxilia o professor para que esse possa refletir sobre sua prática pedagógica em outra perspectiva. Esse novo olhar faz com que o profissional desenvolva certas atividades novamente de uma outra forma, assim esse objeto é fundamental para os professores.

2.3 HISTÓRIA ORAL E FOTOGRAFIA

Segundo os autores Becker (1994), Queiroz (1988) e Thompson (1992), a história oral foi utilizada desde o início do século XX. Ela aparece no Brasil somente em 1940, mas não era utilizada, uma vez que o que tinha preferência eram os dados coletados de forma quantitativa.

Ferreira (1998) explicou que a partir de 90 que a história oral foi utilizada com mais frequência no Brasil por professores e pesquisadores principalmente nas áreas de ciências sociais e história. Em 1994 foi criada a Associação Brasileira de História Oral. Conforme (Alberti, 2004a, p.23) a história oral é a proposta de pensar que o vivido é lembrado de forma diferente por cada indivíduo. Que, ao contar algum acontecimento atribui diferentes configurações de importância.

História oral é um termo amplo que recobre uma quantidade de relatos a respeito de fatos não registrados por outro tipo de documentação, ou cuja documentação se quer completar. Colhida por meio de entrevistas de variada forma, ela registra a experiência de um só indivíduo (história de vida) ou de vários indivíduos de uma mesma coletividade (tradição oral) (QUEIROZ, 1988, p.19).

Não há um consenso entre os autores sobre o conceito de história oral. Seja ela utilizada como método ou técnica, segundo Alberti (2004a, p.23) é a proposta de “recuperação do vivido, concebido por quem viveu”. Os acontecimentos vivos, são lembrados de forma diferentes por cada indivíduo. Thompson (1992, p.137), “a história oral, transformando os objetos de estudo em sujeitos, contribui para uma história que não só é mais rica, mais viva e mais comovente, mas também é mais verdadeira”.

A gravação das entrevistas é de suma importância, uma vez que a mesma possibilita mais conteúdo para a pesquisa, no momento de transcrever é riquíssimo retratar os sentimentos que o entrevistado sentiu, “a transcrição destina-se à mudança do estágio da gravação oral para o escrito”. (Thompson 1992, p.57-58).

Essa segunda etapa deve ser realizada de forma cautelosa, nesse sentido Bauer e Gaskell (2002, p.106) asseguram “o nível de detalhes das transcrições dependem das finalidades do estudo”.

A entrevista possibilita a aproximação entre pesquisador e colaborador da pesquisa, contudo o pesquisador tem como objetivo encontrar respostas para o tema estudado, o objeto de seu estudo. Já o colaborador se interessa por compartilhar o que lhe é significativo, narrando o que acredita ser importante de acordo com suas memórias. A rememoração de acontecimentos passados é uma situação de reflexão, onde o narrador tem a oportunidade de refletir sobre si mesmo e seu passado.

Com a história oral, observamos a valorização da memória e dos relatos em primeira pessoa com fontes de verdade e meios privilegiados, para a reconstituição histórica do passado. A premissa que sustenta esse modo de fazer história aponta a memória como o resultado de uma experiência mais verdadeira, por ela ter sido pretensamente vivenciada de forma direta ou imediata-não-mediada pelo indivíduo. O modo mais apropriado para a captação dessas memórias seriam os testemunhos pessoais, ou seja, os relatos orais em primeira pessoa, nos quais os entrevistados procuram reconstruir as ricas experiências plenas de realidade vivenciadas por eles (RIOS, 2013, p.14-15)

A história oral baseia-se na realização de entrevistas com sujeitos que presenciaram acontecimentos, essa é uma forma de aproximar-se do objeto de estudo. É um instrumento que proporciona resgatar experiências e vivências de histórias vividas. As perguntas devem seguir uma sequência cronológica da trajetória do entrevistado. De qualquer forma, a história oral traz contribuições ao conhecimento científico.

O pesquisador pode escolher quem vai participar da entrevista, elencando critérios que julga necessário para a coleta de dados, o entrevistado pode contribuir com fotos no momento da narração. O historiador oral precisa ser um bom ouvinte e compreensivo.

A fotografia é um grande meio de comunicação, tem como função informar um fato ocorrido, transmitindo uma mensagem que possibilita uma ampla interpretação de acordo com o ponto de vista de cada um.

Sontag (1981) saliente os valores morais e éticos da fotografia, para a autora significava um fragmento do mundo, uma miniatura da realidade que todos podem construir ou adquirir.

Fotografar é apropriar-se da coisa fotografada. É envolver-se em uma certa relação com o mundo que se assemelha com o conhecimento- e por conseguinte com o poder. [...] A fotografia brinca com a escala do mundo, pode ser reduzida, ampliada, cortada, recortada, consertada e distorcida (SONTAG, 1981, p. 4).

Conforme Palacin (2012, p.48) existe uma grande diferença entre o nosso olhar e o olhar da câmera [...] o que a máquina fotográfica capta é uma parte menor do que os nossos olhos enxergam [...]. Sempre haverá um recorte da cena que enxergamos chamado enquadramento. A manipulação pode acontecer, a partir do momento em que o fotógrafo cria sua composição, decidindo o que vai ou não aparecer na foto.

A fotografia é uma forma de linguagem visual, possibilitando múltiplos sentidos, assim como o texto ela tem a capacidade de transmitir interpretações. “Quando vemos uma imagem fotográfica e lhe atribuímos um sentido estamos lendo aquela imagem”. (Camargo, 1999, p.149). Sobre a presença da fotografia no cotidiano “vejo fotos por toda parte, como todo mundo hoje em dia; elas vêm do mundo para mim, sem que eu peça; não passam de “imagens”, sem modo de aparição é o tudo-o-que-vier (ou tudo-o-que-for) [...] (Barthes ,1984, p.31).

Flusser (1985) ainda ressalta sobre a presença das fotos no cotidiano

Fotografias são onipresentes, coladas em álbuns, reproduzidas em jornais, expostas em vitrines, paredes de escritórios, afixadas contra muros sob formas de cartazes, impressas em livros, latas de conservas, camisetas. O que significam tais fotografias? (FLUSSER, 1985, p.22).

Atualmente, podemos concordar com Flusser (1985), uma vez que as imagens estão inseridas no nosso cotidiano. Em propagandas, revistas, jornais, álbuns, em diferentes ambientes.

“Por meio da manipulação uma imagem pode ser modificada de forma a transformar um registro, podendo criar interpretações diferentes do que aconteceu”. (Kossov, 2012, p.118). A manipulação é quando ocorre uma alteração na imagem, retirada de algum objeto ou acréscimo, mudança de expressões. Hoje é utilizado a

manipulação digital, modificando-se as cores, luminosidade, contraste, brilho, foco, etc.

“A fotografia é um recorte do tempo e espaço. Assim usualmente a definimos, mas tempo e espaço são variáveis que têm merecido níveis desiguais de atenção em nossas reflexões”. (ENTLER, 2007, p. 29). Neste sentido, ela é muito mais do que uma mera ilustração, pois ela proporciona informações, podemos concluir que ela é um registro da realidade, com fragmentos do que ocorreu em um determinado momento na história.

2.4 COMO A PESQUISA FOI ORGANIZADA

A pesquisa teve início com os relatos (auto)biográficos orais que foram gravados para manter a integridade da fala da professora Suzana. Foram realizados quatro encontros na escola onde a professora trabalha. O relato (auto)biográfico da professora pedia para ela relatar sobre os anos que ela atuou na escola do campo em classes multisseriadas, salientando a sua entrada na escola multisseriada, principais acontecimentos na sua carreira docente, as dificuldades encontradas e a importância ou não do seu processo formativo para o exercício da docência em classes multisseriadas.

As fotos que estão na pesquisa foram selecionadas pela professora, a mesma escolheu as fotografias que marcaram seu ciclo profissional. As fotografias foram utilizadas para a professora relembrar de determinados momentos da sua trajetória profissional, em muitos momentos a mesma ficou emotiva ao relembrar do começo de sua jornada como professora, assim como destaca o carinho que seus alunos sempre tiveram por ela, assim como os pais e responsáveis. Ela sempre destacou nos encontros que no escritório de sua casa tem um lugar com várias caixas com diversas cartas que ela recebeu de seus alunos e que ela guarda com muito carinho.

2.5 CENÁRIO ONDE OCORREU A PESQUISA

A investigação foi realizada na Escola Municipal de Ensino Fundamental Pedro Kunz, localizada na rua Augusto Kunz, nº480, Vila Impiranga - Passo das Tropas, município de Santa Maria-Rio Grande do Sul, a escola está localizada na zona rural. De acordo com o censo demográfico realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e

sala de aula no pátio sem nenhuma cobertura para ir no banheiro. Eles não imaginavam que tivesse ainda uma escola como era a nossa. E não tiveram dúvidas e escolheram a nossa, mas avisaram que fariam um prédio novo e não uma reforma, porque estava tudo comprometido. Nós nem acreditávamos no começo. Ainda tem muita coisa para fazer, mas olha está maravilhoso. É um sonho. A comunidade ficou tão feliz, tão feliz, tanto quanto nós, os alunos, que no início nem acreditaram. Que quando viram que começou a construção, meu Deus a felicidade desse povo (Professora Suzana, entrevista narrativa, 2019).

Na fotografia abaixo podemos observar como era a escola antes e seguidamente como está a construção da mesma. Esse ambiente educacional é acolhedor e só tenho a ressaltar o quanto fui recebida bem todas às vezes que fui até a escola.

Figura 14 – E.M.E. F Pedro Kunz



Fonte: Arquivo pessoal Suyan Barcellos Dutra

Percebi nas entrevistas narrativas, o quanto a professora ficava emotiva quando relembra das situações que ocorreram na escola, as mudanças que foram ocorrendo durante os anos, assim como o quanto as pessoas da comunidade são ligadas, tendo um ótimo convívio entre todos.

O que faz essa professora feliz é estar com seus alunos, pois a mesma é apaixonada por sua profissão e salienta o quanto é forte seu vínculo e afetividade por seus alunos. A mesma sabe que vai ser muito difícil quando chegar o dia de sua aposentadoria, pois o sentimento que ela tem por todos da comunidade escolar é muito forte e a mesma sabe que não será fácil esse processo.

3 ESTADO DE CONHECIMENTO

Essa análise vai abordar a temática: formação de professores. Esse tema tem sido estudado e explorado por diferentes autores em eventos, palestras e seminários. Entendemos que a formação dos docentes é necessária para que esses possam ter uma progressividade em sua carreira profissional.

Uma vez que esses profissionais estão sempre em um processo de aprendizado e devem auxiliar seus alunos a compreenderem os conteúdos, assim ressaltamos o que Nóvoa (2000) normalmente discute em suas entrevistas, que o professor tem que ajudar ao aluno a transformar a informação em conhecimento. O que se define como aprendizagem não é saber muito, mas compreender o que se sabe.

Em suas pesquisas, Nóvoa (2000) está sempre evidenciando o quanto é importante que os docentes desenvolvam uma reflexão compartilhada, uma vez que encontramos nas instituições de ensino docentes individualistas, porém é necessário que juntos esses indivíduos possam encontrar formas de melhorar as práticas pedagógicas. Contudo, isso só acontecerá no momento que todos trabalharem de forma colaborativa e através de um diálogo que abarque os problemas evidenciados por esses profissionais nos seus espaços educacionais.

Será que há “fases” ou “estágios” no ensino? Será que um grande número de professores passam pelas mesmas etapas, as mesmas crises, os mesmos acontecimentos-tipo, o mesmo termo de carreira, independentemente da “geração” a que pertencem, ou haverá percursos diferentes, de acordo com o momento histórico da carreira? (NÓVOA, 1989, p.35).

Entendemos que muitos aprendem com uma mesma metodologia de ensino, contudo esses profissionais podem optar por novos métodos de ensino. Porém, para que isso se torne possível, é necessário que esses não tenham medo de mudanças, uma vez que ao optar por fazer algo diferente faz com que os outros profissionais da educação tenham certo sentimento de estranhamento, contudo esses professores tem autonomia para trabalharem da melhor forma possível para construir os conhecimentos aos seus alunos.

Destacamos o quanto é importante esse profissional estar sempre revendo a sua prática pedagógica, como também trabalhar de forma colaborativa com seus colegas, já que esses muitas vezes passam por situações parecidas em suas

respectivas salas de aula. Ao deixar de lado essa forma de ser individualista, esse profissional vai proporcionar uma melhor qualidade na educação, além de aprender com seus colegas.

Freire (2001), diz que a prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o momento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer. Essa interação entre teoria e prática profissional faz com que o desenvolvimento do professor seja sempre melhor, uma vez que esse está em um processo contínuo de aprendizagem, sempre buscando novos esclarecimentos e modos de melhorar seu desenvolvimento profissional.

Percebemos o quanto é importante os profissionais da educação terem uma formação inicial e posteriormente, uma formação continuada, proporcionando uma qualidade na educação em seus respectivos ambientes de trabalho.

Conferimos que muitos professores fazem cursos e oficinas, mas que esses não compartilham seus novos conhecimentos com seus colegas de serviço. Existe a necessidade desses professores colocarem em prática essas novas abordagens que eles aprendem e que possam contribuir com novas reflexões na escola. Segundo Nóvoa (1995), a formação não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimentos ou técnicas), mas de um trabalho de flexibilidade crítica sobre as práticas. Não basta os professores fazerem somente cursos, mas que esses utilizem suas experiências na escola, adaptando suas práticas pedagógicas.

Dessa forma, é considerável observarmos e analisarmos como a formação dos professores está sendo utilizada nos ambientes educacionais. Essa revisão de literatura tem como seu objetivo analisar algumas produções relacionadas com o tema formação de professores, para desenvolvermos a mesma utilizamos o estudo bibliográfico que tem como objetivo analisar o levantamento de dados que foram publicados em periódicos, revistas, eventos, teses ou dissertações.

Essa forma de pesquisa acaba se transformando em um estudo complexo, uma vez que ao se realizarem pesquisas aparecem diversos materiais sobre o tema pesquisado. Assim o pesquisador deve ter algumas estratégias ao escolher os materiais que vai consultar. Já que esse vai fazer a leitura para averiguar o material em sua totalidade, fazer uma revisão de literatura proporciona que seja examinado o que foi publicado sobre um determinado assunto específico.

A pesquisa teve como objetivo analisar os artigos que mencionavam sobre a formação docente, alfabetização e classes multisseriadas. Utilizamos o Portal Capes

e Cadernos CEDES, selecionamos os artigos entre 2015 a 2018. Para a realização da pesquisa efetuamos buscas com a palavra-chave “formação docente, alfabetização e classes multisseriadas”, ao observamos o título dos artigos foi feita a leitura dos resumos para analisarmos quais seriam utilizados para essa pesquisa, num próximo momento se realizou a leitura do material em sua integralidade.

Na tabela 2.0 estão listados os repositórios em que os artigos foram levantados, título e ano referente à palavra-chave “formação docente”.

Tabela 2.0 - Trabalhos acadêmicos encontrados em repositórios com o tema “formação docente”

Portal Capes	Formação docente: saberes e práticas necessárias para a escola contemporânea.	2015
CEDES	Tentativas de padronização do currículo e da formação de professores no Brasil.	2016
Portal Capes	Política pública de formação docente na perspectiva dos professores universitários.	2016
Portal Capes	Aspectos da pesquisa colaborativa na formação docente.	2016
Portal Capes	Complexidade, ecoformação e transdisciplinariedade: por uma formação docente sem fronteiras teóricas.	2018

3.1 LEVANTAMENTO DA PRODUÇÃO DOS ARTIGOS REFERENTES A PALAVRA-CHAVE “FORMAÇÃO DOCENTE”

O artigo “*Formação docente: saberes e práticas necessárias para a escola contemporânea*” foi escrito por Ezequiel Ferreira Barbosa e Maria Cândida Müller. Foi publicado na Revista Brasileira de Política e Administração da Educação, no dia 1º de junho 2016, no volume 31, p.587-606 (periódico revisado por pares). O artigo tem como objetivo abordar questões referentes à educação contemporânea e o papel da escola como espaço social de reflexão na luta contra as desigualdades, ele traz

reflexões sobre a formação docente e seu papel como agente transformador na sociedade. Aborda também a necessidade da busca por uma formação docente de qualidade para o desenvolvimento de práticas inovadoras e significativas.

Para a fundamentação teórica utilizaram os seguintes autores: Antunes (2003), Azanha (2004), Brasil (2000, 2015), Freire (1996), Kleiman (1995, 2005), Nóvoa (2007), Perrenoud (2000), Rajagopalan (2014), Ribeiro (2014), Soares (2001, 2009), Tfouni (2010) e Zeichmer (2003).

Na primeira parte da pesquisa é abordado sobre a formação docente, implicações para a atuação na escola, transformações sociais, concepções tradicionais que prevalecem na prática escolar, métodos utilizados pelos professores para ensinar seus alunos, além de ser ressaltado que o professor precisa ser formado para enfrentar os desafios da escola contemporânea.

Durante a escrita os autores discutem que é necessário o investimento na formação inicial, assim como os conhecimentos para o mesmo poder atuar na sala de aula. Já que muitos professores que acabam de se formar ao chegar nas escolas não sabem o que fazer diante das demandas da sala de aula e muitas vezes esses profissionais acabam abandonando suas respectivas profissões, pois esses passaram por um processo formativo que não os preparou para a realidade da sala de aula.

Com a leitura percebemos o quanto é importante os profissionais da educação estarem sempre em busca de uma formação contínua e que esses compreendam que somente com a formação inicial esses vão encontrar dificuldades em algum momento na sua trajetória profissional.

Ao longo do artigo é abordado também sobre a leitura e escrita e foi realizada uma pesquisa com professores dos anos iniciais e um número significativo de professores disse que não havia estudado sobre a temática letramento no curso de formação inicial, dessa forma fica evidenciado que precisamos qualificar os professores que vão inserir as crianças no mundo da leitura e escrita.

Constatamos com a leitura desse material o quanto é importante o diálogo na escola sobre a educação, assim como a formação de professores, sobre novos métodos para ensinar os alunos a aprenderem a ler e escrever utilizando materiais diversificados. O professor deve partir do que o aluno já sabe, assim é importante que esse profissional conheça seus alunos, dessa forma poderá planejar suas aulas de forma organizada e englobando as necessidades individuais oportunizando que todos aprendam juntos.

O artigo intitulado: “*Tentativas de padronização do currículo e da formação de professores no Brasil*”, foi escrito por Lucíola Licínio de Castro Paixão Santos e Júlio Emílio Diniz-Pereira. Foi publicado no periódico: Caderno CADES, em 2016 no último semestre, no volume 36 nº 100. O presente artigo analisa as tentativas de padronização do currículo e da formação de professores no Brasil nos últimos 20 anos, ele está dividido em duas partes: primeiramente, focalizando o crescente movimento de padronização dos currículos das diferentes etapas da educação básica e secundamente, a padronização no campo da formação docente.

Para a fundamentação da escrita foi utilizado os seguintes autores: Apple (1994), Ávila (1996), Ball (2012a,2012b), Brasil (2015, 2016, 1968, 1996, 1998, 2001, 2002, 2010), Candau (1987), Dias e Lopes (2003), Oliveira (2009), Dias (2005), Diniz e Viana (2008), Freitas (2002), Galian (2014), Krahe (2004), Lopes (1999), Popes e Macedo (2014), Macedo (1999), Mathis (2012), Maués (2003), Moreira (1996), Santomé (1996) e Santos (2007).

No começo da pesquisa foi analisado os processos de padronização dos currículos da educação básica, tanto no Brasil como também por diferentes países. É feita uma cronologia com datas que envolvem o currículo na área educacional, envolvendo às Diretrizes Curriculares Nacionais, Parâmetros Curriculares Nacionais, Base Nacional Comum Curricular, Resolução do Conselho nacional de Educação/ Câmara de Educação Básica e Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica.

Durante a escrita é mostrado a significativa diferença entre o processo de padronização dos currículos da educação básica e dos currículos dos cursos de formação docente, durante a escrita o texto conversa com citações e assim sucessivamente até o final da escrita. É abordado que o professor é colocado em um ambiente conduzido por padronizações e esse deve se adaptar a essas situações.

Para que a educação seja realmente de qualidade devemos analisar as condições de trabalhos que os profissionais da educação vivenciam cotidianamente em seus respectivos ambientes de trabalho, uma vez que esses poucas vezes têm materiais necessários para desenvolverem uma aula dinâmica com novas propostas pedagógicas.

Concluimos com a leitura que se existe uma real busca pela qualidade de ensino, existe uma necessidade de rever algumas políticas públicas e políticas educacionais. Percebemos que padronizar o currículo faz com que ocorra poucas

oportunidades educacionais dos estudantes e da autonomia dos professores na escola, já que ao padronizar o currículo faz com que todos os sujeitos sejam iguais, algo que é impossível num ambiente educacional que tem uma pluralidade de sujeitos com seus respectivos contextos sociais e culturais. Segundo os autores “padronizar o currículo é uma solução barata para substituir a soma de investimento que a educação necessita”.

O artigo “*Política pública de formação docente na perspectiva dos professores universitários*”, teve como autores Valéria Moreira Rezende e Rogéria Moreira Rezende Isobe. Foi publicado na Revista Brasileira de Política e Administração da Educação, 01 abril 2017, Vol.33(1), p.119 -132 (Periódico revisado por pares). O qual tem como objetivo apresentar resultados referente a investigação sobre o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, tendo como foco o modo como os professores universitários que atuam no Programa o concebem e avaliam enquanto política de formação docente.

Utilizaram como seu referencial teórico os seguintes autores: Afonso (2014), Brasil (2010, 2013), Dourado (2002), Minayo (2011), Nóvoa (2009), Oliveira (2015), Pereira (1999) e Veiga e Viana (2010).

Inicia-se o artigo chamando a atenção sobre a formação docente e que a mesma é vista como ponto forte no cenário educacional internacional, assim como a profissionalização docente. As autoras trazem a informação que essa temática tem sido pesquisada em forma de relatórios, artigos, teses e discursos políticos e que existe a necessidade de ocorrer uma redefinição sobre os processos de formação para professores, uma vez que tem ocorrido mudanças nas práticas escolares do século XXI e os professores não estão se adaptando a essa nova demanda, que necessita de uma formação voltada a realidade existente nas escolas.

Esta pesquisa fala de forma sucinta sobre a formação inicial e continuada de professores, questões relacionadas ao distanciamento existente entre o que a universidade ensina e o que é realmente vivenciado na instituição escolar. Além de abordar sobre o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), iniciado em 2008 que estimula parcerias entre universidades e escolas básicas, esse programa contribui para a possibilidade de inserções nas escolas da educação básica, proporcionando que os alunos licenciados possam refletir nesse espaço educacional com o auxílio dos demais educadores.

O artigo perpassa analisando esse programa trazendo avaliações positivas e negativas sobre o mesmo. Um aspecto destacado pelos entrevistados na pesquisa é que, de certo modo, o Programa se apresenta restritivo e excludente, na medida em que não atende a todos os licenciandos, pois o contingenciamento dos recursos não permite a realização das ações e atividades planejadas em cada subprojeto, o que desmobiliza e desmotiva os coordenadores, supervisores e seus alunos.

Percebemos ao fazer a leitura do artigo que o PIBID é visto como uma oportunidade de aproximar a universidade da escola, o programa possibilita mudança, principalmente na parte de novas didáticas, proporcionando uma melhoria na qualidade da educação. Contudo, percebe-se que o Estado precisa fazer a sua parte, assumindo a formação docente como obrigação social e permitindo condições favoráveis de trabalho para os profissionais da educação.

O artigo *“aspectos da pesquisa colaborativa na formação docente”* escrito por Denise Moreira Gasparotto e Renilson José Menegassi foi publicado na *Perspectiva* em 1º de fevereiro 2017, Vol.34(3), p.948-973 (Periódico revisado por pares). Nesse texto é discutido sobre o conceito de pesquisa colaborativa, a partir de pesquisas brasileiras sobre a temática. Para o desenvolvimento da escrita foi utilizado as citações dos seguintes autores: André (1995, 1997, 2000), Baktin (2010), Bortoni e Ricardo (2011), Cabral (2012), Fidalgo (2006), Gasparotto e Menegassi (2013), Horikawa (2008), Ibiapina (2008), Jonh e Steiner (2000), Ludke e André (1986), Magalhães (1998,1994,2002), Magalhães e Fidalgo (2010), Menegassi (2010), Smyth (1992) e Vygotsky (1930, 1978).

A pesquisa desenvolvida teve como foco discutir sobre o conceito de pesquisa colaborativa no campo que envolvia os estudos de linguagem escrita, com base em pesquisas brasileiras sobre essa temática. No começo os autores informam que grande parte das pesquisas de campo relacionadas com o estudo de linguagem escrita são de cunho qualitativo. Quem participou dessa pesquisa foi uma professora de língua portuguesa, no período entre julho a dezembro de 2012.

Durante a escrita é salientado que o desenvolvimento do trabalho colaborativo contribui na formação docente, proporcionando momentos de reflexões sobre a realidade das demandas da escola. Ao longo do artigo é enfatizado que essa abordagem passou por alguns ajustes até chegar na atual organização.

Essa abordagem se trata de um trabalho conjunto, entre o professor e o pesquisador, sem a participação o trabalho não é de caráter colaborativo. É realçado

que a autonomia é importante, uma vez que a reflexão do pesquisador e do professor nem sempre vão ser parecidas para o desenvolvimento da mesma utilizam diferentes materiais como: diários, vinhetas, gravações, relatórios, observações, gravações, etc.

A participação da professora para o desenvolvimento da pesquisa foi de suma importância, uma vez que o diálogo e interação são primordiais para que essa abordagem aconteça.

Os resultados apontaram a importância dessa abordagem de pesquisa para a formação de professores e para os processos de ensino-aprendizagem. Uma vez que a mesma proporciona uma aproximação entre escola e universidade, reflexões metodológicas sobre as temáticas abordadas na pesquisa (teoria + prática + sujeito + contexto) e o engajamento do pesquisador para que o mesmo consiga ter êxito nos seus objetivos.

Dessa forma, percebemos que o estudo contribui de forma significativa para a compreensão sobre a temática abordada, demonstrando a importância da aproximação entre universidade e escola.

O último artigo aborda sobre “*complexidade, ecoformação e transdisciplinariedade: por uma formação docente sem fronteiras teóricas*” escrito por Maria José de Pinho e Vânia Maria de Araújo Passos. Foi publicado em 1º de abril de 2018, no volume 4, p. 433-457 (periódico revisado por pares). Para a fundamentação teórica foi utilizado os seguintes autores: Celani (1998), Descartes (1973), Durand (1993), Freire (1968, 1997), Jantsch (1976, 1979), Martinez (2008), Moraes (1997, 2004, 2005, 2008), Moraes e Valente (2008), Morin (1991, 1999, 2000, 2001, 2005), Nicolescu (1997, 1999, 2008, 2009), Pinho (2013, 2015), Pinto (2011) e Santos (2005, 2008, 2009).

O artigo fala sobre a formação docente a partir da teoria da complexidade, transdisciplinaridade e ecoformação. Os autores partem da compreensão que educação é fundamental para o processo de mudança na prática educativa. O texto é organizado em partes integradas começando com uma linha do tempo referente aos períodos históricos que afetaram o contexto educacional, depois é explicado sobre a complexidade que aborda de forma sucinta sobre a realidade do contexto educacional, num próximo momento os autores falam sobre a ecoformação no qual utilizaram autores que dizem que a mesma tem em vista a formação pessoal e por último sobre a transdisciplinariedade que busca produzir transformações, conhecimentos e cultura.

Compreendemos com a leitura do material que a formação docente está interligada a esse tripé, pois é importante uma educação criativa que busca englobar a realidade, assim é importante um processo de mudança nas práticas educativas.

No grupo de Estudos e pesquisas sobre Formação Inicial, Continuada e Alfabetização destacamos os trabalhos realizados por Antunes (2009, 2013), Doltwistch e Antunes (2018), Feltrin e Antunes (2019), Marchi e Antunes (2012), Valduga e Antunes (2011), Ribas e Antunes (2019). São pesquisas realizadas sobre formação de professores vinculadas ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

Esse estado de conhecimento em diferentes artigos mostra sempre a mesma informação, que existe a necessidade de atualizar a formação docente, a qual precisa adaptar as suas práticas pedagógicas. Pois, como observado e analisado existe uma grande distância entre o que é ensinado na universidade a teoria e o que acontece nas escolas, uma vez que na prática os professores precisam se adaptar ao contexto que estão inseridos e muitas vezes esses não estão preparados para enfrentar as demandas existentes nas respectivas instituições de ensino.

Posteriormente, foi listado alguns trabalhos científicos entre 2015 e 2018 com a temática alfabetização.

Na tabela 3.0 estão listados os repositórios em que os artigos foram levantados, título e ano referente à palavra-chave “alfabetização”.

Tabela 3.0 - Trabalhos acadêmicos encontrados em repositórios com o tema “alfabetização”

Portal Capes	Alfabetização e letramento: métodos e práticas escolares	2015 ²
Portal Capes	Alfabetização científica: concepções de Educadores	2015
Portal Capes	Alfabetização: percepção de práticas pedagógicas	2016
Cadernos CEDES	Formação continuada para professores no pacto nacional pela alfabetização: continuidades, rupturas e ressignificações.	2017
Cadernos CEDES	Práticas de alfabetização com crianças de seis anos no ensino fundamental: diferentes estratégias, diferentes concepções.	2017

3.2 LEVANTAMENTO DA PRODUÇÃO DOS ARTIGOS REFERENTES A PALAVRA-CHAVE “ALFABETIZAÇÃO”

O artigo intitulado: “*Alfabetização e letramento: métodos e práticas escolares*”, foi escrito por Daniela Martins. Ele foi publicado na revista *Eventos Pedagógicos Desigualdade e Diversidade Étnico-racial na Educação Infantil*, em nov./dez de 2015, no volume 6, nº4 (17.ed), número regular, p.66-76. O artigo tem como seu objetivo analisar a partir de uma perspectiva construtivista, como ocorre o processo de alfabetização de uma instituição de ensino. A pesquisa foi realizada em uma escola com professores e crianças do ciclo de alfabetização, utilizando-se a abordagem qualitativa. Para fundamentação da escrita foi utilizado os seguintes autores: Ferreiro (1999), Moll (1996), Soares (2009, 2014) e Teberosky (1999).

No começo da pesquisa foi salientado o quanto foi importante o tema abordado, assim como a relevância da prática docente no contexto escolar e o quanto foi significativo conhecer e entender o processo de alfabetização nos anos iniciais. A

² Data de quando o artigo foi publicado.

pesquisa busca compreender qual perspectiva teórica e prática foi utilizada no contexto escolar e como a criança é vista dentro desse processo. Através das observações em sala de aula, buscou-se identificar as abordagens utilizadas pelas professoras, reconhecendo as propostas políticas e pedagógicas da escola e analisando a matriz curricular do processo de alfabetização.

Durante a escrita foi detalhado os dados de onde ocorreu a pesquisa, assim como os participantes da mesma. A pesquisadora, compreendeu que os métodos e práticas de alfabetização existentes na escola, são de escolha de cada profissional. O currículo nem sempre foi pensado para atender a demanda dos alunos, uma vez que a alfabetização está sendo trabalhada de forma fragmentada. Com o estudo foi salientado que alfabetizar está muito além de ensinar grafia e o reconhecimento das palavras, mas que os professores têm um comprometimento com a aprendizagem e a formação desses sujeitos.

A pesquisa parte do conceito que o sujeito constrói o seu conhecimento. A construção da alfabetização deve acontecer de forma ampla, dando ênfase as qualidades que o aluno traz consigo e trabalhando essas qualidades em favor de sua aprendizagem. A alfabetização é um processo complexo e envolve diferentes etapas de conhecimento de sons e imagens.

Através das entrevistas e observações foi possível entender que cada profissional opta por um método de alfabetização. A pesquisadora chegou à conclusão que o processo de alfabetização e letramento não valoriza os conhecimentos prévios dos alunos e que o currículo não atende as necessidades dos alunos.

Dessa forma, percebemos que a pesquisadora se preocupa com o aluno e que a sua formação não proporciona que o mesmo se torne um aluno reflexivo. Através da leitura da pesquisa na íntegra é evidente que o processo de alfabetização nessa instituição acaba limitando o desenvolvimento da aprendizagem dos alunos.

O artigo "*Alfabetização científica: concepções de Educadores*", foi elaborado por Ione dos Santos Canabarro Araujo, Talita Sganderla Chesini e João Bernardes da Rocha Filho. Publicado na revista *Contexto & Educação*, ano 29, nº94, set./dez de 2014. A pesquisa descreve os procedimentos e resultados de uma pesquisa de abordagem qualitativa realizada com educadores das áreas de Ciências e Matemática, mestrandos de um programa de Pós-Graduação, visando a identificar a concepção destes educadores a respeito do significado da Alfabetização Científica.

Para a fundamentação teórica utilizaram os seguintes autores: Allchin (2014), Carvalho (2011), Chassot (2003), Demo (2000), Gatti (2010), Galiuzzi (2007), Gil-Pérez e Vilches (2007), Halliday e Martin (1993), Lacerda (1997), Moraes e Miller (1998), Minayo e Sanches (1993), Moraes e Galiuzzi (2007), Piaget (1998), Queiroz e Catarino (2012), Santos e Mortimer (2000), Santos (2007), Shamos (1995) e Zanetic (2006),

Os participantes da pesquisa tinham em média 31(trinta e um) anos, sendo a mais jovem com 22 (vinte e dois) anos e 46 (quarenta e seis) a maior. Participaram da pesquisa 18 (dezoito) mulheres e 7 (sete) homens. Os professores investigados trabalhavam em sala de aula, em média, 27 horas semanais cada um. 13 (Treze) deles eram formados em matemática, quatro em química, quatro em física, três em biologia e 1(um) em pedagogia. 13 (treze) lecionavam matemática, 3 (três) lecionavam química, 3 (três) lecionavam física, 1 (um) lecionava biologia, 3 (três) lecionavam mais de uma disciplina ou outros cursos, e 2 (dois) não estavam trabalhando. 15 (quinze) deles possuíam uma especialização, e os demais eram apenas graduados. Quanto à atuação, com sobreposições, houve 15 (quinze) referências ao ensino médio, 12 (doze) ao ensino fundamental, 4 (quatro) ao ensino superior, 2 (dois) ao ensino técnico e 3 (três) a outras formas de atuação.

O artigo perpassa analisando as respostas dos professores investigados, somente uma resposta foi eliminada da análise, de forma geral, os participantes entendem que a Alfabetização Científica está associada aos conteúdos científicos trabalhados na escola, sem distinção de nível ou complexidade. Para um grupo de investigados a Alfabetização Científica destina-se a garantir a manutenção da vida humana, de uma forma bem genérica. Outro grupo percebe a Alfabetização Científica como um mecanismo social de apropriação da linguagem científica e de seus métodos. Alguns professores associam a Alfabetização Científica ao preparo do estudante para que ele possa lograr sucesso em seu processo de integração ao mundo dos cientistas. Outro grupo de professores trouxe um caráter mais filosófico em suas respostas, pois associou a Alfabetização Científica à libertação do estudante. Por fim, um grupo dos professores apresentou a noção de que a Alfabetização Científica se refere ao processo de trazer para a educação escolar aqueles conhecimentos científicos essenciais, sem definir quais seriam eles.

Observou-se ao longo da leitura do artigo que as concepções dos entrevistados, apesar de concordarem com as categorias propostas por Miller, não o

fazem de forma multidimensional, o que sugere que o tema necessita ser retomado pelos educadores, pois somente assim a Alfabetização Científica poderá cumprir o papel que lhe cabe na educação científica.

O artigo “*Alfabetização: percepção de práticas pedagógicas*”, escrito por Raquel Ester Kaminski de Carvalho foi publicado na REP’s - Revista Even. Pedagóg. Número Regular: Formação de Professores e Desafios da Escola no Século XXI Sinop, v. 7, n. 2 (19. ed.), p. 541-555, jun./jul. 2016. Nesse texto é discutido sobre a alfabetização do ponto de vista do professor alfabetizador e suas práticas em sala de aula. A mesma foi realizada com professoras alfabetizadoras, utilizaram a abordagem qualitativa, adotando o questionário para o desenvolvimento do trabalho de campo.

Para o desenvolvimento da escrita foi utilizado as citações dos seguintes autores: Amaral (2001), Azevedo (1964), Ferreiro (1999, 2001), Freire (1987), Ferreiro e Teberoski (1999), Gadotti (2002), Garrido (2002), Hernandez (2006), Imbernón (2005), Minayo (1994), Mortatti (2000), Nóvoa (1997), Oliveira (2002), Poersch (1990), Romanelli (1985), Saviani (1997), Soares (1998, 2003, 2004, 2006), Schon (1992), Turato (2005) e Zaccur (1999),

O texto aborda que os professores têm o papel de ensinar a ler e escrever de uma maneira que as crianças possam fazer o uso da leitura e escrita na sociedade, uma vez que essa sociedade está em uma constante transformação. Embora sejam processos distintos, eles não podem ser trabalhados de forma isolada, a alfabetização é um processo amplo e complexo que apresenta vários desafios.

Durante o texto foi abordado que o sistema educacional brasileiro vem passando por constantes modificações visando garantir a melhoria no processo de alfabetização. Além de trazer uma linha do tempo com datas históricas e conceituando sobre a alfabetização, utilizando diferentes autores na fundamentação teórica.

Os resultados mostraram que os professores vêm sendo reflexivos ao longo de suas trajetórias profissionais, além de evidenciar alguns limites na formação das professoras, que podem ser relacionados a formação inicial, como também à continuidade da formação. A autora nas considerações finais salienta que abordou alguns aspectos em relação à alfabetização e letramento e que novas pesquisas deverão ser realizadas, no sentido de ter novos aprofundamentos sobre a temática em questão.

Compreendeu-se com a leitura que existe a necessidade de olhar para os anos iniciais com um olhar especial, uma vez que essa é uma etapa primordial que constrói a base para a educação do aluno.

No artigo intitulado “*Formação continuada para professores no pacto nacional pela alfabetização: continuidades, rupturas e ressignificações*” foi escrito por Maria Aparecida Lapa de Aguiar, Caren Cristina Brichi e Soraia Irrigaray Zapata. Foi publicado no periódico: Caderno CEDES, em maio a agosto de 2017, no volume 37, nº102. As reflexões presentes no artigo são decorrentes de pesquisas que se centraram na análise de relatórios de Orientadores de Estudo (OEs) que atuaram no Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC) em Santa Catarina. Para a fundamentação da escrita foram utilizados os seguintes autores: Bakhtin (1995), Luria (1988), Mello (2009), Smolka (1989) e Soares (2004) e Vygotski (1995),

A pesquisa já começa com reflexões sobre como alfabetizar? Por onde começar? Que variáveis precisam ser consideradas? O que ensinar? Quem é a criança das escolas públicas? Que formação recebe o professor que atuará no ciclo alfabetizador? Que concepções balizam essas práticas? O que pode favorecer a formação do alfabetizador e contribuir para o processo de escolarização das crianças? Esses questionamentos estiveram permeando a formação oferecida pelo Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), em defesa do direito principal de toda criança em processo de escolaridade que é o direito de aprender.

O programa de formação continuada, instituído pelo governo federal, denominado PNAIC, foi assumido por um dos núcleos de pesquisa do Centro de Ciências da Educação (CED) da UFSC, iniciou-se em 2013 e atendeu praticamente todos os municípios do Estado. Essa formação atingiu cerca de 8.000 alfabetizadores, comportando uma equipe de coordenadores, formadores e OEs que atuaram em quatro polos de formação em 2013 (três no litoral e um no Oeste catarinense) e em cinco polos em 2014 e 2015 (três no litoral e dois na região oeste).

Os relatórios pesquisados dizem respeito ao polo 2: Joinville e região, relativos ao ano de 2013, com cerca de 53 (cinquenta e três) municípios envolvidos e aproximadamente 120 (cento e vinte) OEs. Em 2013, eram quatro formadores de Língua Portuguesa e, em 2014, cinco formadores de Língua Portuguesa e cinco de Matemática. Para essa formação continuada, a equipe responsável adotou o registro por meio de relatórios realizados pelos OEs. Tais relatórios eram entregues aos formadores bimestralmente e arquivados na universidade.

O foco do relatório desenvolvido por uma das OEs da rede estadual com os professores alfabetizadores no município de Blumenau-SC foi o conceito de avaliação na alfabetização e seus instrumentos, tendo como base a Provinha Brasil. Os encaminhamentos se deram a partir dos cadernos da Unidade 1 da formação do PNAIC. A OEs registra quem orientou os professores para comparar as questões da Provinha Brasil com os Direitos de Aprendizagem de Língua Portuguesa. Os resultados da pesquisa apontam que o currículo deve ser pensado, as metodologias e os processos avaliativos interferem em questões de ensino e aprendizagem. Essa formação contribuiu para mobilizar redes de ensino pela abrangência atingida e pelas trocas proporcionadas nos polos de formação.

Outro aspecto que merece destaque é a sobreposição explícita nos cadernos do PNAIC de perspectivas teóricas distintas como a abordagem histórico-cultural (com referência a Vygotsky) e a construtivista de base piagetiana (na qual se ancoram os estudos de Ferreiro e Teberosky) e que aparecem também refletidas nas descrições do trabalho presente no relatório analisado.

O último artigo aborda sobre *“práticas de alfabetização com crianças de seis anos no ensino fundamental: diferentes estratégias, diferentes concepções”*, escrito por Maria do Socorro Alencar Nunes Macedo, Ana Caroline de Almeida e Ana Paula do Amaral Tibúrcio. Foi publicado no periódico: Caderno CADES, em maio a agosto de 2017, no volume 37, nº102. O objetivo do artigo foi de apresentar e discutir duas práticas de alfabetização com crianças de seis anos, no contexto da ampliação do tempo no Ensino Fundamental. A perspectiva etnográfica dos Novos Estudos do Letramento configurou-se como principal aporte teórico metodológico. Questionando-nos sobre qual seria o ponto de partida escolhido pelas docentes para o ensino da leitura e da escrita, vislumbramos duas práticas distintas de alfabetização: uma, cujo ponto de partida para a construção dos eventos de letramento era uma determinada letra do alfabeto; e outra, que teve predominantemente o texto e o contexto como disparadores desse processo.

Utilizaram como seu referencial teórico os seguintes autores: Bakhtin (1995), Brandão e Rosa (2010), Cosson (2012), Goulart (2010), Macedo (2001, 2005), Paiva e Rodrigues (2008), Rockwell (2009), Soares (1996, 1999), Smolka (1988) e Street (1984).

A primeira escola, funcionava em dois turnos, atendendo a crianças da EI e do EF. O turno da manhã acolhia as turmas de 4º e 5º anos, em regime seriado, e o turno

da tarde, os 1º e 2º períodos da EI (crianças de 4 e 5 anos) e das turmas do Ciclo Inicial de Alfabetização (1º, 2º e 3º anos), no regime de progressão continuada. A sala enfeitada com um painel e cartazes, no qual se observava o nome dos alunos, regras de boas maneiras, as condições climáticas e os ajudantes do dia, além do alfabeto e dos numerais. No alfabeto, viam-se as quatro formas da letra (maiúscula, minúscula, cursiva e impressa), uma figura e uma palavra. Os numerais, pendurados em cartelas de 0 a 9, apresentavam o número e a quantidade. Na sala, havia um “cantinho de leitura”, com alguns livros antigos de literatura infantil, que não foram utilizados pela professora durante a coleta de dados; armário para a professora; e 23 carteiras em tamanho inadequado para as crianças e dispostas em cinco filas quase que cotidianamente.

As observações ocorreram em todas as disciplinas, mas as aulas de Língua Portuguesa foram centrais para a pesquisa, uma vez que o processo de ensino e aprendizagem da leitura e da escrita acontecia predominantemente nessas aulas. Como forma de auxiliar os alunos na memorização das vogais, diariamente a professora cantava uma música das vogais. Além de fazer atividades de cruzadinha, formação de palavras, separação silábica, cópia de textos, etc. Diante das observações realizadas, os pesquisadores compreenderam que não eram muitos os recursos pedagógicos utilizados por essa professora. A lousa e uma folha com uma atividade impressa eram suficientes para que desenvolvesse o trabalho.

Todos esses aspectos revelam que o ponto de partida da professora para ensinar a leitura e a escrita foram as letras do alfabeto, reduzindo a experiência das crianças de seis anos ao contato com uma língua abstrata, supostamente neutra e ensinada a partir de técnicas de memorização.

A escola 2, atende crianças das comunidades do entorno e funciona em um prédio que pertence à Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) cedido à Prefeitura em 1967. No início da pesquisa, a turma era composta por 22 crianças, sendo 9 meninas e 13 meninos, e, no final, por 23 crianças, sendo 9 meninas e 14 meninos. O espaço da sala de aula era amplo, organizado com cartazes fixos (ajudantes, aniversariantes, calendário, numerais e alfabeto). Possuía um quadro no qual eram afixados cartazes sobre as atividades que estavam sendo desenvolvidas pela turma, uma mesa comprida, com potes de jogos na parte debaixo; acima, uma caixa de “achados e perdidos”, um suporte com o aparelho de som, uma casinha de brinquedos. Havia 25 mesas individuais com cadeiras, na altura adequada para tal

faixa etária, organizadas em duplas, formando três fileiras com oito mesas cada uma, de frente para o quadro.

Após as observações e a entrevista com a professora, foi possível perceber que esta aproveitou diferentes situações para desenvolver sua prática de alfabetização, explorando distintos contextos e recursos presentes na escola, como livros literários, poemas e atividades propostas nos livros didáticos para, a partir deles, desenvolver atividades relacionadas à apropriação do sistema de escrita alfabética. Em uma perspectiva diferente, o que observamos foi uma prática de alfabetização que priorizou o trabalho com o sistema de escrita alfabética, tendo uma forte ênfase no reconhecimento de fonemas, mas que foi desenvolvida a partir de determinados contextos pedagógicos construídos para esse trabalho, elaborados a partir de determinados textos ou situações vivenciadas na escola, procurando, assim, tornar a aprendizagem da leitura e da escrita significativa para a criança.

Ambas as professoras tinham como objetivo central no trabalho com crianças de seis anos a compreensão do sistema de escrita alfabética. A professora 1 organizava sua prática a partir da sequência do alfabeto e das famílias silábicas, utilizando-se claramente do que nomeamos métodos sintéticos de alfabetização. A professora da escola 2(dois) priorizava o trabalho com o sistema de escrita a partir de textos em circulação na sala de aula, embora não abrisse mão do trabalho sistemático com vogais e consoantes. Ambas as professoras iniciaram o trabalho com o reconhecimento das vogais, o que é uma forma de trabalho tradicional, característica do início da alfabetização.

No grupo de Estudos e pesquisas sobre Formação Inicial, Continuada e Alfabetização destacamos os trabalhos realizados por Antunes e Lemos (2008), Ávila e Antunes (2009), Dutra e Antunes (2015), Doltwistch e Antunes (2010), Marchi e Antunes (2009). São pesquisas realizadas sobre alfabetização vinculadas ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

Seguidamente, foi listado alguns trabalhos científicos entre 2015 e 2018 sobre a temática classes multisseriadas.

Na tabela 4.0 estão listados os repositórios em que os artigos foram levantados, título e ano referente à palavra-chave “classe multisseriada”.

Tabela 4.0 - Trabalhos acadêmicos encontrados em repositórios com o tema “classes multisseriadas”

Portal Capes	Práticas de alfabetização em turma multisseriada no contexto do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC).	2015
Portal Capes	Ritos de passagem de estudantes de classes multisseriadas rurais nas escolas da cidade.	2016
Portal Capes	Fios que tecem o tempo escolar: do ritmo padrão à simultaneidade.	2017
Portal Capes	As multisséries no Campo de Arraias-TO: memórias.	2017
Portal Capes	Escolas multisseriadas e a pedagogia histórico - crítica: início de uma reflexão.	2018

3.3 LEVANTAMENTO DA PRODUÇÃO DOS ARTIGOS REFERENTE A PALAVRA-CHAVE “CLASSE MULTISSERIADA”

O artigo “*Práticas de alfabetização em turma multisseriada no contexto do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC)*”. Escrito por Carolina Figueiredo de Sá e Ana Cláudia Rodrigues Gonçalves Pessoa, publicado na práxis educativa em 2016, volume 11(1), p.215-241. Para a fundamentação teórica foram utilizados os seguintes autores: Albuquerque (2010), Antunes-Rocha e Hage (2010), Bof (2006), Bogdan e Biklen (1994), Brasil (2012, 2013), Chartier (2007), Cruz (2012), Ferreira e Leal (2010), Ferreiro (1989), Ferri (1994), Gonçalves e Antunes-Rocha, Ribeiro (2010), Hage e Barros (2010), Kramer (1986), Leal (2005), Morais (2012), Oliveira (2010), Pinho (2004), Silva (2007), Silva e Almeida (2010), Silva e Franco (2013), Souza e Santos (2013), Soares (1985, 2003) e Tardif (2002).

No artigo é analisado as práticas de alfabetização em uma turma multisseriada do campo, a professora responsável pela respectiva turma era participante do PNAIC. Como metodologia foram realizadas observações e entrevistas semiestruturadas, as autoras utilizaram a análise de conteúdo de Bardin (2002), além de proceder à uma

avaliação com base na teoria da psicogênese da língua escrita e realizaram a análise documental referente aos cadernos do PNAIC-Educação do Campo (edição 2013).

O texto começa com um panorama sobre a alfabetização no país, enfatizando que é um desafio no campo educacional brasileiro. É abordado sobre o índice de reprovação, além de trazer a informação que nos últimos anos aumentou as pesquisas referente as turmas multisseriadas.

Num momento posterior é abordado o quanto é importante a formação continuada, uma vez que a mesma proporciona reflexões e aprofundamentos referentes aos saberes dos professores. As autoras trazem a informações sobre os quatro eixos do PNAIC: formação continuada, materiais didáticos, avaliações sistemáticas e gestão.

Compreende-se com a leitura do artigo que o programa é um curso de formação continuada de professores que estão no campo. Os resultados da pesquisa mostram que o professor que trabalha em salas multisseriadas faz planejamentos com atividades diversificadas de acordo com o nível de aprendizagem de cada aluno. O PNAIC proporciona um suporte para esses profissionais poderem trabalhar nas salas de aulas com novas propostas pedagógicas.

O artigo intitulado “*ritos de passagem de estudantes de classes multisseriadas rurais nas escolas da cidade*”, foi elaborado por Elizeu Clementino de Souza, Nanci Rodrigues Orrico, Fábio Josué Souza Santos e Ana Sueli Teixeira de Pinho. Ele foi publicado em roteiro em 1º de março de 2016, volume 41(1), p.219-240 (periódico revisado por pares).

Os autores utilizados para a fundamentação teórica foram: Amiguiño (2003), Antunes-Rocha e Hage (2010), Damasceno e Besera (2004), Fernandes (2004), Genep (2008), Leite (1999), Lopes (2011), Santos (2006), Santos e Souza (2014), Souza (2012, 2015), Silva (2004), Skliar (2003) e Todorou (1993).

A pesquisa foi organizada da seguinte maneira: os conceitos de diferenças entre multisseriação e ritos de passagem e por fim é feito uma conclusão sobre a temática estudada. Os autores iniciam lembrando que a população rural brasileira padeceu com a falta de políticas públicas. Assim os alunos da zona rural precisam migrar para a cidade para continuarem estudando, porém muitos desistem de estudar pois não querem sair do campo, ao sair do seu contexto faz com que esses jovens percam a valorização da sua cultura.

Durante o texto é conceituado como é uma sala multisseriada, como a professora desenvolve seu trabalho, além de trazer dados oficiais sobre o número de turmas multisseriadas no Brasil, no ano de 2013 havia a existência de 88.261 turmas multisseriadas. O objetivo do artigo é discutir sobre os ritos de passagem de estudantes do 5º ano do ensino fundamental em classes multisseriadas em escolas rurais que vão para escolas da cidade, pois esses alunos precisam dar continuidade aos estudos. É salientado que a falta de qualidade nas escolas localizadas na zona rural, faz com que os alunos acabem desistindo de estudar, uma vez que esses têm que migrar para a cidade.

Essa foi uma pesquisa (auto)biográfica onde é utilizado também a análise documental com a intenção de compartilhar as intervenções e práticas desenvolvidas em escolas que acolhem os alunos das áreas rurais. Buscou-se durante o artigo compreender a inserção desses alunos nessa nova escola, onde esses precisam se adaptar a esse novo processo educativo. Percebeu-se o quanto foi importante valorizar as particularidades das escolas rurais, assim como os conhecimentos que os alunos têm desse contexto social.

A pesquisa com o título “*fios que tecem o tempo escolar: do ritmo padrão à simultaneidade*”, foi desenvolvido por Ana Sueli Teixeira de Pinho e Elizeu Clementino de Souza. Publicado em Educação & Realidade, 1º de setembro 2017, volume 42(3), p.1183-1204 (periódico revisado por pares).

Foram utilizados os seguintes autores: Arroyo (2011), Askin (1969), Bachelard (2007), Bakhtin (2003), Canalli (2006), Clark e Holquist (1998), Comenius (2002), Dubet (2006), Elias (1993, 1998), Faraco (2010), Foucault (1987), Freitas (2013), Giddens (2009), Levinas (2011a, 2011b), Maffesoli (1998), Martins (2000), Mauer (2007), Nóvoa (1991, 2001), Petitat (1994), Pinho (2012), Pomian (1984), Rhéaume (2009), Sacristán (2005), Santos (2009), Skiliar (2003, 2012), Souza (2008, 2010) e Zerubovel (1985).

O objetivo do texto foi tecer fios sobre a constituição do tempo em duas escolas com classes multisseriadas, com a intenção de problematizar sobre a ideia de ritmo padrão e simultaneidade para o tempo escolar. Os autores utilizaram a narrativa (auto)biográfica e selecionaram a entrevista narrativa para a coleta de informações. As escolas participantes foram: Escola Municipal de Botelho e a Escola Municipal de Praia Grande, ambas localizadas nas comunidades que lhes dão nome e situadas na Ilha de Maré – Salvador –BA.

Percebeu-se com a leitura que os autores querem que ocorra uma reflexão sobre a organização escolar da forma como ela era e como ela está agora, assim com esse estudo é salientada a relação ética com o outro. Ao abordar sobre a racionalidade ética foi questionado sobre a ideia do tempo como ritmo o que é um equívoco, uma vez que esse nega a condição do outro.

O artigo intitulado “*as multisséries no campo de Arraias-TO: memórias*”, teve como autores Jocyleia Santana dos Santos e Samara Caldas Franco o qual foi publicado na Revista Brasileira de Educação do Campo, 1º de abril de 2018, volume 3(1), p.223-244 (periódico revisado por pares). Foi utilizado na pesquisa os seguintes autores: Alberti (2004), Andrade (2014), Antunes-Rocha e Hage (2010), Arroyo e Fernandes (1999), Arroyo (2007), Barros (2010), Brasil (2004, 2014, 2017), Fernandes (2004, 2006), Gonsaga (2009), Hege (2004, 2005, 2010), Menezes e Santos (2002), Marinho (2008), Moraes (2010), Morin (2001), Moura e Santos (2012), Pinho (2004), Rocha (2014), Santos (2014), Silveira (2014), Souza (2014) e Souza e Santos (2014).

Ocorreu uma pesquisa sobre as dificuldades enfrentadas pelos professores e alunos que estão inseridos em classes multisseriadas em uma escola localizada na área rural do município de Arraias -TO. Para a metodologia foi utilizado a história oral (entrevista) com os professores e alunos que estão inseridos nesse contexto. Foi disponibilizado durante o texto que existe cerca de 1,3 milhões de alunos que estudam em classes multisseriadas do campo no Brasil.

Com os depoimentos de alunos e professores foi destacado sobre a falta de formação específica para o professor que atua na multisseriação, uma vez que essa questão acaba afetando a qualidade do ensino, além dos mesmos salientarem sobre a ausência de um currículo voltado ao contexto do campo e falta de infraestrutura. Percebe-se com os depoimentos que essas condições acabam afetando o rendimento dos alunos.

Foi de suma importância pensar em uma formação inicial e continuada para esses profissionais que desenvolvem sua prática pedagógica em turmas com alunos com diferentes níveis de aprendizado. Com a leitura foi ressaltado a necessidade da implantação de políticas públicas, construção de uma proposta pedagógica além de um currículo que contemple as reais necessidades do campo. Falta um olhar sensível para esses sujeitos que estão inseridos na zona rural, esses precisam de uma educação com qualidade.

O último artigo “*escolas multisseriadas rurais no Estado de Tocantins e pedagogia histórico-crítica: aproximações*” desenvolvido por Klívia de Cássia Silva Nunes e Maria Cristina Dos Santos Bezerra, foi publicado na Revista Histedbr On-line, 1º de março de 2018, volume 18(1), p.258-275 (periódico revisado por pares). Teve como autores para a fundamentação teórica: Arroyo (1997, 2007), Brasil (2007, 2014) e Saviani (2005).

A pesquisa abordava sobre as práticas pedagógicas existentes nas escolas multisseriadas, localizadas na zona rural do município de Tocantinópolis/TO a partir da perspectiva das professoras. Foi utilizado como referência a contribuição da pedagogia histórico-crítica. A questão que as pesquisadoras queriam responder era a seguinte: como os professores se posicionam diante das práticas pedagógicas que desenvolvem nas escolas multisseriadas rurais?

Para encontrar a resposta foi realizada uma pesquisa teórica e de campo, com a pesquisa foi possível ter uma visão sobre a prática dos professores que ensinam em escolas com classes multisseriadas. Através das falas dos profissionais foi constatado que esses têm pouca orientação sobre a didática a ser realizada nas salas de aula.

Enfim, pode-se afirmar que o papel da educação escolar é ensinar o aluno a pensar, desenvolver suas capacidades e acesso aos conhecimentos construídos historicamente pela humanidade, porém essa atividade se transforma em um desafio levando em conta que é complexo ensinar em uma classe multisseriada.

No grupo de Estudos e pesquisas sobre Formação Inicial, Continuada e Alfabetização destacamos os trabalhos realizados por, Dutra e Antunes (2018); Valduga e Antunes (2017), Ribas e Antunes (2018). São pesquisas realizadas sobre classes multisseriadas vinculadas ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

Quando realizamos pesquisas em diferentes materiais pedagógicos sobre essa temática sempre é destacado como se caracteriza esse ambiente escolar, o qual tem alunos com uma diversidade de idades, com diferentes graus de aprendizagem em um mesmo espaço educacional e somente um professor que vá ensinar para essa diversidade de sujeitos. Já havíamos abordado sobre essas características anteriormente. Ao realizar a pesquisa que essa temática tem sido estudada por diferentes sujeitos. Ao fazer uma revisão de literatura, podemos encontrar materiais em diferentes espaços desde bibliotecas até os meios eletrônicos (internet) e percebeu-se que sempre são utilizados os mesmos conceitos e linguagem.

4 EDUCAÇÃO DO CAMPO E AS CLASSES MULTISSERIADAS

A educação do campo sempre foi mobilizada por movimentos sociais que lutam por políticas que possam respeitar a cultura desse povo, com objetivo desses não perderem seus conhecimentos referentes à terra, que possa ser respeitada suas identidades individuais. Nesse sentido, é válido ressaltarmos que antes a população do campo não tinha políticas específicas e ao longo da história essas pessoas eram excluídas do processo educativo.

Assim passamos a destacar de forma sucinta alguns marcos históricos sobre essas classes, voltamos para o período conhecido como Brasil colônia, onde havia professoras que ministravam as aulas para os filhos dos donos das terras, sucessivamente começaram a ensinar para os filhos dos trabalhadores, esse contexto ocorreu com a expulsão dos jesuítas.

Somente em 1827, com a Lei Geral do Ensino, que tratava de diversos assuntos: remuneração dos professores, admissão de professores, escolas para meninas, currículo, descentralização do ensino e ensino por meio da monitoria, o qual alunos que tinham mais domínio de um determinado conhecimento acabavam por ensinar aqueles alunos que ainda não haviam aprendido.

Em 1889, começou a ser criado grupos escolares seriados, assim esse modelo de escolarização foi propulsor para as pessoas que se localizavam na zona rural. Com o passar dos anos foram ocorrendo algumas mudanças, que acabaram por reestruturar a forma como era organizada o ambiente educacional. Esse foi um período marcado pelo fim da ditadura em 1984.

Nos anos de certezas e combates, mas também de retorno à vida democrática do país, realizaram-se os 1º e 2º Congresso Normalistas de Educação Rural, o primeiro em 1945, em Campinas, o segundo em 1947, em Piracicaba. [...] evento que conta com a participação de delegações representantes de 25 escolas normais; com temário amplo, as comissões debateram questões ligadas à saúde rural, formação de professor para a zona rural, povoamento e assimilação do imigrante e descendentes, problema demográfico e a escola rural, prédio escolar para a zona rural, carreira do professor (MONARCHA, 2010, p. 45).

Após muitos movimentos, ocorreram avanços na educação do campo e a partir de um marco importante a LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, 9394/96 caracteriza no artigo 28, sobre as adaptações na Educação Básica, para a população rural, essa é uma conquista para as organizações dos trabalhadores do

campo, na luta por políticas públicas. Nota-se que ocorreu a adequação a realidade dos alunos inseridos na zona rural.

Na oferta de educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente:

- I - conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural;
- II - organização escolar própria, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas;
- III - adequação à natureza do trabalho na zona rural (BRASIL, 1996).

Esse artigo foi um significativo avanço, uma vez que proporciona que os alunos estudem os conteúdos que serão necessários para o crescimento tanto pessoal como intelectual abordando a realidade dos mesmos e incentivando que esses continuem no ambiente escolar, contudo o desempenho dos alunos da educação do campo estavam inferiores assim foi implementado o Programa Escola Ativa.

A resolução CNE/CEB nº 1 de 3 de abril de 2002, em seu parágrafo único, esclarece que a identidade dessas escolas é definida pela sua vinculação às questões inerentes a sua realidade, ancorando-se na temporalidade e saberes próprios dos estudantes, na memória coletiva que sinaliza futuros, na rede de ciências e tecnologias disponível na sociedade e nos movimentos sociais em defesas de projetos que associem as soluções exigidas por essas questões a qualidade social da vida coletiva no país.

Essas medidas proporcionaram que a educação do campo fosse adaptada para a realidade dos alunos. Organizar o espaço escolar não é tarefa fácil para os gestores e professores, mas esses tentam construir um currículo que vá envolver as turmas multisseriadas, o que é um desafio.

Entretanto nem sempre ele foi trabalhado de forma específica, atendendo todas as demandas da população do campo. Ressaltamos que trabalhar nesse ambiente se torna uma atividade complexa quando o profissional não tem uma experiência para conseguir resolver a demanda da turma, assim como seus temas geradores.

O currículo das escolas acaba sendo fragmentado muitas vezes, sem aprofundamento de alguns conteúdos que deveriam ser abordados pelos professores, quando ocorre o distanciamento do currículo e o contexto social dos alunos, esses passam a pensar que suas histórias e identidades individuais não são importantes. Ressaltamos o quanto é importante o professor ter esse olhar sensível para seus alunos.

Ao trabalhar esses aspectos foi imprescindível ter cuidados, visto que o currículo é planejado para circundar a realidade do campo, e esse deve ser estruturado de uma forma planejada, porque esse vai ser o ambiente que o profissional vai ensinar e desempenhar sua função da melhor forma possível, além de aprender com seus alunos também.

Para que isso ocorra foi importante à integração dos conteúdos com o cotidiano dos alunos, assim é necessário que o professor saiba trabalhar em uma sala diversificada, pois esse deve ser capacitado para montar um currículo que vai desempenhar a aprendizagem dos alunos levando em consideração as especificidades dos alunos. Segundo Pimentel (2007), “[...] o currículo é, antes de tudo, uma configuração dos modos de vida de habitar o mundo, por isso mesmo não pode ser pensado fora dos limites e possibilidades de sentir agir e pensar a humanidade”.

O professor que atua na escola se defronta com dificuldades que necessitam ser superadas, assim esse sujeito deve ser visto com um olhar de valorização, pois seu trabalho não é simples. Compreende-se que existem muitos aspectos a serem melhorados e um desses é o aperfeiçoamento do professor em cursos de formação que possibilitaram novas possibilidades.

Ao refletirmos sobre as dificuldades encontradas pelos profissionais da educação do campo, percebemos que seus trabalhos acabam sendo particulares, sem a participação de outros colegas, dado que cada turma tem seus níveis específicos de desenvolvimento, e esse acaba desenvolvendo um trabalho sozinho, muitas vezes sem socializar sobre suas abordagens utilizadas na sala de aula com seus colegas. Arroyo (2000) anuncia que tanto nas pequenas escolas situadas na área rural como na área urbana, a cultura docente se mostra solitária, individualizada até monodocente.

Como ocorrem essas situações de não ocorrer um diálogo entre os professores, esses acabam procurando uma formação continuada, com essa alternativa eles podem melhorar suas práticas pedagógicas na sua intervenção na escola, elevando o nível de abordagem de conteúdos com seus alunos, adquirindo mais conhecimentos sobre sua área de docência e proporcionando inovações no seu contexto escolar.

É necessário repensarmos a educação do campo nos múltiplos contextos na ela se apresenta na sociedade vigente. Se muito está se fazendo em termos

de políticas públicas para a Educação do Campo, faz-se necessário buscar alternativas que contemplem as condições de trabalho do docente. Estas condições dizem respeito, a uma política de valorização do magistério que contemple salários e formação inicial e continuada, estruturas físicas adequadas ao trabalho, com escolas que possuam os espaços necessários ao desenvolvimento de práticas pedagógicas que possam ser bem-sucedidas (REIS, 2010, p.13).

O trabalho desenvolvido pelos professores do campo requer uma atenção exclusiva que vá atender os sujeitos que estão inseridos nesse âmbito, valorizando os saberes no campo. Souza (2006) compreende a formação como uma iniciação e como processo, revelando conexões com as experiências que se constroem ao longo da vida, através das singularidades das histórias de vida e das trajetórias de escolarização. Dessa forma, essa pesquisa vai possibilitar que ocorra uma análise sobre as práticas pedagógicas realizadas por essas professoras que estão inseridas em escolas do campo.

Uma vez que já realçamos que esses profissionais passam por sobrecargas de atividades além das condições precárias do espaço escolar e a falta de materiais didáticos que deveriam abranger o contexto dos alunos. Entendemos que os problemas relacionados à educação não ocorrem só no meio rural, mas neste a circunstância acaba sendo mais grave.

Precisamos ter um olhar crítico e indicar possíveis saídas para esses profissionais que socializam conhecimentos em escolas multisseriadas, pois muitas vezes eles não têm uma formação inicial e continuada, e esbarram em diversas dificuldades como já ressaltamos anteriormente.

4.1 CONCEPÇÕES DA EDUCAÇÃO DO CAMPO E OS DESAFIOS PARA O CURRÍCULO DAS ESCOLAS MULTISSERIADAS

Os conceitos referentes à educação rural, segundo Simões e Torres (2001) existem desde 1889, com a Proclamação da República, onde o governo cria uma pasta com o título “Agricultura, Comércio e Indústria” para atender os educandos que moravam nas zonas rurais. Contudo, entre 1894 e 1906 a mesma foi eliminada. Somente em 1909 começou a ser debatido novamente sobre a educação rural, porém a escola era vista como um espaço de ensino para agrônomos.

Com o aumento do fluxo de migração da zona rural para a zona urbana em 1917, essa situação foi vista como uma adversidade, pois sujeitos que eram

analfabetos estavam em todos os lugares, com essa circunstância é retomada a educação rural, mas compreendida como uma forma de controlar as migrações aponta Simões e Torres (2001).

A partir de 1930 foi que ocorre discussões sobre a escolarização do meio rural. Surgiu nesse contexto o “ruralismo pedagógico”

O ruralismo no ensino permaneceu até a década de 1930, uma vez que a escolaridade mantinha-se vinculada à tradição colonial e distanciada das exigências econômicas do momento. Somente após os primeiros sintomas de uma transformação mais profunda no modelo econômico agroexportador é que a escolaridade tomara posições mais arrojadas (LEITE, 1999, p.29).

A intenção do ruralismo pedagógico, conforme aponta Leite (1999) era de manter os sujeitos no campo, assim esses não tentariam morar na zona urbana, fazendo com que aumentasse o número da população de forma exagerada.

Na Constituição de 1934, no artigo 156, no parágrafo único é proeminente que “para a realização do ensino rural, a união reservará no mínimo, vinte por cento das cotas destinadas à educação no respectivo orçamento anual” (BRASIL, 1934). No entanto, a efetividade torna-se um processo de difícil concretização.

Na década de 45 a 64, como menciona os estudos de Romaniello (2015) e Oliveira (2013) ocorre uma redemocratização do ensino rural. Em 1948 é criado em Minas Gerais, a associação de Crédito e Assistência Rural (ACAR) que um tempo depois foi chamada de EMATER. Esse programa tinha como objetivo de planejar, coordenar e executar programas de assistência técnica e extensão rural.

A Conferência Mundial de Educação Para Todos em Jomtien, Tailândia (1990) induziu reformas para a atenuação das desigualdades educacionais em países com taxas de analfabetismo. Dentro do ensino fundamental, a educação rural era vista como vulnerável, dessa forma ocorreu a iniciativa do Programa Escuela Nueva (PEN), da Colômbia, para capacitação docente e melhora da qualidade da educação para classes multisseriadas no espaço rural.

Cabe salientar, que só foi possível realizar essa pesquisa sobre os conceitos, pois utilizamos artigos científicos, bem como livros para que essa pesquisa tivesse êxito. Para Gil (2008, p.51) “embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho desta natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográfica”. Para a pesquisa ter um bom desenvolvimento, existe a necessidade de fonte segura, material diversificado com fundamentação teórica,

pesquisador conhecer autores que estudam sobre a temática estudada, pois somente assim o pesquisador poderá realizar sua pesquisa.

4.2 CURRÍCULO, PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO E LEGISLAÇÃO PARA O CAMPO

A educação rural deveria ter como objetivo com o passar dos anos de fazer com que os educandos não desistissem de ir para a escola, proporcionando práticas pedagógicas que fossem envolver a realidade rural. Contudo, os projetos políticos pedagógicos, assim como os currículos não conseguiam suprir as demandas exigidas pelos sujeitos que vivem na zona rural. É importante um currículo voltado para os educandos que estão inseridos nesse espaço, propondo que esses filhos de agricultores tenham empoderamento, identidade com o campo.

Ao trabalhar esses aspectos é imprescindível ter cuidados, visto que o currículo é planejado para circundar a realidade do campo, e esse deve ser estruturado de uma forma planejada, porque esse vai ser o ambiente que o profissional vai ensinar e desempenhar sua função da melhor forma possível, além de aprender com seus alunos também.

Destacamos o quanto foi importante a participação de todos da comunidade escolar nos projetos desenvolvidos pela escola, uma vez que esses sujeitos fazem parte desse ambiente educacional. Dessa forma, destaca-se o quanto foi importante ocorrer a participação dos pais no ambiente escolar. De acordo com Lück (2006)

Aos professores, pais e alunos, cabe perceber que eles constroem a realidade escolar desde a elaboração de seu projeto pedagógico até a efetivação de sua vivência e ulterior promoção de transformações significativas. Não se trata de concorrer, doar ou impor participação, mas sim de estimulá-lo (LÜCK, 2006, p.71).

Com essa participação, será mais fácil a integração dos conteúdos com o cotidiano dos alunos, assim é necessário que o professor saiba trabalhar em uma sala diversificada e conhecendo o contexto de cada aluno, pois esse deve ser capacitado para montar um currículo que vai desempenhar a aprendizagem dos educandos levando em consideração as especificidades dos mesmos.

A escola é um espaço de formação, socialização dos saberes, ambiente que proporcione o diálogo sobre conhecimentos prévios dos educandos, espaço de luta e

resistência. Percebemos que historicamente, a escola rural é tratada como se fosse urbana e isso não é correto ocorrendo essa visão urbanocêntrica que desvaloriza o tempo rural (SOUZA,2012d).

Nas classes multisseriadas, os profissionais enfrentam inúmeras dificuldades no seu âmbito de trabalho, uma vez que, as classes multisseriadas se caracterizam por reunir em único espaço, um conjunto de séries do Ensino Fundamental, essa é a forte característica presente nas escolas rurais.

O processo de ensino-aprendizagem é prejudicado pela precariedade da estrutura física das escolas multisseriadas, expressando-se em prédios que necessitam de reformas como também espaços inadequados ao trabalho escolar; muitas escolas constituem-se em um único espaço físico e funcionam em salões paroquiais, centros comunitários, varandas de residências, não possuindo área para cozinha, merenda, lazer, biblioteca, banheiro, etc. Há dificuldades enfrentadas pelos professores e estudantes em relação ao transporte escolar e às longas distâncias percorridas para chegar à escola e retornar as suas casas, realizadas por diferentes vias e meios de transportes utilizados no campo; igualmente prejudicada pela oferta irregular da merenda, que interfere na frequência e aproveitamento escolar, pois, quando ela não está disponível, constitui-se um fator que provoca o fracasso escolar, ao promover a evasão e a infrequência dos estudantes (ROCHA; HAGE, 2010, p.27).

Os professores que não tiveram uma formação nessa área vão acabar encontrando dificuldades na sua prática-pedagógica no espaço geograficamente rural, pois desenvolver um trabalho em uma sala multisseriadas, sem uma formação específica acaba se tornando uma atividade árdua. Sem essa formação, os profissionais que forem dar aula, nas escolas multisseriadas vão se sentir sem saber como desenvolver seu trabalho e expandir suas propostas educacionais que devem atender a todas as necessidades da classe, muitos acabam levando o modelo do espaço urbano para as escolas multisseriadas sem adaptar seus planejamentos.

Constata-se que muitos professores que atuam hoje nestas, não receberam uma formação necessária para executarem seus papéis nesse âmbito educacional que exige bastante desses profissionais, assim esses se deparam com mais dificuldades em adequar seus trabalhos em turmas tão diversificadas.

Percebemos o quanto é importante para os educadores conhecerem essa realidade diferente de quem trabalha com a população do campo, já que essas tem um Projeto Político Pedagógico da Escola e Diretrizes sobre a Educação do Campo adaptadas que abrangem o contexto que as mesmas estão inseridas valorizando as

diversidades socioculturais, com ênfase na importância do ensino do uso da terra e do solo.

Com metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos educandos com aulas práticas e desenvolvendo projetos que englobem a realidade do cotidiano desses, além de incluir a adequação do calendário escolar com as fases do ciclo agrícola. Conforme Santos (2009), é fundamental que o currículo trabalhe com habilidades que vão além do desenvolvimento cognitivo e envolva diferentes campos da cultura, garantindo a presença de produções culturais dos mais diferentes grupos sociais e culturais. Dessa forma, o currículo deve considerar os educandos como sujeitos do conhecimento.

Há a necessidade de se concretizar um processo de educação dialógica que inter-relacione saberes, sujeitos e intencionalidades, superando a predominância de uma educação bancária e de uma concepção disciplinar de conhecimento. Os saberes da experiência cotidiana no diálogo com os conhecimentos selecionados pela escola propiciarão o avanço na construção e apropriação do conhecimento por partes dos educandos e dos educadores. Por isso mesmo, todos, sem exceção, professores, estudantes, pais, membros da comunidade, devem ser envolvidos na construção do currículo (ROCHA e HAGE, 2010, p.28).

Desenvolver uma atividade em uma escola inserida no espaço rural não é um exercício fácil, pois esses profissionais tentam adaptar seus conteúdos de uma forma que todos os educandos possam compreender e que sejam contemplados pelo ensino, devemos acentuar que esse profissional ensina para educandos com idades e níveis diferentes de aprendizado.

As escolas rurais, de modo geral, desde o seu surgimento, centram-se num modelo de educação com princípios e políticas voltadas para a educação urbana [...] que desvaloriza, desqualifica e por vezes negligencia as especificidades e singularidades do espaço rural, denunciam Souza e Meirelles (2014, p.72).

A educação do campo merece escolas estruturadas, com profissionais capacitados, com espaços para os educandos poderem brincar, assim como devem ter matérias pedagógicas de qualidade, pois o que se percebe é a precariedade em que muitas escolas do campo vivenciam e as dificuldades enfrentadas pelos gestores e professores para desenvolverem um trabalho que possa alcançar seus objetivos para uma melhoria na qualidade da educação rural.

As pesquisas desenvolvidas pelo GEPFICA – Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Formação Inicial, Continuada e Alfabetização segundo Antunes, Dutra et al

(2017) ressaltam a importância da existência das escolas multisseriadas do campo como polos de resistência cultural nas comunidades onde estão inseridas e que poderiam favorecer o pertencimento dos filhos dos agricultores, caso tivessem cada vez mais, um currículo e um ensino que valorizasse principalmente, os saberes populares e os conhecimentos agrícolas que poderiam ser passados de uma geração para outra.

5 O FAZER-SE PROFESSOR POR MEIO DA EXPERIÊNCIA EM TURMAS MULTISSERIADAS

Escolas do campo muitas vezes tem professores unidocentes, estabelecendo aos profissionais um contrapeso de atividades, esses enfrentam inúmeras dificuldades no seu âmbito de trabalho, uma vez que, as classes multisseriadas se caracterizam por reunir em um único espaço, um conjunto de séries do Ensino Fundamental, essa é a forte característica presente nas escolas do Campo. Segundo as Diretrizes, a identidade das escolas do campo é definida: pela sua vinculação às questões inerentes à sua realidade, ancorando-se na temporalidade de saberes próprios dos estudantes.

Reconheço que muitos professores que atuam hoje na escola do Campo, não receberam uma formação necessária para executarem seus papéis nesse âmbito educacional que exige bastante desses profissionais, alguns não têm a formação em nível superior o que faz com que encontrem mais dificuldades em adequar seus trabalhos em turmas tão diversificadas.

Percebo o quanto é importante para os educadores conhecerem a realidade diferente de quem trabalha com crianças e jovens do campo, já que essas têm um Projeto Político Pedagógico da Escola e Diretrizes sobre a Educação do Campo adaptadas que abrangem o contexto que as mesmas estão inseridas valorizando as diversidades socioculturais, com ênfase na importância do ensino do uso da terra e do solo, com metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos com aulas práticas e desenvolvendo projetos que englobam a realidade do cotidiano dos alunos e incluindo a adequação do calendário escolar com as fases do ciclo agrícola.

Segundo Santos (2009), é fundamental que o currículo trabalhe com habilidades que vão além do desenvolvimento cognitivo e envolva diferentes campos da cultura, garantindo a presença de produções culturais dos mais diferentes grupos sociais e culturais. Dessa forma, o currículo deve considerar os alunos como sujeitos do conhecimento.

Desenvolver uma atividade em uma escola no campo não é um exercício fácil, pois esses profissionais tentam adaptar seus conteúdos e suas práticas pedagógicas, de uma forma que todos compreendam e sejam contemplados pelo ensino, lembrando

que esse professor trabalha sozinho e compartilha conteúdos para turmas com alunos com idades e níveis de aprendizado diferente. Para Veiga (1989), a prática pedagógica é orientada por objetivos, finalidade e conhecimento, inseridas no contexto da prática social. Observamos nesse sentido que a ação pedagógica exige uma reflexão sobre a construção do saber.

Esse trabalho desenvolvido por esses profissionais não se resume só nas salas com crianças em níveis particulares, mas na dificuldade de desenvolver um trabalho que vai despertar a curiosidade do grupo como um todo, independentemente da diferença de idade ou níveis de aprendizagem.

A educação do Campo merece escolas estruturadas, com profissionais capacitados, com espaços para as crianças poderem brincar, assim como devem ter materiais pedagógicos de qualidade, dessa forma esse ambiente vai ser mais respeitado, pois o que se percebe é a precariedade em que muitas escolas do campo vivenciam e as dificuldades enfrentadas pelos gestores e professores para desenvolverem um trabalho que possa alcançar seus objetivos para uma melhoria na qualidade da educação do campo.

(...) propor outros olhares e outros modos de ensinar e aprender em escolas rurais, delineando assim, um projeto de escola rural que faça sentido para os sujeitos que habitam esses espaços, bem como para os professores que atuam nesses contextos (SOUZA; MEIRELLES, 2014, p. 75-76).

Os profissionais responsáveis por construir os conhecimentos em uma escola situada na zona rural, não podem abordar assuntos como se faria em uma escola situada na zona urbana, dado que, já ressaltamos que cada ambiente tem suas particularidades. Souza e Meirelles (2014, p.72) denunciam: as escolas rurais, de modo geral, desde o seu surgimento, centram-se num modelo de educação com princípios e políticas voltadas para a educação urbana “[...] que desvaloriza, desqualifica e por vezes negligencia as especificidades e singularidades do espaço rural”.

Acentuamos que professores que não tiveram uma formação nessa área vão acabar encontrando dificuldades na sua prática-pedagógica no âmbito da zona rural, pois, desenvolver um trabalho em uma sala multisseriada, sem uma formação específica acaba tornando-se uma atividade árdua. Sem essa formação, os profissionais que forem trabalhar, na escola do campo vão se sentir desorientados, sem saber como desenvolver seu trabalho e expandir suas propostas educacionais

que devem atender a todas as necessidades da classe, muitos acabam levando o modelo da zona urbana para as escolas rurais, sem adaptar seus planejamentos. Muitos aprendem a se tornar professores, através de suas experiências nas classes multisseriadas, como é o caso da professora que aceitou fazer parte da pesquisa, uma docente dedicada ao seu trabalho na escola do campo.

Antes de falarmos sobre a história da professora Suzana é necessário parabenizar essa profissional. Pessoa amada por todos da comunidade escolar, assim como pelos pais ou responsáveis que tem um enorme carinho e respeito pela mesma. É nítido o carinho que todos da comunidade escolar têm por essa professora que está sempre ajudando todos da comunidade. Os antigos alunos não perdem o vínculo com a professora, esses estão sempre passando na escola para conversar com ela sempre que é possível.

Suzana Rosa Cartier, nasceu no Hospital de Caridade Astrogildo de Azevedo em Santa Maria/RS, em abril de 1948, às 18h pesou 3kg e 600 gramas. Filha de Raul Nicolas Cartier e Alayde Rosa Cartier. Sua infância foi riquíssima de afeto, filha primogênita. Seu pai era funcionário dos Correios e Telégrafo e sua mãe estava sempre envolvida com os filhos e afazeres domésticos.

Começa os estudos na Escola Estadual João Belém com 7 (sete) anos e fica na instituição de ensino até terminar o primário. Em sua (auto)biografia ela descreve sobre o primeiro dia de aula, sobre a vontade de não largar sua família, o que ocorre com muitas crianças essa insegurança do novo. A professora Suzana, lembra como se fosse hoje da primeira professora Dona Ilda, assim como leva em seu coração todos os ensinamentos compartilhados por essa professora que ela tem um enorme carinho.

Na escola aprendíamos ler e escrever, mas também pintar, dançar, participava de um grupo de danças gaúchas. Eu adorava marchar dia 7 (sete) de setembro, sempre saía num grupo especial com roupa diferente, me sentia tão bem, em todos os eventos que aconteciam eu gostava de estar presente tanto no colégio como na igreja, onde participei do coral, estudei o catecismo, fiz a primeira comunhão, a crisma, frequentava as missas aos domingos. Belas lembranças! (Relato (auto)biográfico escrito da Suzana, 2019).

Figura 15 – Professora Suzana na Escola Estadual João Belém



Fonte: Arquivo pessoal Suzana Rosa Cartier, 1955.

A professora escolheu a figura (14) para compartilhar umas das lembranças que ela guarda sobre a primeira escola que estudou. Em sua (auto)biografia ela aborda que Dona Alayde dizia que seu gosto pela leitura tinha puxado de seu pai, que sempre teve apreço pelo ambiente escolar.

Em 1961, começa a estudar o ginásio no Colégio Estadual Cilon Rosa (1961-1964) a professora estranhou a troca de professores de uma escola para outra, pois não existia um contato próximo entre professor e aluno, diferente da primeira escola que ela estudou.

O estudante tem que se virar para aprender e acompanhar. Durante esse tempo que estive na escola, aprendi pintura, bordar, crochê, fazer flores de tecido, organizar uma mesa para refeição e cantar em coral. Foi nesse tempo que comecei a namorar (escondido dos meus pais), com 13 (treze) anos, um rapaz de 16 (dezesseis) anos, que é meu esposo até hoje. Eu achava maravilhoso quando tínhamos que ensaiar cânticos para a apresentação na Igreja Catedral, um aprendizado. (Relato (auto)biográfico escrito da Suzana, 2019).

Ao concluir o ginásio, a professora perdeu seu pai, naquela época ela era noiva, contudo seu sonho era continuar estudando, uma vez que a mesma sempre gostou de descobrir coisas novas, a colaboradora sempre foi curiosa. Mas ela teve que parar por um tempo, já que ela precisava ajudar a sua mãe com as contas de casa, dessa forma, ela trabalhou num atelier conceituado de moda, trabalhando como auxiliar de

costura, porém ficou pouco tempo nesse estabelecimento. Participou de uma seleção para uma vaga de secretária numa loja comercial de Santa Maria, a qual foi selecionada e começou a trabalhar. Com 17 (dezessete) anos foi convidada por um dos diretores para trabalhar na Cooperativa Popular de Consumo de Santa Maria, onde ficou por 16 (dezesesseis) anos em diferentes funções. Com o tempo desenvolveu vínculos de amizade que se perduram até hoje. Para muitas pessoas ela é conhecida como “Suzaninha da cooperativa”.

Durante esse tempo, ocorreu seu casamento, o nascimento de seus 4 (quatro) filhos, realização do curso noturno no Colégio Estadual Manoel Ribas, ingressou na universidade através do vestibular em 1982, nesse momento ela optou por dedicar-se aos estudos do curso superior.

Foi a realização de um desejo sempre presente no meu íntimo, Ser Mãe. É a redescoberta de um novo mundo. No entanto refletir como conseguir se munir de ferramentas suficientes para lidar com tudo isso, imaginava. Uma trabalhadora que precisa equilibrar a vida pessoal, casada, de dona de casa e profissional me via como uma malabarista na corda bamba, mas, não me assustei, meu marido sempre ao meu lado e minha família. Enfim, minhas crianças foram crescendo, saudáveis, lindas, inteligentes e compreensivas sobretudo amorosas. Uma benção divina. Ser mãe é dar um sentido novo à tudo. (Relato (auto)biográfico escrito da professora Suzana, 2019).

Em sua primeira tentativa de vestibular a professora tentou o curso de Fonoaudiologia na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), mas não conseguiu. Como não havia a possibilidade de cursar um pré-vestibular buscou o curso de Pedagogia. Suzana é formada no curso de Pedagogia Anos Iniciais (1985), tendo formação em educação infantil, depois fez uma pós a nível de especialização em educação, orientação educacional pela universidade. Um tempo depois realizou vários cursos, da Organização Mundial para a Educação Pré-Escolar (OMEP), o último curso foi de Psicologia na ULBRA, o qual se formou em 2013.

Depois de ter-se formado em pedagogia, começou a trabalhar no Centenário em 1987, ficando de responsável pelo pré-b, substituindo uma professora que estava de licença maternidade. Nesse tempo fez concurso para rede municipal anos iniciais. Nesse processo de seleção ela passou e começou a trabalhar na rede em 1988, trabalhando 20 (vinte) horas, porém a professora trabalhava 40 (quarenta) horas, porque em um turno ela era professora e em outro turno trabalhava de coordenadora. Ficou mais de 10 (dez) anos na EMEF Lidovino Fanton. A mesma em 1991 participou do concurso e foi nomeada em 1992, para atuar na Educação Infantil.

Nesses processos ela nunca deixou de estudar, sempre buscando se profissionalizar. Trabalhou na secretaria na parte de orientação educacional (figura 15), nesse ambiente ela foi muito feliz, tendo a oportunidade de conhecer muitos profissionais, alguns ela mantém amizade até hoje.

Figura 16 – Professora Suzana na Secretaria Municipal de Educação (SMED)



Fonte: Arquivo pessoal Suzana Rosa Cartier, 1997 a 2000.

A professora Suzana, assumiu a direção da EMEF Adelmo Simas Genro, foi para a EMEF Santa Cecília, ficando novamente na coordenação e sala de aula, depois foi para a EMEF Chacarà das Flores por mais seis anos na direção. Após um tempo, retorna para EMEF Santa Cecília até fechar a escola, depois convidaram-na para trabalhar na EMEF Diácono Luís Pozzobom e atualmente está na escola municipal de ensino fundamental Pedro Kunz.

A professora salienta que sempre foi acolhida nos diferentes ambientes educacionais que exerceu sua função e ressalta que todas as etapas foram importantes para sua trajetória, tanto no cunho profissional como pessoal. Ela fala em sua (auto)biografia sobre o desejo de continuar estudando, que essa vontade esteve sempre presente fortemente no seu caminhar.

O passado apresenta muitas informações e o colaborador busca em suas memórias lembrar-se de sua trajetória profissional, porém lembrar-se dela de forma

íntegra é um desafio. A memória é infinitamente riquíssima, trazendo uma imensidão de possibilidades do passado. Sobre o início da sua carreira a professora relatou que começou a trabalhar cedo, para ajudar sua mãe em casa. Já que seu pai faleceu com tuberculose, quando ela tinha 15 (quinze) anos.

A professora Suzana, trabalhou em diferentes lugares, só deixou de trabalhar quando a mesma passou no Curso de Pedagogia. Após a formatura ela já começou a atuar em sua área de formação em diferentes escolas até passar no concurso pra rede municipal. Depois ela fez uma especialização, sempre em busca de aprender mais. Apesar de estar trabalhando essa profissional encontrou tempo para cursar Psicologia na ULBRA. Segundo ela a demanda exige que a mesma estude, se atualize o que encanta essa profissional é estudar, é como um gás na vida dela.

Todos os lugares sempre me acolheram e confiaram no meu potencial, todos os processos foram importantes para a minha trajetória, sou grata a Deus por ter passado por todas essas etapas que me fizeram crescer pessoalmente e profissionalmente. É toda uma trajetória de não querer ser superior a ninguém. Sempre temos o apoio e incentivo de algumas pessoas. A idade quem faz é a pessoa (Professora Suzana, entrevista narrativa, 2019).

Em nossos encontros a colaboradora sempre salientou o quanto ela era grata por ter tido em seu caminho pessoas que sempre a incentivaram a crescer, tanto no aspecto profissional como pessoal. Esse processo reacende emoções, sonhos, convivências passadas com diferentes seres humanos, reativa correntes do pensamento, essas memórias trazem significações para a pesquisa. Segundo Moita, “[...] compreender como cada pessoa se formou é encontrar as relações entre as pluralidades que atravessam a vida” (1995, p.114) uma vez que “[...] cada história de vida, cada percurso, cada processo de formação é único” (*Idem, ibidem*, p.117). Essas vivências pessoais da professora marcaram sua trajetória de formação e atuação profissional.

Para Chauí (1995, p.125), “a memória é uma evocação do passado. É a capacidade humana de reter e guardar o tempo que se foi, salvando-o da perda total”. Ao perguntar sobre a formação inicial da colaboradora essa pode reviver situações que marcaram sua identidade profissional.

Eu tenho Pedagogia anos iniciais, tenho formação em Educação Infantil, depois eu fiz uma especialização em educação, orientação educacional pela universidade. Fiz vários cursos, da OMEP, para trabalhar com a educação

infantil, depois cursei Psicologia na ULBRA em 1997. A psicologia eu não atuo no momento, tinha pacientes, mas eu não conseguia ser professora e me dedicar como psicóloga também, porque são demandas completamente diferentes (Professora Suzana, entrevista narrativa, 2019).

Quando conversei com a professora a primeira vez, explicando sobre a minha pesquisa e o objetivo da mesma, ela simplesmente me disse que era importante realizar o estudo e afirmou que a formação do professor acontece por meio da troca de experiência, aprendizagem e com as interações sociais. Concordo com Antunes (2007) ao afirmar que é preciso entender que a formação dos professores deve considerar as histórias de vida dos seres humanos, os quais fazem parte de diversos cenários educacionais. Deste modo, os processos formativos se originam através das trajetórias e percursos educacionais.

Nos encontros com a professora Suzana ela sempre mencionou que quando se deparou com uma classe multisseriada foi desafiador, já que a mesma só havia feito a leitura de artigos, teoricamente ela sabia como era o ambiente, mas nunca tinha observado como era uma turma multisseriada. Freire afirma “[...] que na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática” (2001, p.43). Dessa forma, é possível compreender que segundo Freire, a reflexão está sempre em movimento entre o fazer e pensar, logo a reflexão surge da curiosidade sobre a prática docente.

Consequentemente a professora Suzana teve uma curiosidade inicial a respeito desse novo espaço educacional, quando descobriu que atuaria na classe multisseriada, essas reflexões ajudaram na sua formação continuada a qual a mesma buscava novas práticas educativas para exercer seu papel como professora em uma sala tão diversificada.

Durante nossos encontros sempre conversávamos sobre a diferença entre a teoria e a prática. Como a professora nunca recebeu uma formação específica para atuar em classes multisseriadas a mesma enfatizava que as conversas e reflexões com seus colegas possibilitavam a troca de saberes entre esses profissionais.

Eu não recebi nenhuma formação, quando eu comecei até meio que me assustei porque peguei uma turma de terceiro e quinto ano de uma escola que nem tem mais o Santa Cecília. Eu meio que me assustei, como vou dar conta disso? Eu entrei com muita vontade e eu gostava do lugar, um lugar lindo, com muita tranquilidade, as pessoas eram muito carinhosas, queridas pra mim. Eu me sentia tão bem e fui muito acolhida pela comunidade e aquilo foi a minha força (Professora Suzana, entrevista narrativa, 2019).

Comecei na escola Santa Cecília, que agora fechou. Nessa oportunidade quando fui pra lá eu peguei uma multisseriada de terceiro e quinto junto. Foi um desafio bem grande! Mas na verdade assim até que esse processo foi enriquecedor, pra mim foi muito enriquecedor aquele trabalho. Porque foi a primeira vez, assim que eu me deparei com turma multisseriada. (Professora Suzana, entrevista narrativa, 2019).

Eu havia saído da secretaria da educação, trabalhava na secretaria, eu trabalhava na coordenação pedagógica. Eu fui pra lá, no Santa Cecília, trabalhei aquele ano com quinto e terceiro, depois segundo e terceiro, enfim fui desenvolvendo a minha prática nessas turmas multisseriadas (Professora Suzana, entrevista narrativa, 2019).

Notei, na narrativa da professora, que a experiência que ela teve foi maravilhosa, pois como ela ressaltou várias vezes durante nossos encontros que seus colegas sempre a ajudaram e auxiliaram sempre que podiam, na escola do campo a união é muito forte entre os professores, esses estão sempre se ajudando. A narrativa teve como base possibilitar que a colaboradora reconstruísse acontecimentos que marcaram sua entrada na escola do campo, nesse processo a colaboradora colocou seu ponto de vista sobre os acontecimentos da sua trajetória formativa.

Ao fazer a revisão de literatura sobre as classes multisseriadas e escutar a narrativa da professora, não tem como não admirar esses profissionais que desenvolvem sua prática pedagógica em classes multisseriadas. Em razão que, além dos desafios rotineiros existentes na sala de aula, os professores ainda lidam com a falta de recursos necessários para desenvolver um bom trabalho.

Burke (2001) defende que o estabelecimento da narrativa deve ultrapassar uma oposição binária entre acontecimento e estrutura e estabelecer aí uma relação dialética, onde acontecimento e estrutura expliquem-se mutuamente. Burke, nesse artigo, não apresenta nenhuma fórmula nova e infalível de escrever a história: ele não apresenta tampouco um método de como fazê-lo. Sua função parece ser a de estimular o historiador a tentar recriar a forma narrativa, fazendo sua regeneração.

A professora em nossos encontros sempre disse que aprender vai além das disciplinas, pois é muito valorizado na escola do campo os valores, relações entre os alunos, a identidade e autonomia. Dentro do processo educativo da escola do campo é imprescindível a valorização dos diferentes saberes.

Trabalhar com narrativas não é simplesmente recolher objetos diferentes, em diversificados contextos, mas participar na elaboração de uma memória que quer transmitir-se a partir da busca de um investigador. Desse modo, há nas entrevistas uma interação entre o colaborador e pesquisador.

Tempo, memória, espaço e história caminham juntos. Inúmeras vezes, através de uma relação tensa de busca de apropriação e reconstrução da memória pela história. A relação tencionada acontece, por exemplo, quando se recompõem lembranças, ou se realizam pesquisas sobre guerras, vida cotidiana, movimentos étnicos, atividades culturais, conflitos ideológicos, embates políticos, lutas pelo poder. Sem qualquer poder de alteração do que passou, o tempo, entretanto, atua modificando ou reafirmando o significado do passado. Sem qualquer previsibilidade do que virá a ser, o tempo, todavia, projeta utopias e desenha com as cores do presente, tonalizadas pelas cores do passado, as possibilidades do futuro almejado (DELGADO, 2006, p. 10).

Recordamos que a memória é seletiva, assim a colaboradora foi narrando os eventos mais importantes em sua trajetória de formação. Durante os encontros foi perceptível a mudança no tom da voz, pausas, mudanças na entonação, expressões e emoções que foram fundamentais para compreender a professora. Durante a entrevista narrativa fui bem objetiva com um tópico inicial para narração, em nenhum momento houve interrupção da fala da colaboradora. Quando eu percebia sinais que ela estava finalizando sua fala eu já entrava com um novo tópico.

Através das narrativas e das leituras de diferentes artigos, percebeu-se que muitos professores que atuam em escolas multisseriadas não têm uma formação para exercer a prática, assim esses aprendem com seus colegas e adaptam seus planejamentos para que possa suprir as demandas que a turma exige, esses muitas vezes ficam sobrecarregados ao assumirem várias funções como: faxineiros, merendeiros, secretários, agricultor etc. Essas múltiplas funções acabam sendo desgastantes para os professores que trabalham nesse ambiente educacional. Muitos professores que trabalham nos dois turnos acabam não tendo tempo para cursos, especializações e graduações necessárias para sua formação.

Na escola onde foi desenvolvida a pesquisa, esse ano não tem turmas multisseriadas, mas no ano anterior ainda tinha esse agrupamento. Com a mudança na infraestrutura foi possível ter mais salas, logo as turmas estão separadas. Contudo, a professora Suzana em um dos nossos encontros disse que alguns pais pedem para voltar a juntar as turmas e a mesma explicou que ao juntar as turmas diminuiria a qualidade do ensino, além da sala ser pequena e não ter lugar para duas turmas.

Através dos encontros foi possível presenciar que ter somente o Ensino Superior para a atuação nas classes multisseriadas não é o bastante. Alguns professores e diretores têm uma visão equivocada sobre a escola do campo, achando que nessa instituição não tem uma qualidade de ensino, deste modo precisamos dar voz aos profissionais que se dedicam nesse espaço educacional, as pessoas

precisam conhecer o cotidiano desses professores que fazem o máximo possível para vencer as demandas existentes nas suas salas de aula.

Entendemos, que o trabalho desenvolvido pelos professores não é fácil, mas complexo, por isso é importante esses profissionais buscarem uma formação continuada, assim através de trocas poderão encontrar formas diferentes de ensinar em turmas com diferentes níveis de aprendizado. Por isso é importante que esses profissionais participem de encontros formativos.

O PNAIC naquele tempo tinha o PNAIC, até a tua orientadora que é uma pessoa que eu adoro, eu admiro essa pessoa Helenise Sangoi. Eu acompanhei toda o processo dela quando estava na secretaria. Ela participava e tínhamos encontros fantásticos, de apoio, trocas, informação, formação era dali que eu tirava força e junto com meus alunos, pais e equipe diretiva teve todo um contexto que me ajudou que caminhou comigo. Por que às vezes você fica muito fragilizada, eu fazia grupos: quinto ano e terceiro eu trabalhava com monitoria. Os do quinto monitorava os do terceiro para que se ajudassem e isso era maravilhoso (Professora Suzana, entrevista narrativa, 2019).

Com os encontros do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC/UFSM), a professora Suzana adaptou sua forma de ensinar, ensinando com o auxílio de seus alunos que estavam no quinto ano. Essa foi a forma que ela encontrou assim, os alunos que eram de outra série ajudavam os mais novos, esses eram os “tutores”.

A interação entre esses alunos com diferentes níveis de aprendizado proporcionava um desempenho positivo no processo cognitivo desses estudantes. Além, da professora trabalhar com o conteúdo programado, essa trabalha muito sobre as relações e interações entre os alunos, assim sempre começa os encontros com uma roda de conversa onde os alunos falam sobre o que estão sentindo e aqueles que não querem falar podem desenhar, em sua sala de aula tudo é resolvido na base do diálogo.

Compreendemos que existe a sobrecarga do trabalho desses profissionais, além da falta de materiais pedagógicos, salas adequadas, já que em muitas escolas do campo a infraestrutura é muito fragilizada, como já havíamos realçado anteriormente. Ainda assim, a professora fala que tudo é uma superação e um aprendizado. Salienta ainda que esses ensinamentos ela leva pra vida dela, pois a mesma aprende muito com seus alunos(as) que tem uma outra perspectiva de vida.

Claro que tem as questões de fragilidades, limitações, a gente reconhece tudo isso. Mas tudo supera, os desafios da multisseriada, o quanto tu busca estratégias para poder contemplar todas as necessidades da turma multisseriada. Que não é somente da aprendizagem do saber, cognição, mas outros que eles precisam também essa parte emocional, relacional, emocional, alunos estressados é uma gama de diversidade naquele ambiente que tu tens que saber como se articular e buscar estratégias (Professora Suzana, entrevista narrativa, 2019).

Apesar dos desafios contínuos, evasão escolar, momentos particulares que ocorrerem na sala de aula a professora busca ajudar seus alunos da melhor forma possível. Fazer-se professor por meio da experiência em turmas multisseriadas, não é um caminho simples, mas recheado de emoções, visto que o profissional passa por diferentes dificuldades, mas enquanto esse tiver apoio da coordenação pedagógica e de seus colegas, ele não vai desistir de exercer sua função da melhor forma possível, assim as relações desenvolvidas são importantes.

Outra dificuldade recorrente é a localização da escola, pois muitas vezes a escola do campo está situada em lugares de difícil acesso, por isso acontece a evasão dos alunos. A colaboradora para chegar até a escola depende de executivo, pois os horários dos ônibus não são flexíveis. Seu percurso é muito longo para chegar até a escola, visto que ela mora no outro lado da cidade e à tardinha ela sempre pega carona com alguma colega até o centro e depois espera um ônibus para retornar a sua casa.

Muitas vezes os ônibus que levam as crianças não chegam até a escola e as crianças precisam ir caminhando até a instituição e em dias chuvosos a situação é mais complicada tendo em vista o barro, essa também é uma questão importante a ser analisada.

Em relação aos planejamentos na escola não tem um dia disponibilizado para o professor realizar o desenvolvimento do mesmo, então as professoras desenvolvem em suas residências nos finais de semana ou durante a semana mesmo. Para conseguir marcar uma entrevista com a professora existe a necessidade de avisar uma semana antes, para que alguém fique com os alunos e mesmo assim pode acontecer algo e ter que remarcar para um outro dia, pois às vezes não tem quem fique com os alunos e a professora não pode sair da aula. Essa situação aconteceu num dia que havíamos combinado de nos encontrar para dar seguimento na entrevista narrativa.

Nós não temos planejamento. Nós trabalhamos de segunda a sexta, com o sábado (às vezes), sem nenhum dia de planejamento, nada não têm planejamento, é direto. Eu trabalho 40 horas manhã e tarde direto toda semana. Nós temos um cronograma e temos aula ao menos uma vez no sábado. (Professora Suzana, entrevista narrativa, 2019).

Pra tu dar uma saidinha para uma consulta, dentista pra qualquer coisa é um sufoco. Tu têm que te organizar, avisar antes, pra ou ficar diretora ou coordenadora ou enfim na sala. E o planejamento da gente nas horas que estamos em casa, no final de semana. Eu sou uma pessoa que eu digo para as gurias que é muito raro a noite que eu vou dormir antes da uma ou duas da manhã. Todos os dias! (Professora Suzana, entrevista narrativa, 2019).

Apesar das adversas situações que ocorrem em uma classe multisseriada, a colaboradora afirma que não troca a sua escola, pois essa profissional gosta muito desse espaço educacional, salientando que gosta da realidade campeira, mais simples, acolhedora, mais humana, afetiva, sincera.

No aspecto de interação professor e aluno, a professora Suzana diz que tenta não ser muito maternal e que suas colegas a ajudam nesse processo. Ela se faz a seguinte pergunta: Eu estou ali pra que? Para dar uma orientação, para explicar o que meu aluno não sabe. Segundo a colaboradora nesse quesito em ser muito “maternal”, ela já melhorou bastante, mas não é fácil, porque ela é uma pessoa muito afetiva. Contudo, ela afirma que na caminhada a gente aprende a exercer realmente o nosso papel.

Em relação aos alunos, a colaboradora salienta que existe um diferencial entre o aluno do campo e o aluno da zona urbana. Segundo ela seus alunos têm liberdade de conversar sobre qualquer temática, o diálogo é muito importante entre ela e seus alunos. A professora fala muito feliz que em sua casa têm muitas caixas com bilhetes de seus alunos e que ela não consegue se desfazer.

Às vezes tem crianças que a gente se depara aqui que são muito carentes e ao mesmo tempo às vezes existe também a falta de limites, não é tanto aqui no campo, como eu digo, na escola do campo. A comunidade da escola do campo, as crianças da escola do campo, são diferentes das crianças que a gente trabalha na cidade em termos de comportamento. É muito raro alguém falar em um palavrão, pode até falar ou escrever, mas é muito raro. Tu sabes que na escola da cidade é algo comum, hoje em dia, certas atitudes é comum. Aqui não... é mais tranquilo mais calma. (Professora Suzana, entrevista narrativa, 2019).

Cada dia eu me encanto mais, cada dia eu fico mais apaixonada, meu marido diz: quando que eu vou parar, eu digo: não sei. Um dia eu vou ter que parar, claro que vou ter que parar, né. Mas cada vez eu me encanto, tá difícil? Tá, se eu falar disser tá fácil é mentira. Não tá difícil só pra mim, tá difícil pra ti, pra todo mundo. (Professora Suzana, entrevista narrativa, 2019).

A professora tem uma cultura particular dela, onde a mesma nunca conversa sozinha com os pais dos alunos, o aluno junto dela fala para seus pais o que ocorreu na sala de aula e se o aluno precisar de ajuda ela está ao lado do mesmo para ajudar ele a lembrar (por isso ela têm uma ficha, na qual detalha as situações que ocorreram no dia). Esse material não deixa de ser o diário de campo, pois a mesma coloca as informações que são pertinentes de acordo com o que ocorreu na sala de aula. Ela faz essas fichas diariamente.

Durante nossos encontros, que duravam em torno de duas horas, a professora sempre enfatizou que volta e meia os pais pedem para voltar a ter as turmas multisseriadas, mas a professora sempre explica os motivos para não ter mais essas classes. Então, ela tenta explicar que esse ano ela tem 20 (vinte) alunos numa turma e 10 (dez) na outra, e que esse número de alunos compromete a qualidade do ensino. Porém, com todo o esforço da professora explicar o quanto é difícil juntar turmas diferentes em um único ambiente os pais falam que preferem as turmas juntas e sempre que podem pedem para voltar a juntar as turmas, mas a professora sempre tenta dialogar com eles.

Por meio das narrativas da professora, é evidente a paixão que ela tem por seus alunos, o respeito que os pais têm por ela. A mesma sabe que não falta muito para se aposentar, mas fica com dois corações entre parar e continuar. Apesar de não ser fácil, ela tem um amor tão grande por seus alunos que os desafios parecem ser pequenos.

Eu acho que sou muito mãezona, mas eu não sei ser diferente. Talvez sejamos um pouco criticadas por ser assim, mas quando fiz psicologia meu professor disse que eu tenho que continuar assim, porque é a minha forma de ser. Não tem que se preocupar com isso, aprendizagem acontece quando tem essa relação. (Professora Suzana, entrevista narrativa, 2019).

Penso agora em me aposentar, não chega dois anos, eu tenho minha licença premium pra tirar, mas ao mesmo tempo eu penso será que não vou sentir falta desse calor, afeto deles? (Professora Suzana, entrevista narrativa, 2019).

No tempo em que a professora atuou nessa escola ela participou das mudanças da mesma e agora a infraestrutura está totalmente diferente. Tendo agora refeitório, biblioteca, salas de aula e banheiros. Apesar de toda a evolução que a escola passou a professora lembra com carinho dos momentos que ela passou na infraestrutura antiga. Relembrando o quanto a comunidade era feliz com o pouco que tinham, apesar de não terem muitos lugares para guardar os materiais, as professoras

sempre tiveram seus objetos de apresentações organizados em caixas empilhados em um canto da escola onde o mesmo já estava cheio de materiais.

A professora ficou muito emocionada quando lembrou que era sofrido as crianças estarem em uma sala apertada, naquela época elas pegavam chuva para ir até o banheiro, tinha lama em todo lado, já que é uma escola do campo. Contudo nada disso impediu as professoras de realizarem seus trabalhos, a professora Suzana salientou que existe um envolvimento muito grande, com os alunos e comunidade.

Que bom reviver estas lembranças singelas ao mesmo tempo grandiosas, doces e de quão significado... É de uma riqueza ter tido estas vivências e seguir tocando o valiosíssimo exercício de viver, conviver, aprender, reaprender, sentir. De ter tido a possibilidade de contar um pouquinho desta história que fala de mim, que vive comigo em minhas memórias e que me fez e faz quem hoje sou. Fortalecimento, Gratidão e Aprendizagem sempre! (Relato (auto)biográfico escrito da Suzana, 2019).

Nesse sentido, percebemos o quanto essa professora tem um carinho por todos que fazem parte da sua trajetória formativa. Por meio dessas vivências ela se tornou a professora que é hoje, a qual todos tem um enorme carinho e admiração. Ao finalizar sua (auto)biografia a mesma diz o quanto é orgulhosa na sua experiência de ser professora e termina com a citação de Madalena Freire que diz “estar vivo é estar em conflito permanente, produzindo dúvidas, certezas questionáveis. Estar vivo é assumir a Educação do sonho do cotidiano...”.

O caminho dela na classe multisseriada, não foi fácil, como a colaboradora mesmo afirma em suas entrevistas narrativas, mas foram esses percursos que a tornaram professora em uma classe multisseriada, graças às experiências ela cresceu profissionalmente e não tem vontade de se aposentar, pois sabe o quanto vai sentir falta desse afeto, atenção, proximidade com esses seres humanos que a mesma tem uma paixão enorme.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões finais são resultado de dois anos de envolvimento com a pesquisa intitulada “História de vida de uma professora que ensinou em escolas do campo com classes multisseriadas na região central do RS”. Essa pesquisa foi construída através da metodologia qualitativa com a abordagem de relatos orais, (auto)biografia e análise das fotografias. Foi uma pesquisa que envolveu a pesquisadora no sentido de conhecer a história de vida de uma educadora que atuou como docente nas classes multisseriadas. É uma investigação que demandou uma relação embasada na verdade, na sensibilidade, no respeito mútuo, na ética e na troca de saberes.

A colaboradora da pesquisa proporcionou que a pesquisa fosse riquíssima lembrando de sua trajetória formativa ao longo dos nossos encontros, esses encontros eram repletos de recordações, emoções, já que a professora se lembrava do começo de sua carreira e como foi construindo sua identidade na classe multisseriada.

Com a aproximação de sua história de vida foi possível investigar a formação inicial da colaboradora para atuar na escola multisseriadas, foi conhecida a sua trajetória formativa e descrita como são as classes multisseriadas e o impacto da mesma na atuação docente.

Através dos encontros realizados com a colaboradora, foi descoberto que a mesma não tinha nenhuma formação específica para atuar com classes multisseriadas. Mediante nossos diálogos a professora descreveu como era trabalhar em um ambiente com alunos de diferentes níveis de conhecimento, mas salientou várias vezes que tudo foi um aprendizado em sua jornada profissional.

Foi importante realizar leituras sobre diferentes artigos para fundamentar a escrita, dessa forma percebi o quanto é necessário aprender sobre essa temática, desenvolver artigos sobre as professoras que trabalham em classes multisseriadas.

Para a pesquisa, autores com Abrahão (2004, 2018), Antunes (2011), Bogdan; Biklen (2000), Chizotti (1991), Flusser (1985), Minayo (1994, 2001), Nóvoa (2000), Nóvoa; Finger (1988), Provesan (2007), Queiroz (1988), Rios (2013), Sontag (1981), entre demais autores, contribuíram na justificativa da metodologia e demais reflexões pertinentes nas análises.

Durante nossos encontros a professora nunca falou sobre algo negativo em relação às classes multisseriadas, pelo contrário sua narrativa durante seus relatos eram sempre positivos e apesar dos desafios que encontrou ao longo da sua formação

ela sempre teve o apoio de seus colegas, que a acolheram e confiaram no seu potencial mesmo que a mesma não tivesse uma formação para atuar com classes multisseriadas. Apesar dos pais pedirem a volta das turmas multisseriadas, a mesma sempre tenta explicar os motivos e desafios que essa demanda exige do professor.

Segundo a colaboradora, todos os processos foram importantes para a sua trajetória. A professora relata “foi um desafio bem grande, mas na verdade foi enriquecedor, pra mim foi muito enriquecedor trabalhar com classes multisseriadas”. Nóvoa (2000) diz que “a construção da identidade passa sempre por um processo complexo, graças a este, cada um se apropria do sentido da sua história pessoal e profissional”.

Olhar o percurso formativo da colaboradora através da sua (auto)biografia e nas narrativas, possibilitou compreender o quanto é importante dar voz aos profissionais que desenvolvem suas práticas na escola do campo. Saliento que é de suma importância discutir e escrever sobre a educação do campo, suas políticas públicas e demandas em diferentes espaços educacionais.

Ao longo das entrevistas a professora Suzana, abordava sobre como foi sua primeira experiência com uma classe multisseriadas. O quanto foi desafiador, no entanto ela encontrou apoio dos seus colegas e ressaltava durante os encontros que as relações afetivas são aspectos muito importantes na sua trajetória.

Ao rever a história de vida da professora, percebi o carinho que ela tem por seus alunos e o quanto essa relação com eles é forte. Na escola onde ela atua esse ano não há classes multisseriadas, mas a mesma relatou em um dos nossos encontros que os pais pedem para voltar a ter as turmas mistas, pois esses gostam do trabalho desenvolvido por essa professora. Também narra o bom relacionamento com seus colegas, destaca as mudanças que a escola está tendo na sua infraestrutura, já que a mesma estava bem precária. Ao relatar sobre as mudanças ela ficou bem emotiva, pois lembrava que os alunos antigamente para chegar até o banheiro acabavam se molhando em dias chuvosos além de se sujar com o barro, mas hoje a situação é outra. Finaliza dizendo o quanto ela é apaixonada pela escola do campo, pela comunidade escolar, que ela é realizada na sua profissão.

Todos os percursos que a colaboradora passou fazem parte de sua identidade, apesar da insegurança do novo, adversidades, salas de aula pequenas, a falta de formação específica, essa profissional não desistiu em nenhum momento de ser professora em uma sala multisseriada. A história de vida da professora vem carregada

de sentimento, felicidade por desenvolver um bom papel como professora alfabetizadora em classes multisseriadas.

Entendo que é importante ocorrer um aprofundamento sobre essa temática, assim poderemos compreender o quanto é complexo o trabalho desenvolvido por esses profissionais, assim é importante dar voz a esses seres humanos que estão inseridos em um ambiente educacional que pede a atenção de todos, talvez com mais pesquisas e artigos as pessoas não vão ter pensamentos equivocados sobre essa realidade educacional que demanda muita atenção desses profissionais.

Esta pesquisa também adentrou dentro do universo das classes multisseriadas demonstrando o quanto elas são importantes para garantir a possibilidade de aprendizado das crianças que em inúmeras vezes, se não houvesse estas escolas, em contexto de difícil acesso, várias crianças não conseguiriam realizar o desejo de aprender a ler e a escrever.

Manter estas classes multisseriadas é uma forma existir um polo cultural que oportuniza a transformação do entorno. Principalmente, se o projeto pedagógico da escola prevê um currículo que de fato contribua para o fortalecimento da identidade e do aprendizado interdisciplinar das crianças e dos jovens com o cultivo da terra, com a agricultura familiar/orgânica e com a preservação da natureza.

Realidades como estas descritas ao longo desta dissertação podem ser incorporadas gradativamente, no RS desde que estas escolas e classes multisseriadas não sejam fechadas.

Não se pode olhar esta questão somente pelo viés econômico. Urge a formação permanente dos gestores públicos e professores no que se refere a temáticas e pesquisas como está que demonstra o quanto uma docente que atuou em classes multisseriadas teve o seu reconhecimento como pessoa e profissional, o quanto a comunidade na qual atuou reconhece e agradece pelo trabalho realizado. E também ressalta as crianças que conquistaram o direito de ir à uma escola inserida no seu contexto sócio-cultural, sem precisar viajar muitos quilômetros para poder frequentar uma escola.

Por fim, esse percurso da pesquisa me proporcionou aprender com a colaboradora e me fez crescer na minha caminhada como pesquisadora, uma vez que meus encontros com a professora foram riquíssimos de aprendizado sobre a escola do campo e os desafios que os professores enfrentam ao trabalhar nesse ambiente educacional. Mas que estes desafios não fragilizaram a educadora, muito pelo

contrário transformaram em uma força de resiliência. Acreditamos que o reconhecimento da importância da sua prática docente junto as crianças das classes multisseriadas foi determinante para a sua permanência e sucesso profissional. Neste sentido, urge a necessidade do cuidado e do reconhecimento em relação a este profissional tão decisivo para a construção da soberania nacional que é o professor(a), principalmente quando o mesmo atua em classes multisseriadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAHÃO, M. H. M. B. (Org.). Pesquisa (auto)biográfica: tempo, memória e narrativas. In: _____. **A aventura (auto)biográfica: teoria e empiria**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

_____. (Org.) **Memórias, identidades experiências...** destacados educadores brasileiros em histórias de vida. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2018.

ALBERTI, V. **Manual de história oral**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2004. v.1.

ANTUNES, H. S. **Ser aluna, ser professora: uma aproximação das significações sociais instituídas e instituintes ao longo dos ciclos de vida pessoal e profissional**. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

_____. Relatos autobiográficos: uma possibilidade para refletir sobre as lembranças escolares das alfabetizadoras. **Dossiê: alfabetização e letramento**, Santa Maria, v.32, n.1, p. 81-96, 2007.

_____. **Ser aluna e ser professora: um olhar para os ciclos de vida pessoal e profissional**. Santa Maria: Ed. UFSM, 2011.

ARROYO, M. G. A humana docência. In: _____. **Ofício de mestre**. Imagens e auto-imagens. Petrópolis: Vozes, 2000.

AUGÉ, M. **As formas do esquecimento**. Tradução de Ernesto Sampaio, Lisboa: Imanedições, 1998.

BRASIL, Conselho Nacional de Educação. **Lei nº9.394, de 20 de dezembro de 1996**: estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Diário Oficial da União, 1996.

_____. Conselho Nacional de Educação. **Constituição (1934)**. Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil.

BARTHES, R. **A câmara clara: notas sobre a fotografia**. Tradução de Júlio Castaõ Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. 2. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

BECKER, H. **Métodos de pesquisa em ciências Sociais**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1994.

BERGSON, H. **Memória e vida: textos escolhidos**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação uma introdução à teoria e aos métodos**. Portugal: Porto, 2000. Coleção Ciências da Educação, nº 12.

BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: companhia das letras, 1994.

BURKE, P. A história dos acontecimentos e o renascimento da narrativa. In: 1994 (Org.). **A escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo: Editora da UNESP, 2001.

CAMARGO, A. Os usos da história oral e da história de vida: trabalhando com elites políticas. **Dados - Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v.27, n.1, pp.5-28, 1984.

CAMARGO, I. A. **Reflexões sobre o pensamento fotográfico: pequena introdução às imagens e a fotografia**. Londrina: Eduel, 1999.

CATANI, D. B. As leituras da própria vida e a escrita de experiências de forma. **Revista da FAEEDBA - Educação e contemporaneidade**, Salvador, v.14, n. 24, p.31-40, jul./dez.2005.

CHAUÍ, M. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 1995.

CHIZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 1991.

DELGADO, L. A. N. **História oral: memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

ENTLER, R. A fotografia e as representações do tempo. **Revista galáxia**, São Paulo, n.14, p. 29-46, dez. 2007.

FERREIRA, M. M. Desafios e dilemas da história oral anos 90: o caso do Brasil. **História Oral**, São Paulo, n. 1, p.19-30, jun, 1998.

FERREIRA, M. M.; AMADO, J. (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV Editora, 1998.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita**. Trad. De Diana Myriam Lichtenstein, Liana Di Marco e Mário Corso. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 32. ed. São Paulo: Cortez, 1996. Coleção questões de nossa época, v.13.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

_____. **Cartas a Cristina: reflexões sobre minha vida e minha práxis**. 2. ed. São Paulo: UNESP, 2003.

FLUSSER, V. **Filosofia da caixa preta**: ensaios para uma futura filosofia da fotografia. São Paulo: Hucitec, 1985.

GADOTTI, M. **Convite à leitura de Paulo Freire**. 2. ed. São Paulo: Scipione, 1991.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GONÇALVES, J. A. M. A carreira das professoras do ensino primário. In: NÓVOA, A. (org.). **Vidas de professores**. 2. ed. Porto: Porto Editora, 2007. p.141-169.

GUIMARÃES, C. **Imagens da memória**: entre o legível e o visível. Belo Horizonte: PosLit / Fale/UFMG, 1997.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Ed. Centauro, 2006.

FOLMER, I.; MEURER, A. C (Orgs.). **Territórios em movimento**. São Leopoldo: Oikos, 2019.

KOSSOY, B. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. 3. ed. Cotia: Ateliê, 2002.

_____. **Fotografia e história**. 4. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012.

LE GOFF, J. **História e memória**. Tradução Ricardo Leitão et al. 5. ed. Campinas, SP: UNICAMP, 2003.

LEITE, M. L. M. Texto visual e texto verbal. In: FELDMAN-BIANCO, B.; LEITE, M. L. M. (Orgs.). **Desafios da imagem**: fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais. 3. ed. Campinas: Papyrus, 2004. p.37-49.

LEITE, S. C. **Escola rural**: urbanização e políticas educacionais. São Paulo: Cortez, 1999.

LIBÂNEO, J. C. **Organização e gestão escolar**: teoria e prática. 4. ed. Goiânia: Editora alternativa, 2001.

LÜCK, H. **Concepções e processos democráticos de gestão educacional**. Petrópolis: Vozes, 2006. Série Cadernos de Gestão, v. II.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. 6ª. reimp. São Paulo: EPU, 2001.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de história oral**. São Paulo: Loyola, 2002. 246p.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento científico**: pesquisa qualitativa em saúde. 2. ed. São Paulo: Hucitec / Abrasco, 1994.

_____. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001. p.09-29.

MINAYO, M. C. S.; SACHES, O. Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade? **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, n.9, v.3, p. 239-262, 1993.

MOITA, M. C. Percursos de formação e de trans-formação. In: NÓVOA, A. **Vidas de Professores**. Porto: Porto Editora, 1995.

MOLINA, M. C. **Educação do campo e pesquisa**: questões para reflexão. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2006.

MONARCHA, C. **Lourenço Filho**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2010.

MORAN. J. M. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 13. ed. Campinas, SP: Papyrus. 2000.

NÓVOA, A. **Vidas de professores**. Editor: Porto Editora. 1989.

_____. Formação de professores e profissão docente: In: _____ (Org.) **Os professores e a profissão**. Lisboa: Dom Quixote, 1992. p.15-33.

_____. (Coord). **Os professores e a sua formação**. 2. ed. Lisboa: Dom Quixote, 1995.

_____. Os professores e as histórias da sua vida. In: _____. **Vida de professores**. 2. ed. Porto: Porto Editora, 2000.

_____. Prefácio. In: ABRAHÃO, M. H. M. B. (Org.). **História e histórias de vida**: destacados educadores fazem a história da educação rio-grandense. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. p. 7-12.

_____. Os professores e as histórias da sua vida. In.: _____ (Org.) **Vidas de professores**. 2. ed. Porto: Porto Editora, 2007. p.11-30.

NÓVOA, A.; FINGER, M. (Orgs.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Lisboa: MS/DRHS/CFAP, 2010.

OLIVEIRA, V. F. A formação de professores revista os repertórios guardados na memória. In: _____. (Org.). **Imagens de professor**: significação do trabalho docente. Ijuí: UNIJUÍ, 2000. p. 11-23.

OLIVEIRA, P. C. F. **Extensão rural e interesses patronais no Brasil**: uma análise da Associação Brasileira de Crédito e Assistência Rural – ABCAR (1948-1974). Niterói, 2013. 163f.

OSTETTO, L. E. Observação, registro, documentação: nomear e significar as experiências. In: OSTETTO, L. E. (Org.) **Educação infantil**: saberes e fazeres da formação de professores. Campinas, SP. Papyrus, 2008.

PALACIN, V. **Fotografia**: teoria e prática. São Paulo: Editora saraiva, 2012.

PIMENTA, S. G. **Saberes pedagógicos e atividade docente**. 2. ed. São Paulo. Cortez, 2000.

PIMENTEL, Á. Prefácio. In: MACEDO, R. S. **Currículo, diversidade e equidade: luzes para uma educação intercristica**. Salvador: Edufba, 2007.

PIOVESAN, G. K. **Biografia trajetória e história**. Florianópolis:s/ano, p.1-8, 2007. Disponível em: <<http://cfh.ufsc.br/abho4sul/pdf/greyce%20kely.pdf>>. Acesso em: 25 maio.2013.

POLLOK, M. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n.10, p. 200-212, 1992.

QUEIROZ, M. I. P. Relatos orais: do "indizível" ao "dizível". In: VON SIMON (org.) **Experimentos com histórias de vida: Itália-Brasil**. São Paulo: Vértice, 1988.

_____. Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva. **Cadernos do CERU**, São Paulo, n. 16. p.107-115. nov.1981.

ROCHA, M. I. A.; HAGE, S. M. (Orgs). **Escola de direito: reinventando a escola multisseriadas**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. Coleção Caminhos da Educação do Campo, 2.

ROMANIELLO, Marcelo Márcio; ASSIS, T. R. P. **Extensão rural e sustentabilidade: guia de estudos**. Lavras: UFLA, 2015.

REIS, M. I. A. **As reformas educacionais brasileiras e suas implicações para a escola e o trabalho docente: breves reflexões sobre o trabalho docente nas escolas do campo**, 2010.

RIOS, Fábio; Memória coletiva e lembranças individuais a partir das perspectivas de Maurice Halbwachs, Michael Pollak e Beatriz Sarlo. **Revista Intratextos**, v. 5, n.1, p.1-22, 2013. DOI: <http://dx.doi.org/10.12957/intratextos.2013.7102>

SACRISTÁN, G. J. **Poderes instáveis em educação**. Porto Alegre: ARTMED Sul, 1999.

SALLES, A. **PsIU!** [Ilustração capa de Renato Leandro de Oliveira]. Bauru, SP: CEAC, 2011.

SANTOS, L. A construção do currículo: seleção do conhecimento escolar. Salto para o futuro. **Currículo: conhecimento e cultura**. ano XIX, n.1, abr. 2009.

SANTOS, M. S. **Memória coletiva & teoria social**. São Paulo: Annablume, 2003.

SOUZA, E. C.; MEIRELES, M. M. A forma da outra beira: escolas rurais: entre invisibilidades, permanências e perspectivas. In: ANTUNES, H. S.; FARIAS, G. F. (Orgs). **Desafios e perspectivas na educação rural: fazeres pedagógicos e seus múltiplos olhares**. Curitiba/PR: CRV, 2014. p.69-85.

SOUZA, E. C.; PINHO, A. S. T.; MEIRELLES, M. **Revista do Centro de Educação**, Santa Maria, UFSM, v. 37, n. 2, 2012d.

SOUZA, E. C. **O conhecimento de si**: estágio e narrativas de formação de professores. Rio de Janeiro: DP&A; Salvador: UNEB, 2006.

SIMÕES, W.; TORRES, M. R. **Educação do campo**: por uma superação da educação rural no Brasil. Curitiba, 2011.

SONTAG, S. **Sobre fotografia**. São Paulo: Companhia das letras, 2007.

_____. **Ensaio sobre a fotografia**. Trad. Joaquim Paiva. Rio de Janeiro: Arbor, 1981.

THOMPSON, P. **A voz do passado**: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VEIGA, I. P. A. **A prática pedagógica do professor de didática**. Campinas, SP: Papyrus, 1989.

WEIDUSCHADT, P.; FISCHER, B. História oral: aportes teóricos-metodológicos na investigação de trajetórias docentes. In: FERREIRA, M. O. V. (Org.). **Memórias docentes**: abordagens teórico-metodológicas e experiências de investigação. São Leopoldo: Oikos; Brasília: Líber Livro, 2009. p. 66-82.

ANEXOS

ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP



UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SANTA MARIA/ PRÓ-REITORIA
DE PÓS-GRADUAÇÃO E



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Historia de vida de uma professora que ensinou em escolas do campo com classes multisseriadas na região central do RS

Pesquisador: HELENISE SANGOI ANTUNES

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 10767219.5.0000.5346

Instituição Proponente: Universidade Federal de Santa Maria/ Pró-Reitoria de Pós-Graduação e

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.257.522

Apresentação do Projeto:

Projeto de pesquisa vinculado ao PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MESTRADO EM EDUCAÇÃO. Com abordagem qualitativa este projeto de qualificação de dissertação está vinculado ao Curso de Pós Graduação de Mestrado em Educação e a linha de pesquisa LP1 Formação de Professores, Saberes e Desenvolvimento Profissional o qual tem por objetivo investigar a formação inicial de uma professora que atuou na escola multisseriada. Como metodologia de pesquisa optou-se por uma abordagem qualitativa. Como instrumento de coleta de informações utiliza-se entrevistas narrativas, relatos(auto)biográficos, registros sobre a prática docente, diários de campo e fotos. A colaboradora da pesquisa faz parte do ciclo de alfabetização, demonstra interesse em participar da pesquisa e já atuava em classes multisseriadas ao longo da sua trajetória formativa. Para alcançar os objetivos específicos é necessário conhecer as trajetórias formativas da professora alfabetizadora, descrever como são as classes multisseriadas e o impacto das mesmas na atuação docente. Para alcançar os objetivos, foi necessário realizar uma revisão de literatura com as palavras-chaves: formação docente e classes multisseriadas, além de pesquisas bibliográficas. Para o desenvolvimento da fundamentação teórica utilizou-se os seguintes autores: Arroyo (2006), Souza (2012, 2014), Antunes (2011, 2017 e 2018), Minayo (1994,2012),Paulilo (1999), Pimentel (2007), Lüdke; André (2001), Lück (2006), Libâneo (2001), Santos (2009), Souza, Meirelles (2014), Chizotti (1991), Bogdan, Biklen (2000),Queiroz (1988), Camargo (1984), Morais; Paviani (2009), Nóvoa (1989, 1995, 2000),Freire (2001), Araújo (2006), Reis (2010), Simões, Torres (2001), Leite

Endereço: Av. Roraima, 1000 - prédio da Reitoria - 2º andar
Bairro: Camobi CEP: 97.105-970
UF: RS Município: SANTA MARIA E-mail: cep.ufsm@gmail.com
Telefone: (55)3220-9362



UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SANTA MARIA/ PRÓ-REITORIA
DE PÓS-GRADUAÇÃO E



Continuação do Parecer: 3.257/522

(1999), Gil (2008), Hage (2010) e Rocha; Hage (2010). A oportunidade de pesquisar sobre a temática vai me proporcionar encontrar a resposta para a minha pergunta norteadora: qual é a formação que a professora recebeu para atuar na escola multisseriada e o impacto deste processo formativo nas suas práticas docentes no ciclo de alfabetização? Diante disso, saliento que todas essas vivências e experiências têm me proporcionado refletir sobre a minha formação continuada, a qual faz com que eu esteja em um processo de crescimento como pesquisadora e como pessoa.

Essa investigação será realizada na Escola Municipal de Ensino Fundamental Pedro Kunz, localizada na zona rural de Santa Maria, no Distrito de Pains, rua Augusto Kunz, número 480, no bairro Passo das Tropas. Entrevistas com a professora que atuou nas classes multisseriadas. Nosso objetivo é analisar as experiências da profissional. Com essa experiência, poderemos elaborar reflexões sobre as histórias narradas desses profissionais e fazer com que esses interlocutores façam observações de suas práticas. Também será utilizado o registro diário desses profissionais como um suporte durante a análise das informações de cada história. Para conseguirmos o acesso das histórias de vida dessa professora participante da pesquisa, vamos utilizar para coleta de informações os seguintes instrumentos: entrevistas narrativas, relatos (auto)biográficos, registros sobre a prática docente, diários de campo e fotos. A pesquisa (auto)biográfica segundo Abrahão (2004, p.202) "é uma forma de histórias autorreferente, portanto plena de significado, em que o sujeito se desvela, para si, e se revela para os demais". Essa forma de pesquisa proporciona que o colaborador faça um exercício de rememorar o que ocorreu em sua trajetória formativa e de vida.

Objetivo da Pesquisa:

Investigar a formação inicial de uma professora que atuou na escola multisseriada.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Os benefícios que esperamos como estudo são de valorizar a trajetória de vida da colaboradora, assim como trará maior conhecimento sobre o tema abordado. A coleta de informações junto à colaboradora da pesquisa, não representará riscos, psicológico, moral ou de ordem física, mas poderá causar algum desconforto emocional em virtude de se tratar de história de vida."

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Endereço: Av. Roraima, 1000 - prédio da Reitoria - 2º andar
Bairro: Camobi CEP: 97.105-970
UF: RS Município: SANTA MARIA
Telefone: (55)3220-9362 E-mail: cep.ufsm@gmail.com



Continuação do Parecer 3.257/2019

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Foram apresentados de modo suficiente.

Recomendações:

Veja no site do CEP - <http://w3.ufsm.br/nucleodecomites/index.php/cep> - na aba "orientações gerais", modelos e orientações para apresentação dos documentos. ACOMPANHE AS ORIENTAÇÕES DISPONÍVEIS, EVITE PENDÊNCIAS E AGILIZE A TRAMITAÇÃO DO SEU PROJETO.

O prazo de respostas às pendências é de 30 dias. Passado esse prazo o projeto é retirado.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

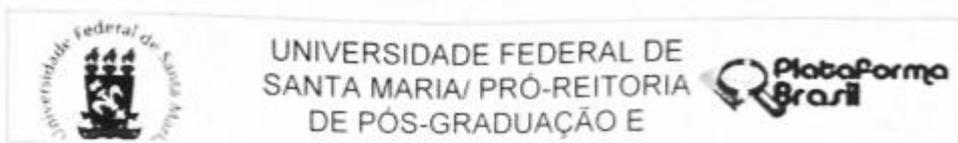
No TCLE consta "Eu Suyan Barcellos Dutra, responsável". Isso deve ser substituído por "Eu Helenise Sangoi Antunes, responsável". O responsável pelo projeto é sempre o orientador.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1323204.pdf	01/04/2019 23:06:16		Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	escola.pdf	01/04/2019 23:05:18	HELENISE SANGOI ANTUNES	Aceito
Outros	texto_.pdf	01/04/2019 23:02:34	HELENISE SANGOI ANTUNES	Aceito
Folha de Rosto	Folha_rosto.pdf	28/03/2019 10:01:22	HELENISE SANGOI ANTUNES	Aceito
Outros	Doc.pdf	28/03/2019 10:00:46	HELENISE SANGOI ANTUNES	Aceito
Outros	Texto_teste.pdf	28/03/2019 09:58:04	HELENISE SANGOI ANTUNES	Aceito
Outros	GAP2.pdf	28/03/2019 09:39:56	HELENISE SANGOI ANTUNES	Aceito
Outros	GAP.pdf	28/03/2019 09:39:32	HELENISE SANGOI ANTUNES	Aceito

Endereço: Av. Roraima, 1000 - prédio da Reitoria - 2º andar
 Bairro: Camobi CEP: 97.105-970
 UF: RS Município: SANTA MARIA E-mail: cep.ufsm@gmail.com
 Telefone: (55)3220-9362



UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SANTA MARIA/ PRÓ-REITORIA
DE PÓS-GRADUAÇÃO E

Continuação do Parecer: 3.257.522

TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_.pdf	28/03/2019 09:38:27	HELENISE SANGOI ANTUNES	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_completo.pdf	28/03/2019 09:37:57	HELENISE SANGOI ANTUNES	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SANTA MARIA, 10 de Abril de 2019

Assinado por:
CLAUDEMIR DE QUADROS
(Coordenador(a))

Endereço: Av. Roraima, 1000 - prédio da Reitoria - 2º andar
Bairro: Camobi CEP: 97.105-970
UF: RS Município: SANTA MARIA
Telefone: (55)3220-9362 E-mail: cep.ufsm@gmail.com

ANEXO B – ENTREVISTA NARRATIVA VIA TÓPICOS-GUIA

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CURSO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

Entrevista Narrativa

Nome Completo:

Data de Nascimento:

Formação:

Cargo/Atuação:

-“Primeiros contatos com a classe multisseriada”

-“Percurso formativo e desafios da docência nas classes multisseriadas”

-“Lembranças das práticas docentes realizadas em classes multisseriadas”

-“Desejo de ser professora em classe multisseriada”

-“Desafios e conquistas no trabalho com classes multisseriadas”

ANEXO C – QUADRO DE ANÁLISE

Início da Carreira

Minha vida sempre foi muito humilde, nunca me faltou nada, mas era tudo com muito sacrifício eu comecei a trabalhar muito cedo pra minha subsistência. Com dezesseis anos eu já tinha minha família que era minha mãe e meus dois irmãos. Meu pai faleceu quando eu tinha 15 anos, funcionário do correio, ele se aposentou por invalidez, faleceu com tuberculose. Um irmão que eu perdi com 25 anos que estava se formando em engenharia ambiental e minha irmã adolescente e minha mãe semi-analfabeta. (Professora Suzana, entrevista narrativa, 2019).

Foi muito difícil, quando comecei o meu dinheiro já era certo pra minha família e um pouquinho pra mim, no começo uma trajetória bem puxada. Eu sempre trabalhei, fazendo bicos antes de trabalhar com carteira assinada. Trabalhei em diferentes lugares. (Professora Suzana, entrevista narrativa, 2019).

Eu sou a filha mais velha, então minha mãe me disse que eu tinha que trabalhar, porque a minha mãe não conseguia sustentar meus irmãos e eu estudando. Somente com os lavabos, eu trabalhei com indicação de um amigo do meu pai no fórum. Depois trabalhei na Lang e datilografava todos as correspondências dele, depois fui trabalhar numa cooperativa onde eu fazia muita coisa lá, fiquei nessa cooperativa por 16 anos. Só sai de lá quando eu passei na pedagogia, eu trabalhava de segunda a sábado. (Professora Suzana, entrevista narrativa, 2019).

Me formei e comecei trabalhando no Centenário, trabalhando no pré-b, substituindo uma professora que estava de licença maternidade, fiquei todo o semestre, nesse tempo eu fiz concurso pra rede municipal para os anos iniciais. Eu larguei lá e comecei a trabalhar na rede, eu peguei 20 horas, mas trabalhava 40 horas, porque eu trabalhava como professora num turno e no outro eu trabalhava de coordenadora. Fiquei mais de 10 anos na escola Lindovíneo trabalhando. Depois fiz a especialização. Trabalhei numa creche do município. Me chamaram para trabalhar na secretária na parte de orientação educacional. Assumi a direção do Adelmo. eu não queria mais trabalhar na direção. Nesse tempo eu já estava cursando psicologia. No Santa Cecília, trabalhei na coordenação e sala de aula, depois fui para o Chacará das Flores e fiquei seis anos na direção, daí voltei para o Santa Cecília até fechar a escola. Depois me convidaram para ir no Giacomo. Todos os lugares sempre me acolheram e confiaram no meu potencial, todos os processos foram importantes para a minha trajetória, sou grata a Deus por ter passado por todas essas etapas que me fizeram crescer pessoalmente e profissionalmente.

É toda uma trajetória de não querer ser superior a ninguém. Sempre temos o apoio e incentivo de algumas pessoas. A idade quem faz é a pessoa.

Comecei na escola Santa Cecília. Aí nessa oportunidade quando fui pra lá eu peguei uma multisseriada de terceiro e quinto junto. Foi um desafio bem grande, mas na verdade foi enriquecedor, pra mim foi muito enriquecedor aquele trabalho. Porque foi a primeira vez, que eu me deparo com turma multisseriada. (Professora Suzana, entrevista narrativa, 2019).

Eu havia saído da secretaria da educação, trabalhava na secretaria, eu trabalhava na coordenação pedagógica. Eu fui pra lá, no santa Cecília, trabalhei aquele ano com quinto e terceiro, depois segundo e terceiro, enfim fui indo. (Professora Suzana, entrevista narrativa, 2019).

Depois eu sai de lá, e fui convidada para assumir a vice-direção do colégio Adelmo Simas Genro, lá em cima no Alto da boa vista. Fui trabalhar lá, como vice-diretora da escola, fiquei por três anos. Depois saí de lá. Fui convidada para ir para outra escola Chácara das Flores. Quando cheguei na secretaria me falaram que o prefeito queria falar comigo. Cheguei lá para falar com o prefeito. Ele me convidou para ir para o Chácara como diretora. Meu deus do céu! (ênfase da professora). Eu estava saindo de um, que eu não queria, mais gestão. Queria fazer o que faço que é ser professora. (Professora Suzana, entrevista narrativa, 2019).

Eu fui para o Chacará, eu sabia que havia uma diretora eleita só que eu não entendi o porquê daquilo. Me explicaram que houve uma questão toda. Eu também não me interessei em saber. Assumi a escola, na época era eu e o professor Claudio. Fiquei seis anos lá, primeira e segunda gestão lá. Na terceira eu falei não quero mais gestão, quero ser professora. Mas nesse tempo eu fiz psicologia, que sempre foi meu sonho de fazer. Porque eu sou orientadora educacional. Meu chão assim é com aluno direto, é sala de aula é essa coisa bem com aluno mesmo. Nesse tempo fiz psicologia, me

formei em 2013. Foi quando vim pra cá, até então fiquei um pouco em outras escolas, um pouquinho, mas na verdade, a diretora daqui que é a Tania que trabalhamos juntas no Santa Cecília, me chamou e convidou para vir pra cá, com ela. Porque a escola lá fechou. Daí ela me convidou para vir (vamos pra lá, comigo!), mas eu disse que queria sala de aula. Ela disse: tá. Eu peguei uma multisseriada de segundo e terceiro e um quarto ano na parte da manhã. (Professora Suzana, entrevista narrativa, 2019).

Essa é a minha trajetória e eu estou aqui até hoje. Esse ano não estou com multisseriada, ano passado eu tive uma turma. Estou agora com um quarto ano de manhã e segundo na parte da tarde. Minha trajetória com as multisseriadas até ano passado. (Professora Suzana, entrevista narrativa, 2019).

Foi um desafio muito grande, muito grande (ênfase) trabalhar em classes multisseriadas, eu só conhecia a multisseriadas através das leituras. (Professora Suzana, entrevista narrativa, 2019).

Eu já me aposentei de um dos concursos do município o primeiro eu entrei em 88 e no outro em 92 que é o que eu estou até agora, já era para ter me aposentado, mas como trabalhei quatro anos na secretaria tenho que trabalhar mais quatro para fechar trinta, porque eu não me aposento com vinte e cinco. (Professora Suzana, entrevista narrativa, 2019).

No momento que eu tenho uma outra profissão eu tenho muita vontade de exercer, eu já tive meu consultório, logo que eu me formei eu tive meu consultório de psicologia, com meu marido e eu fiquei um ano e meio com ele, mas eu não estava dando conta da coisa. Porque eu saía daqui às cinco horas e atendia até a hora que fechava o comércio, então eu agendava no máximo dois pacientes. (Professora Suzana, entrevista narrativa, 2019).

Eu saía da escola cansada, dormindo no máximo seis horas, tem dias que você sai exausta daqui. A pessoa vai para uma escuta e eu que estou precisando, mas, não é? (risos). Eu tenho que ser honesta... Eu desisti e fechei. Eu quero voltar a fazer isso, eu quero muito voltar, porque foi um sonho que eu realizei fazer a psicologia. Aliás eu penso, em voltar. Meu marido não gosta nem de ouvir, “negro eu quero fazer, continuar os estudos”, porque eu quero continuar meus estudos na psicologia, fazer mestrado alguma coisa, porque pós-graduação, eu já fiz. (Professora Suzana, entrevista narrativa, 2019).

Eu nunca paro, nunca, nunca. Eu sempre tô achando que preciso mais, que eu não tô conseguindo, que a demanda exige que eu vá além. Eu falo que vou encarar o mestrado e meu marido fala que chega, pelo amor de Deus. Até minhas noras falam para parar e passear. Eu digo que tem as férias e o recesso para viajar. (Professora Suzana, entrevista narrativa, 2019).

Formação Inicial

Eu tenho pedagogia anos iniciais, tenho formação em educação infantil, depois eu fiz a especialização em educação, orientação educacional pela universidade. Fiz vários cursos, fiz da OMEP, para trabalhar com a educação infantil, depois cursei Psicologia na Ulbra em 1997. A psicologia eu não atuo no momento, tinha pacientes, mas eu não conseguia ser professora e me dedicar como psicóloga também, porque são demandas completamente diferentes. (Professora Suzana, entrevista narrativa, 2019).

O que me encanta é estudar! Me faz, falta, isso! É como um gás na vida da gente. (Professora Suzana, entrevista narrativa, 2019).

Primeiros contatos com a classe multisseriada

Eu não recebi nenhuma formação, quando eu comecei até meio que me assustei porque peguei uma turma de terceiro e quinto ano de uma escola que nem tem mais o Santa Cecília. Eu meio que me assustei, como vou dar conta disso? Eu entrei com muita vontade e eu gostava do lugar, um lugar lindo, com muita tranquilidade, as pessoas eram muito carinhosas, queridas pra mim. Eu me sentia tão bem e fui acolhida pela comunidade e aquilo foi a minha força. (Professora Suzana, entrevista narrativa, 2019).

O PNAIC naquele tempo tinha o PNAIC, até a tua orientadora que é uma pessoa que eu adoro, eu admiro essa pessoa Helenise Sangoi. Eu acompanhei toda o processo dela quando estava na secretaria. Ela participava e tínhamos encontros fantásticos, de apoio, trocas, informação, formação era dali que eu tirava força e junto com meus alunos, pais e equipe diretiva teve todo um contexto que me ajudou que caminhou comigo. Por que às vezes você fica muito fragilizada, eu fazia grupos:

quinto ano e terceiro eu trabalhava com monitoria. Os do quinto monitorava os do terceiro para que se ajudassem e isso era maravilhoso. (Professora Suzana, entrevista narrativa, 2019).

Desafios das turmas multisseriadas

Claro que tem as questões de fragilidades, limitações, a gente reconhece tudo isso. Mas tudo supera, os desafios da multisseriada, o quanto tu busca estratégias para poder contemplar todas as necessidades da turma multisseriada. Que não é somente da aprendizagem do saber, cognição, mas outros que eles precisam também essa parte emocional, relacional, emocional, alunos estressados é uma gama de diversidade naquele ambiente que tu tens que saber como se articular e buscar estratégias. (Professora Suzana, entrevista narrativa, 2019)

Mas é uma superação e aprendizado. Até pra minha vida é um aprendizado, que tu aprende com o aluno que tem uma outra perspectiva de vida. (Professora Suzana, entrevista narrativa, 2019).

Planejamentos das aulas

Nós não temos planejamento. Nós trabalhamos de segunda a sexta, com o sábado (às vezes), sem nenhum dia de planejamento, nada não têm planejamento, é direto. Eu trabalho 40 horas manhã e tarde direto toda semana. Nós temos um cronograma e temos aula ao menos uma vez no sábado. (Professora Suzana, entrevista narrativa, 2019).

Pra tu dar uma saidinha para uma consulta, dentista pra qualquer coisa é um sufoco. Tu têm que te organizar, avisar antes, pra ou ficar diretora ou coordenadora ou enfim na sala. E o planejamento da gente nas horas que estamos em casa, no final de semana. Eu sou uma pessoa que eu digo para as gurias que é muito raro a noite que eu vou dormir antes da uma ou duas da manhã. Todos os dias! (Professora Suzana, entrevista narrativa, 2019).

Meu percurso é muito longo para eu chegar até a escola, porque eu moro no outro lado da cidade. Para vir até a escola eu dependo do executivo que me traz até a escola. À tardinha eu vou de carona até o centro com as minhas colegas. (Professora Suzana, entrevista narrativa, 2019).

Aqui na escola entramos às oito horas da manhã e saio às cinco da tarde. Vou de carona até o centro e depois pego o meu ônibus no centro e vou pra casa. Eu gosto muito daqui, é um lugar que eu gosto mesmo. Eu gosto dessa realidade assim, campeira, simples, acolhedora, mais humano, afetivo, sincero. (Professora Suzana, entrevista narrativa, 2019).

Interação professor aluno e interação com os colegas

Tenho aprendido muito com meus colegas, porque parece-me, que tem momentos que o sentimento vem muito maternal e isso não é legal. Eu não posso ter esse sentimento maternal. Tenho que ter um sentimento humano, mas de professor. Eu estou ali pra que? Para dar uma orientação, para explicar o que não sabe. (Professora Suzana, entrevista narrativa, 2019)

Eu já melhorei bastante, porque eu sou uma pessoa muito afetiva. Mas na caminhada a gente aprende a exercer realmente o nosso papel. (Professora Suzana, entrevista narrativa, 2019)

Às vezes tem crianças que a gente se depara aqui que são muito carentes e ao mesmo tempo às vezes existe também a falta de limites, não é tanto aqui no campo, como eu digo, na escola do campo. A comunidade da escola do campo, as crianças da escola do campo, são diferentes das crianças que a gente trabalha na cidade em termos de comportamento. É muito raro alguém falar um palavrão, pode até falar ou escrever, mas é muito raro. Tu sabes que na escola da cidade é algo comum, hoje em dia, certas atitudes é comum. Aqui não... é mais tranquilo mais calma. (Professora Suzana, entrevista narrativa, 2019).

É um diferencial que te atrai, eles precisam de outras coisas, entende? Claro que tem crianças que não tem limite, mas que você vai trabalhando e chamando os pais e vai conversado e tu consegue. Eu nunca tive problema assim, com aluno. (Professora Suzana, entrevista narrativa, 2019).

Eu chego na escola, eu abraço, vejo aquelas carinhas, faço a roda de conversa e eles conversam sobre as questões deles. As mães conversam comigo, os alunos antigos estão sempre me abraçando e mandam mensagem no whatsapp. A gente sempre conversou muito e eu sempre escutei eles. Eu amo isso, aqui na escola do campo tem esse tempo, e quando as gurias são muito colegas, então quando elas percebem que tem alguma questão, uma pega turma, vai ali, fica dando uma olhada, as crianças colaboram no que é possível, porque são crianças, são crianças amáveis, coisa mais linda. Se você for na minha casa eu tenho um escritório, com caixas e mais caixas com bilhetes dessas crianças que eu não consigo me desfazer. Porque tem cada coisa linda escrita, que eles escrevem, pra mim não existe presente melhor na vida. (Professora Suzana, entrevista narrativa, 2019).

Eu não falo de aluno para pai sozinha, o aluno vai comigo e ele que fala para o pai o que acontece na sala de aula eu só vou ajudar ele a lembrar. Eu digo você vai falar para teu pai o que está acontecendo. Eu tenho uma ficha que nela eu coloco itens sobre o que aconteceu no dia, pontuando itens. Colocando o que ocorreu na sala de aula. (Professora Suzana, entrevista narrativa, 2019).

Cada dia eu me encanto mais, cada dia eu fico mais apaixonada, meu marido diz: quando que eu vou parar, eu digo: não sei. Um dia eu vou ter que parar, claro que vou ter que parar, né. Mas cada vez eu me encanto, tá difícil? Tá, se eu falar disser tá fácil é mentira. Não tá difícil só pra mim, tá difícil pra ti, pra todo mundo. (Professora Suzana, entrevista narrativa, 2019).

Uma coisa que eu sempre faço é chamar os pais direto já faço a reunião com os pais, que é eu, pai e a criança e conversamos sobre tudo. Não tem essa de eu falar sobre o aluno para o pai, nós vamos conversar junto. Tu vai lembrar melhor que a professora, mas nós vamos conversar junto olho no olho, é uma coisa que eu sempre fiz. Sempre tive essa atitude é uma cultura minha. (Professora Suzana, entrevista narrativa, 2019).

Eu adoro eles eu amo eles. O sentimento que tenho pelo meu aluno é muito forte, às vezes eu penso muito será que não estou confundindo o meu lado mãe com o profissional? Meus alunos conversam comigo no WhatsApp e os pais também. (Professora Suzana, entrevista narrativa, 2019).

Quando cheguei, no segundo dia de aula, nesse ano eu não estou com multisseriada. Só estou com uma turma em cada turno. Cheguei e tudo cumprimentei daquele meu jeito de abraçar e beijar e esse é meu jeito de ser. Acho que isso não vai tirar o pedaço de ninguém é uma coisa boa. Até porque as mães chegam extremamente estressadas aqui e a gente sente que elas gostam. Cheguei eu e a minha colega e duas mães “professora Suzanna porque a senhora não fica com as duas turmas de novo? Agora tem quase vinte alunos numa turma e dez na outra, expliquei que o número de alunos é muito e que compromete a qualidade do ensino. Mas as mães falam que preferem as turmas juntas. Essa relação entre eles e eu é muito, muito, muito forte. (Professora Suzana, entrevista narrativa, 2019).

Eu acho que sou muito mãezona, mas eu não sei ser diferente. Talvez sejamos um pouco criticada por ser assim, mas quando fiz psicologia meu professor disse que eu tenho que continuar assim, porque é a minha forma de ser. Não tem que se preocupa ar com isso, aprendizagem acontece quando tem essa relação. (Professora Suzana, entrevista narrativa, 2019).

Eu penso agora em me aposentar, não chega dois anos, eu tenho minha licença premium pra tirar, mas ao mesmo tempo eu penso será que não vou sentir falta desse calor, afeto deles? (Professora Suzana, entrevista narrativa, 2019).

Transformação na infraestrutura da escola

Aconteceu toda essa mudança na escola, por causa da firma em Santa Maria a Prosegur. Eles tiveram esse interesse é uma prática deles já de construir ou reformar escolas que estão em situações precárias. A Prosegur veio até a escola, antes eles foram até a secretaria, que eles queriam fazer alguma coisa pela educação. Eles já fazem isso em outros locais, não somente aqui no RS, mas em outros estados, também. (Professora Suzana, entrevista narrativa, 2019).

Foi disponibilizado para eles essa visita as escolas, para eles verificarem quais das escolas que eles escolheriam, para uma reforma. Eles andaram, segundo eles que passaram pra nós que andaram por várias escolas da rede (nós temos 78 escolas, parece que é 78 escolas), aí chegaram aqui e eles ficaram impressionados, chegaram num dia que também estava chovendo e as crianças tinham que sair da sala de aula no pátio sem nenhuma cobertura para ir no banheiro. Eles não imaginavam que tivesse ainda uma escola como a nossa. Eles falaram que não fariam reforma, mas que fariam um prédio novo, porque estava tudo comprometido, muito comprometido. Nós nem acreditávamos no começo. Pois aconteceu! Está aí a escola. Ainda tem muita coisa para fazer, mas olha tá maravilhoso. É um sonho. A comunidade ficou tão feliz, tão feliz, tanto quanto nós, os alunos, que no início nem acreditaram. Que quando viram que começou a construção, meu deus a felicidade desse povo. (Professora Suzana, entrevista narrativa, 2019).

Aqui nós temos da educação infantil pré A e B, até o quinto ano. Agora temos sala para todo mundo, biblioteca (imagina?), nós tínhamos uma secretaria (tu lembra?) que a diretora ficava e ali acontecia tudo. Ali era a sala de professor, refeitório das crianças. Mas tu sabes, é impressionante nós éramos muito felizes ali, mas olha tu não faz ideia! Às vezes, a gente tá recordando assim, esse tempo. Porque nós tínhamos um canto assim, ali do lado que nós guardávamos as coisas do teatro, que usávamos nas apresentações, né. Nós guardávamos tudo empilhadinho com nome, tudo direitinho, mas já estava que não dava para entrar de tanta coisa e a gente fazia apresentações belíssimas,

assim lindas. Que assim, meu deus do céu, da onde saiu tantas coisas. Nós guardávamos tudo ali. (Professora Suzana, entrevista narrativa, 2019).

Então, nós erámos muito felizes, erámos próximas, próximas fisicamente, entendeu? “Tudo junto e misturado como eu digo”. Mas a gente se entendia, era muito bacana, mas é claro que foi bem sofrido, naquela época, porque nós víamos as crianças ali apertados e essa função de sair na chuva, muita lama é uma escola do campo, então tem todas essas questões. Mas assim, nada disso nos impediu de fazer um trabalho, os professores que estão aqui e estiveram, porque alguns já se aposentaram. Que trabalhavam com muita dedicação, envolvimento muito grande, com os alunos, comunidade, conosco mesmo, entre nós. Uma coisa muito forte, algo muito legal. Que é até meio que difícil, quando a escola é maior até mesmo quando é menor isso não acontece. Aqui é muito presente a coisa do olho no olho. (Professora Suzana, entrevista narrativa, 2019).

ANEXO D – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Pesquisadora responsável: Prof^a Dr^a Helenise Sangoi Antunes

Suyan Barcellos Dutra

Termo de consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Título do estudo: História de vida de uma professora que ensinou em escolas do campo com classes multisseriadas na região central do RS.

Pesquisador responsável: Suyan Barcellos Dutra e Dr^a Helenise Sangoi Antunes.

Instituição/Departamento: Universidade Federal de Santa Maria / Programa de Pós-Graduação em Educação.

Telefone e endereço postal eletrônico da pesquisadora: (55)99114-2629.
sussubarcel.dutra@hotmail.com; professora@helenise.com.br.

Local da coleta de dados: Escola Municipal de Ensino Fundamental Pedro Kunz,

Eu Suyan Barcellos Dutra, responsável pela pesquisa História de vida de uma professora que ensinou em escolas do campo com classes multisseriadas na região central do RS, a convidamos a participar como voluntária deste nosso estudo.

Esta pesquisa pretende investigar a firmação inicial da professora que atuou na escola multisseriada; Conhecer as trajetórias formativas da professora alfabetizadora; Descrever como são as classes multisseriadas e o impacto das mesmas na atuação docente. Acreditamos que ela seja importante porque o projeto visa conhecer e discutir informações sobre a realidade que a professora passou em suas classes multisseriadas, localizadas na zona rural do município de Santa Maria. Essas contribuições com suas histórias de vida proporcionarão reflexões sobre a realidade da escola do campo e como é desenvolvida a prática pedagógica desta profissional. Para sua realização será feito o seguinte: entrevista narrativa, relatos (auto)biográficos, registros sobre a prática docente, diários de campo e fotos com a professora que atuou em classes multisseriadas. Sua participação constará de sua participação consistirá na contribuição como colaboradora da pesquisa, contribuindo com sua história de vida, suas lembranças de escola, processos formativos e os seus

primeiros contatos com a classe multisseriada, assim como os percursos formativos e desafios da docência nas classes multisseriadas.

Os benefícios que esperamos como estudo são de valorizar a trajetória de vida da colaboradora, assim como trará maior conhecimento sobre o tema abordado. A coleta de informações junto à colaboradora da pesquisa, não representará riscos, psicológico, moral ou de ordem física, mas poderá causar algum desconforto emocional em virtude de se tratar de história de vida.

Durante todo o período da pesquisa você terá a possibilidade de tirar qualquer dúvida ou pedir qualquer outro esclarecimento. Para isso, entre em contato com algum dos pesquisadores ou com o Comitê de Ética em Pesquisa.

Você tem garantida a possibilidade de não aceitar participar ou de retirar sua permissão a qualquer momento, sem nenhum tipo de prejuízo pela sua decisão.

As informações desta pesquisa serão confidenciais e poderão ser divulgadas, apenas, em eventos ou publicações, sem a divulgação da identidade da colaboradora, a não ser que a mesma autorize a divulgação de seu nome. Também serão utilizadas imagens.

Os gastos necessários para a sua participação na pesquisa serão assumidos pelos pesquisadores.

Autorização

Eu, Suzana Cartier Larangeira, após a leitura ou a escuta da leitura deste documento e ter tido a oportunidade de conversar com o pesquisador responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, estou suficientemente informado, ficando claro para que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetido. Diante do exposto e de espontânea vontade, expresso minha concordância em participar deste estudo e assino este termo em duas vias, uma das quais foi-me entregue.

Assinatura do voluntário

Número da Identidade

Pesquisador responsável

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste sujeito de pesquisa ou representante legal neste estudo.

Santa Maria, ____, de _____ de 2019.

Assinatura do Responsável pelo Estudo

ANEXO E – TERMO DE CEDÊNCIA DE USO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Acadêmica: Suyan Barcellos Dutra

Orientadora: Profª Drª Helenise Sangoi Antunes

CEDÊNCIA DE USO

Eu, _____, portador(a) do RG _____, autorizo a acadêmica do Curso de Mestrado em Educação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Suyan Barcellos Dutra a fazer uso dos direitos autorais para a Dissertação de Mestrado, do Curso de Mestrado em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação, relacionado às minhas fotografias, fotografias do meu acervo pessoal fornecidas à pesquisadora, relatos orais e por escrito, revistas, narrativas, em seus trabalhos acadêmicos, bem como artigos, periódicos, revistas, projetos de extensão, projetos de pesquisa, livros, eventos com comunicações orais, exposições em painéis ou posters, outros meios de comunicação e informação que estejam relacionados à exposição e divulgação do trabalho que está sendo realizado e que foi desenvolvido pelo Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Maria pela própria acadêmica de Pós-Graduação. Sendo que estou de que minha participação nesse trabalho, em especial o de pesquisa, é voluntária e não estarei recebendo gratificação por autorizar os direitos autorais e concordo do uso irrestrito registrado em cartório de exposto acima mencionado.

Colaborador(a) da Pesquisa

Assinatura do Responsável pelo Estudo

ANEXO F – AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL

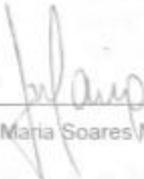
AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL

Eu Tania Maria Soares Moreira, abaixo assinado, responsável pela Escola Municipal de Ensino Fundamental Pedro Kunz, autorizo a realização do estudo história de vida de uma professora que ensinou em escolas do campo com classes multisseriadas na região central do RS, a ser conduzido pela pesquisadora Suyan Barcellos Dutra.

Fui informado, pelo responsável do estudo, sobre as características e objetivos da pesquisa, bem como das atividades que serão realizadas na instituição a qual represento.

Esta instituição está ciente de suas responsabilidades como instituição co-participante do presente projeto de pesquisa e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos sujeitos de pesquisa nela recrutados, dispondo de infra-estrutura necessária para a garantia de tal segurança e bem-estar.

Santa Maria, 19 de março de 2019.


Tania Maria Soares Moreira

Tania M. Soares Moreira
Diretora
Protocolo 2061/2016

Rua Augusto Kunz, 480 Passo das Tropas – Vila Ipiranga, Santa Maria – RS. CEP: 97100-000.

ANEXO G – RELATO (AUTO)BIOGRÁFICO ESCRITO

O mundo passava por uma reconstrução devido a Segunda Guerra Mundial que durou de 1939 a 1945. Os 12 anos de sofrimento deu trégua trazendo o movimento olímpico. O ano - 1948. E no calendário - as Olimpíadas de Londres. No Brasil, o comando estava com Eurico Gaspar Dutra. Sob esse contexto nascia uma gaúcha de Santa Maria, cidade com aproximadamente 350 km de Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul de Walter Jobim - governador do estado. A data - 26 de abril. O local - Hospital de Caridade Astrogildo de Azevedo. “Às 18h, ela nasceu, minha filha Suzana Rosa Cartier pesando 3kg e 600 gramas”, assim dizia sua mãe Alayde Rosa Cartier, uma dona de casa, envolvida com os filhos, cheia de bondade. Seu pai, Raul Nicolas Cartier funcionário dos Correios e Telégrafos. Um aconchego de ternura, bondade, de segurança e simplicidade no seus singelos e puros gestos e silêncios falavam a linguagem maior, do amor.

São incomparáveis, experiências, lindas, com muitos limites, mas, sobretudo desejadas e vividas envoltas de carinho, conversas longas com minha mãe, orgulho do pai. Momentos de uma época das mais prazerosas e estimulantes, alicerce de respeito, superação, fé e amor para o resto da vida. Ele não sabia que, talvez, as Olimpíadas de Londres, uns anos à frente poderia servir de referência, afinal o vôlei foi uma das suas paixões, assim como, seu engajamento com ações humanitárias. Sempre tive vontade de jogar Vôlei, meu esporte preferido. Quando fui convidada para fazer parte do time da escola fique radiante, minha autoestima foi para o alto.

Falando nisso, por pouco ela não nasceu junto da criação do Centro de Estudos e Defesa do Petróleo, criado no Rio de Janeiro cinco dias antes de seu nascimento, marcando o início da campanha “O Petróleo é Nosso”. E tudo que é de todos tem um gosto de conquista. Talvez por isso que na vida adulta optou por trabalhar com o público, mas isso é outro assunto que mais para frente explico.

Voltando - A filha primogênita, cheia de medos, incertezas, fantasmas, fantasias, curiosidades e sonhos sempre foi rodeada de pessoas, em meio a segredinhos com amigas quase irmãs. Como ela mesmo lembra:

“Minha infância foi rica de afeto e olhar carinhoso dos meus pais, com muitos limites, mas e, sobretudo desejadas e vividas com muito amor. Conversas longas com minha mãe, orgulho do papai. Momentos de uma época das mais significativas e estimulante, alicerce de estímulos, respeito, superação, fé e amor para o resto da vida. Amizade de infância é como uma joia preciosa é garimpar até o mais profundo da memória e encontrar bem lá um tesouro que jamais estará à venda, por maior que seja o seu valor! E as brincadeiras de roda, telefone sem fio, passa anel, passa passará, pular corda, andar com os pés descalços na terra.”

A rua Floriano Peixoto em frente à casa 76 serviu de palco para inúmeras brincadeiras, festejos, encontros e muitas histórias como ela mesmo lembra:

Onde morávamos todos se conheciam e tinham uma grande amizade, com toda uma situação econômica difícil, ainda assim conseguíamos nos divertir. No final da tarde a garotada juntavam-se para brincar de roda, de boneca, de bola, cinco Maria, pular corda, andar de pés descalços na terra, conversar e naquele período de final de ano, o mês de dezembro era comemorado com os festejos de Natal único momento do ano que se ganhava presentes; calçados novos, roupas novas, boneca, bola. Brincávamos de roda; cinco marias, passa passará, pega-pega. A missa aos domingos era um encontro festivo e nesta data tudo era então imperdível.

Logo nasceu seu irmão Suami, um menino inteligente e muito amigo de todos, sorridente, alegre solidário, humano, bonachão. Porém o mesmo irmão que servia de companhia e proteção deixou-a precocemente ao tentar salvar pessoas que simulavam afogamento, meu irmão não conseguiu e então para ele, foi a finitude. Que dor! Logo em seguida nasceu sua irmã Suzete, companheira e amiga até hoje, uma menina esperta de olhos graúdos e cabelos cacheados, no entanto, frágil e com alguns problemas de saúde. Hoje nosso orgulho, exemplo de mulher; autêntica forte, corajosa, esposa e mãe de três sobrinhos iluminados, desaine da beleza.

No ano 1955 iniciou os estudos na Escola Estadual João Belém que até hoje faz parte do imaginário de muitas pessoas. Como o tempo passa... Recordo-me do primeiro dia de aula dos primeiros anos escolares... Um arrepio que sentia na minha barriga e uma vontade enorme de não largar aquele cordão umbilical que me ligava à minha família, a minha casa! Em alguns momentos chorava e pedia a minha mãe que me desse mais um dia... aquelas chantagens que qualquer criança de 7 anos sabe

muito bem fazer... Tenho a certeza que minha mãe ficava com um enorme aperto no coração (pois já o senti), mas não havia hipótese... estava na hora de estudar para ser alguém na vida, me fazer à vida... Depois... Depois, tudo se entranhava... tudo passava a fazer parte...E aí tudo só iniciou.

E encantou...

Iniciei os estudos a alfabetização na Escola Estadual João Belém com 7 anos e fiquei nesta escola até terminar o primário. Lembro-me como se fosse hoje a minha primeira professora Dona Ilda seus ensinamentos ainda carrego no ouvido e no coração. Amada! Na escola aprendíamos a ler e escrever, mas também pintar, dançar, participava de um grupo de danças gaúchas. Eu adorava marchar dia 7 de setembro, sempre saía num grupo especial com roupa diferente, me sentia tão bem, em todos os eventos que aconteciam eu gostava de estar presente tanto no colégio como na igreja, onde participei do coral, estudei o catecismo, fiz a primeira comunhão, a crisma, frequentava as missas aos domingos. Belas lembranças!

Dona Alayde dizia que esse jeito vaidoso, exibicionista e de gosto pela leitura tinha puxado ao pai. E não é que é verdade! Sempre teve muito apreço pelo ambiente escolar. Sem contar o gosto pelo samba, pois parece coincidência, mas, foi no ano do seu nascimento que foi fundada a Escola de Samba Beija flor, até hoje sua escola de coração.

Em 1961, aflora uma nova fase da minha vida, a adolescência, início o ginásio no Colégio Estadual Cilon Rosa (1961 a 1964) estudei da 1ª à 4ª série ginasial, neste estabelecimento de ensino as alunas eram na sua maioria adolescente e algumas já eram minhas conhecidas, por que a escola era próxima do bairro em que eu morava. Achei tão estranho nesta escola a troca de professores, não existia um contato mais próximo nem do professor e nem do aluno a não ser no contra turno que íamos em pequenos grupos para as diferentes oficinas, termo da época.

O estudante tem que se virar para aprender e acompanhar. Durante esse tempo que estive nesta escola, aprendi pintura, bordar, crochê, fazer flores de tecido, organizar uma mesa para refeição, cantar em coral.

“Foi nesse tempo que comecei a namorar, (escondido dos meus pais...), com 13 anos, um rapaz de 16 anos, que é meu esposo até hoje. Era um jovem rapaz, me encantei e continuo encantada, que me fez ver o mundo com sonhos, mas real que percebe que a vida é tudo sobre altos e baixos. Este homem que sabe que se você puder compartilhar seu sofrimento com ele, tudo será mais fácil. Que independentemente da situação. Ele está feliz por estar ao meu lado, independentemente do que aconteça; ele está sempre lá através de seus prazeres e lutas; e você sempre pode contar com ele.

“

Neste período ginasial eu achava maravilhoso, quando tínhamos que ensaiar cânticos para apresentação na Igreja Catedral, um aprendizado. Lembrando que na escola havia o coral que se apresentava nesta igreja matriz da nossa cidade.

Concluí o ginásio e então, perdi meu pai, enfermo com problemas sérios respiratório não superou tais dificuldades veio a óbito. Uma grande lacuna!

Já era noiva, mas, meu sonho era continuar os estudos, sempre fui apaixonada pelas novas descobertas, pesquisas, conhecer novos horizontes, bastante curiosa. As circunstâncias do momento me solicitaram um tempo quando minha mãe, uma mulher forte e grandiosa mas fragilizada com a ausência do meu pai chegou para mim com seu jeito doce e amoroso e disse: “ Filha agora somos só nós tu, teus irmãos e eu, preciso da tua ajuda como filha, irmã mais velha, conto com a tua colaboração, terás que trabalhar pois não sei o quê será de nós, o salário do teu pai não era muito, e agora não sei como vai ficar e nem quando vou receber, tem o aluguel da casa, a alimentação de vocês terás que trabalhar”. Foi um divisor de águas, naquele momento não consegui entender muito bem, fiquei pensativa muitos dias, trabalhar onde? Fazer o quê? Parar de estudar deixar de fazer o que mais gosto?

Iniciei num conceituado atelier de moda como auxiliar de costura. Permaneci neste trabalho por pouco tempo pois, participei de uma seleção para uma vaga de secretária numa loja comercial de Santa Maria e então fui selecionada e passei a trabalhar neste local.

Então com 17 anos, fui convidada por um dos diretores da Cooperativa Popular de Consumo de Santa Maria para fazer parte do quadro de funcionários deste estabelecimento. Aí realizei trabalho como balconista, auxiliar de escritório, caixa, gerente de caixa e eventualmente gerente de loja por 16 anos. Muitas e belas amizades conquistei neste lugar que as tenho até hoje. Para maioria sou a Suzaninha da cooperativa.

Durante este tempo de atividades nesta instituição aconteceu meu casamento com meu namorado citado acima, o nascimento dos meus quatro filhos, Sandro, Alexandre, Eduardo e Felipe. Fui mãe aos 18 anos, era quase uma menina, ainda adolescente. Foi a realização de um desejo sempre presente no meu íntimo, Ser Mãe. É a redescoberta de um novo mundo. No entanto refletir como conseguir se munir de ferramentas suficientes para lidar com tudo isso, imaginava. Uma trabalhadora que precisa equilibrar a vida pessoal, casada, de dona de casa e profissional me via como uma malabarista na corda bamba, mas, não me assustei, meu marido sempre ao meu lado e minha família. Enfim, minhas crianças foram crescendo, saudáveis, lindas, inteligentes e compreensivas sobretudo amorosas. Uma benção divina. Ser mãe é dar um sentido novo à tudo.

Veio a realização do curso Científico noturno no Colégio Estadual Manoel Ribas (lembro que saía do trabalho e ia direto para a escola, quando chegava em casa, jantava, namorava quando os filhos dormiam antes e estudava um pouco até 2 horas da madrugada). Nas segundas -feira pela manhã havia uma folga então era o momento da atenção total para meus filhos. Minha saudosa admirável e inesquecível mãe ficava com eles nas minhas ausências e uma auxiliar doméstica. Tempo corrido, eu e meu marido muito jovens, muita energia, grandes possibilidades.

Vem a realização do vestibular na UFSM para o curso de Fonoaudiologia não consegui... E agora o que fazer, sem possibilidade de cursar um pré-vestibular busquei Pedagogia.

Ao ingressar na graduação em 1982 deixei o trabalho na Cooperativa Popular de Consumo para dedicar-me somente ao curso superior. Confesso que este corte não foi tão fácil assim mas, meu desejo de continuar os estudos sempre muito presente e fortemente no meu caminhar.

Ao concluir o curso de Pedagogia em 1985 logo ingressei no curso de Formação em Educação Infantil pela OMEP Organização Mundial para a Educação Pré-Escolar.

Iniciei meu trabalho docente no ano de 1987 quando participei de uma seleção para professor de Pré escola no Colégio Centenário. Aprovada atuei como professora nesta instituição por um semestre pois já buscava ingresso na rede pública. Prestei concurso para o magistério público municipal de Santa Maria em 1987 obtendo aprovação e a nomeação logo após. Em 1988 fui nomeada professora dos anos iniciais na rede municipal de ensino de santa maria. No ano de 1991 novamente participei de concurso seletivo para Educação Infantil tendo sido aprovada e nomeada em 1992. E lá se vão, trinta e um anos como professora nesta instituição. Cursei a Pós-Graduação em nível de especialização em Educação - Orientação Educacional na UFSM.

Relato humanizado - Perda da Vó em 93. Como foi tudo? Como foi testemunhar o desencarne do seu pai, do seu irmão, do seu sobrinho-filho Fabricio, da sua mãe? Conta como foi viver isso? Como foi o desencarne de cada um?

No ano de 2013, após aprovação no vestibular na ULBRA Santa Maria ingressei no curso de Psicologia me graduando no ano de 2013, Psicóloga. A realização de um grande sonho.

“Devemos não somente nos defender, mas também nos afirmar, e nos afirmar não somente enquanto identidades, mas enquanto força criativa” Michael Foucault.

Durante este percurso, como professora da rede municipal desempenhei as funções;

Professora de Educação Infantil, nas escolas Colégio Metodista Centenário, EMEI Zahie Bered Farret, classe de Educação Infantil na EMEF Miguel Beltrame, Anos Iniciais; EMEF Lidovino Fanton, EMEF Euclides da Cunha, EMEF Santa Cecília, EMEF Diácono João Luiz Pozzobom, EMEF Pedro Kunz.

Coordenadora Pedagógica dos Anos Iniciais nas escolas; EMEF Lidovino Fanton, EMEF Santa Cecília;

Coordenadora de Ensino da Orientação Educacional na Secretaria Municipal de Educação de Santa Maria,

Vice Direção de escola EMEF Adelmo Simas Genro

Direção de escola EMEF Chácara das Flores.

Que bom reviver estas lembranças singelas ao mesmo tempo grandiosas, doces e de quão significado... É de uma riqueza ter tido estas vivências e seguir tocando o valiosíssimo exercício de viver, conviver, aprender, reaprender, sentir. De ter tido a possibilidade de contar um pouquinho desta história que faz de mim, que vive comigo em minhas memórias e que me fez e faz quem hoje sou. Fortalecimento, Gratidão e Aprendizagem sempre!

A experiência de ser professora me orgulha muito, tenho muita paixão pelo que faço... Amo meus alunos! Sou alguém que busca antes de qualquer coisa ser fiel ao meu coração, no entanto, em

muitos momentos me percebo vacilante buscando o equilíbrio entre o sonhar demais e ter os pés no chão. Então, busco conforto, e quem não busca, mas bem mais que o material, busco conforto espiritual, a quietude da alma!!! O contato amoroso com o outro, o estar com o outro faz encontrar o que busco, assim como o conhecimento, amplia minha visão interior e externa a do meu mundo. A propósito relembro Madalena Freire quando diz em uma mensagem para os professores; Estar vivo é estar em conflito permanente, produzindo dúvidas, certezas questionáveis. Estar vivo é assumir a Educação do sonho do cotidiano.